MARIO DE ALMEIDA

O CLARÃO DA EPOPEIA

O Clarão da epopeia

DO MESMO AUCTOR:

Dó Sustenido—(1 acto em verso) Th. Nacional—1910.

A arte grega e o mar—(dissertação de concurso)—1912.

Lisboa do Romantismo—1917.

A Cidade-formiga—1918.

O Clarão da epopeia—1919.

MARIO DE ALMEIDA

O Clarão da Epopeia

(IMPRESSÕES DA GUERRA)

PORTUGALIA EDITORA. — 1919.
R. NOVA DO CARMO, 75 — LISBOA.

Le ciel sourit,
Le champ fleurit:
La mort moissonne.

VILLON.

Ao illustre jornalista

Senhor

Manuel Guimarães

Tive a honra de ser convidado pelo senhor Manuel Guimarães, illustre Director do jornal de Lisboa «A Capital», a ir á frente de batalha, em serviço de reportagem. O resultado d'essa missão foi este livro. Não podia deixar de escrever, logo nas suas primeiras paginas, o nome do distinctissimo jornalista a quem fiquei devendo algumas das mais vibrantes e impereciveis emmoções da minha vida.

Hendaya - Paris

Quasi pelas nove horas da manhã a revisora passou ao longo dos corredores. E para dentro de cada compartimento, n'uma voz dolente e quebrada de quem não dormiu, deixava cahir:

— *Yvry-sur-Seine... Dix minutes á Paris...*

O aviso ia-se sumindo, cada vez mais indistincto no trepidar do trem que fazia latejar a todo o instante as placas girantes dos apeadeiros. Em deredor, os meus cinco companheiros começavam a accordar, remechendo vagamente nos *plaids*. A ingleza que ia a meu lado, dobrou com methodo o seu grande *mackintosh* escossêz. E de novo a voz quebrada se arrastou ao longo das carruagens:

— *Austerlitz... Austerlitz...*

Era já Paris. Um ceu pardo, levemente tinto d'azul, pesava sobre nós. Duas grandes casas isoladas, de granito escuro, riscaram o espaço e logo desappareceram. Agarrando estonteada-

mente nas malas, todos nos agitámos na escuridão d'um tunel. Um silvo agudo rasgou os ares — e pela terceira vez a voz, mais animada, mais cantante, exprimiu:

— *Quai d'Orsay... Quai d'Orsay...*

Por sobre um taboleiro sem fim que circulava lentamente, sumiu-se a minha malêta. Vim encontral-a esperando-me na beira do passeio, cá fóra. Um *chauffeur*, quatro palavras balbuciadas confusamente na azáfama tumultuósa da sahida... Depois um grande silencio calmo ao rodar atravez d'uma ponte. Defronte, o obelisco perfura a amplidão; para a esquerda, as torres do Trocadéro pareciam desenhadas a esfuminho no ceu pejado de nuvens turbulentas. As arvores das Tulherias dobravam n'uma rajada. Sorri, pousado sobre um monte de bagagens. Paris!

Já d'aquella Hendaya longiqua, com as suas côres tão carregadas e tão vivas, como que vista atravez do vidro despolido d'uma camara escura, debruçando-se sobre um mar azul, contemplando perpetuamente os arvorêdos cerrados de Fuenterabia, nada mais restava do que uma recordação fugitiva. Lentamente aquelles montes côr de violeta, onde em cada ravina resôa um pifaro melancolico, acalentando tristezas e soledades, minguaram no horizonte, sumindo-se por fim n'uma confusa mancha de chiméra. e em todo

o resto da tarde, durante a noite toda, fui penetrando devagar, cada vez mais, no amago d'aquella França onde, por toda a parte, o ar ambiente dissipava uma serenidade a um tempo risonha e grave.

Mergulhado no fogo d'um poente magestoso o comboio despegou d'Hendaya, lento atravez d'aquelle enorme parque gascão onde, por entre a confusão apparente d'uma flora liberta em áleas traçadas a esquadro, circula uma multidão que traz as módas e os gostos do *boulevard* des Capucines. É a terra de Cambô e do fecundo Rostand, com o pittoresco luxuoso de Bayonna e de S. João de Luz, repletas, atulhadas, onde formigam os commodistas que o *grôs canon* enerva. Mas largando, sorrateiro, sempre lento, d'aquellas estações onde fervilham os principes e as damas usam com negligencia *toilettes* de dois mil francos, o nosso trem entrou a pouco e pouco na *lande,* tão solitaria, tão pesadamente melancolica na luz triumphal do crepusculo, que logo me lembrou o saudoso Ribatejo na hora grave em que a boiada recolhe e na egrejinha de Vallada tilinta um sino com timidez sob o olhar d'uma grande estrella trémula. Decerto ahi, já transposto o Adour, começava a França da guerra, a França calma e placida entre nobres lutos e nobres lagrimas, — porque, lavrando os campos, aguilhoando á frente d'uma canga ou na rabiça duma charrua,

até ao limite do horizonte infinito, mulheres e creanças, unicamente mulheres e creanças, revolviam a leiva em grandes gestos vagarosos e automaticos, n'um trabalho de onde o espirito estava ausente. No ar limpido, onde por vezes revolteavam espiraes d'um fumo caprichoso, sahido d'alguma herdade cinzenta, esvoaçavam blusas pretas, palpitavam saias pretas, porque toda a vasta planicie trabalhada e fecundada, fazia agir o luto d'uma provincia inteira. O comboio passava rapido, silvando, deixando aperceber fugitivamente, aqui e além, atravez da vidraça dos wagons, ou encostadas a uma cancella ou sentadas na beira dos taludes, faces pallidas, afogadas em blusas sombrias, contemplando sem pensamento as carruagens que rodavam açodadas, na pressa agitada d'aquellas terras do norte onde cahira n'uma tarde de sacrificio o homem que fôra o pae ou o marido. E em Lamothe os wagons suspenderam n'um ermo meio escondido entre lilazes que floriam tardiamente. Um sete e meio jazia sobre o caes, coberto com um largo encerado que apenas lhe deixava adivinhar as formas. Empoleirado n'uma das rodas, um petiz magnificamente louro, embrulhado n'um grande bibe preto, chupava um fructo com os olhos no vágo. Por toda a *gare,* onde começavam brilhando as primeiras luzes, alastrava um socego de templo. A sineta da partida soou pausada e energica como se fôra na elevação da hostia.

A machina arfou outra vez. E de subito a noite cahiu, escondendo em sombras outras sombras errantes e torturadas.

Vagueei pelas carruagens em demanda do wagon-restaurante. O comboio, que partira quasi vasio de Hendaya, ia agora atulhado. Os passageiros eram, na sua maioria, officiaes que regressavam ao *front* depois da sua licença de seis dias. Vi todas as fardas, todas as medalhas, alferes que eram creanças, capitães que puchavam desesperadamente por um bigode que ainda havia de nascer. Um aviador entrou em S. João de Luz, com um cão, sem protesto da revisora. O animal arremeteu, rosnou e aquietou por fim debaixo dos pés da ingleza que se colára á minha ilharga e lia uma novela de Mathew Arnold. Um general de divisão viajava tambem comnosco, uma figura máscula de soldado, cofiando constantemente uma barba cerrada, negra, sem um unico fio branco, com dedos aristocratas, muito finos, onde brilhava um grande e puro rubim. Em La Négrésse escalára o comboio um official americano, alto como Golias, féro e espadaudo. Vim encontral-o no wagon restaurante, em face d'um tremendo e confuso *coktail* onde havia gômos de laranja e talhadas de maçã nadando n'um oceano de rhum da Jamaica. A sua face resplandecia n'um goso vivo. Sentei-me defronte. Contemplando a America, terminava um vago jantar com pão arraçoado, vinho chimerico, sopa

mais do que mediocre e sacharina liquida em guisa d'assucar para amaciar um pessimo café, — quando n'uma rajada, escorregando ao longo dos *rails,* o expresso parou na estação de S. João, em Bordéus. Foi ali, em todo o comprimento do caes que vi pela primeira vez, os *piou-piou* de França, que teem uma historia e teem um passado. Uma companhia sumia-se a perder de vista n'uma perspectiva de calças vermelhas. Por onde teriam rolado, antes de se encontrarem ali, n'aquelle caes, os decididos defensores da França! Talvez no Somme, talvez em Verdun... No movimento estridulo da estação só a companhia desfilava pausadamente. Depois, devagar, despegámos de novo, as luzes de S. João correram ao longo do comboio cada vez mais rapidas, desappareceram por fim quando já mergulhavamos na tréva d'uma noite sem luar. E achei-me outra vez sentado no meu compartimento, rodeado pelos meus companheiros adormecidos já, imitando a ingleza que puzéra na rêde o seu *canotier* e deixára escorregar o seu Arnold onde o cão do aviador descançava o focinho cansado.

Não sei que mysterioso nervosismo me reteve accordado durante longas horas e nunca o meu pensamento correu tanto como então atravez d'aquella terra que trilhava por entre a escuridão e que tanto me habituára a amar na sua clara e lucida litteratura. Em Angoulême, outra

companhia desfilou por sobre o asphalto do caes, em todas as estações vivamente illuminadas um movimento confuso e activo aguardava o trem, espalhava-se para além das estradas, das cidades, onde se presentia uma agitação febril de trabalho apesar da madrugada ir já clareando. E bruscamente, na sombra, um longo e vagaroso comboio passou junto do nosso, transportando peças d'artilharia que erguiam para os céus as suas guélas d'aço — mudas por emquanto. Uma voz rude sibilava ordens imperiosas, perdeu-se lentamente no espaço emquanto na frescura da manhã que galgava, uma facha, cinzenta primeiro, e bem depressa rubra, denunciou n'um reflexo azul, o Loire magestoso, correndo pomposamente por entre fortalezas e castellos onde está escripta na pedra uma gloriosa historia de trinta gerações. Era dia. Mais celere, mais offegante, o expresso corria em direcção a Paris arrastando os seus viajantes indifferentes e adormecidos. O primeiro raio de sol resvalou pela planicie immensa da Beauce, que o genio de Zola formidavelmente pintou em *La Terre*. Depois, arfando mais, trepidando mais, pousou um instante em Les Aubrays, em pleno coração do Orleanêz. Etampes desfilou, desfilou Dourdan. Paris estava já no horizonte, immensa, envolvida ainda em nuvens matinaes e cerradas. Rodámos ainda uma hora. E apenas chegado, logo apurei o ouvido a pesquizar o bombardeamento iso-

chrono do *grôs canon.* Nada, todavia, perturbava os ares. E só para o sul, balanceando-se nas claridades da manhã, um balão captivo observava por sobre as alturas de Passy. Um raio de sol furou de repente as nuvens amalgamadas. E tudo brilhou placidamente, serenamente.

O grande basar

Um dia, ha já mais d'um anno, seis individuos de Nova-York desembarcaram em Paris com varias malêtas de mão e algumas centenas de milhões de dollars. Installaram-se no Hotel Meurice, cumprimentaram as auctoridades, avaliaram, pesaram, compraram o que lhes conveio, mandaram fazer uma incalculavel porção d'impressos a uma grande empreza typographica, adquiriram umas duzias de palacios, e em certa occasião, depois d'um *brandy and soda* matinal, e já vigoroso, escreveram para Washington: — Podem vir.

Mansamente elles vieram e sempre avisados, sempre circumspectos, foram tomando parte na scenographia do grande basar com uma placidez onde sempre se encontrava força e convicção. Na grande cidade, que os acolheu n'uma espectativa benevola, mostraram faces risonhas que faziam lembrar vagamente os rosados presuntos d'York. Depois, mais intimos, mostráram o re-

trato de Suzy, de Mabel ou de Suzannah. Depois mostráram dollars. E justificando essas fortunas maravilhosas, quasi inconcebiveis, patentearam aquella formidavel e engenhosa actividade que a nossa indole de portuguezes apenas pode admirar sem comtudo a comprehender muito bem. Nunca se resignaram a servir, a utilisar fosse o que fosse d'aquillo que os seus alliados francezes puzeram á sua disposição. Todos os botões dos seus uniformes veem da America, tão simplesmente, tão facilmente como as locomotivas da *Dayton's Company,* que lhes chegam desmontadas e que elles immediatamente fazem circular atravez de linhas — que tambem lhes pertencem. Decauville ligeiro que queira galgar um riacho tem a sua ponte que veio já prompta, já pintada, em caixotes, do arsenal de Pensacola. A chave de parafusos que a apparelhou veiu da America, como da America veiu o torneiro que lhe lima as espessuras. Em Paris, n'este momento, existem quatro mil automoveis todos brancos, todos inconfundiveis, todos marcados com as iniciaes U. S. A. e que são *limousines,* são *torpedos,* são *autobus,* são *camions,* e todos transportam unicamente homens ou fazendas americanas. Ainda não fizeram um segundo metropolitano para seu uso — porque ainda não pensaram n'isso. Para aquartelarem unidades de passagem compraram hoteis na linha dos *boulevards.* Como o seu numero

augmentasse prodigiosamente e já as ruas da antiga Cidade-Luz lembrassem o Broodway ou a Lusinton, tambem mandaram vir policia propria, que circula gravemente, de boa harmonia com os seus collegas francezes, de varinha e *kant*, contendo os expansivos e elucidando os extraviados. No grande basar, na Babel heroica, na Babel confusa, são actores os americanos como são americanos os espectadores; o resto constitue um côro anonymo de que é sempre corypheu um alto e desempenado rapagão do Téxas ou do Nebraska. E como do outro lado do grande basar permanecem os inglezes, a bella França está como que um enorme *sandwich* onde o pão fôfo e alvo é fornecido pelos elementos anglo-saxões e o fiambre — saboroso — é constituido pelos francezes...

Ah! O grande basar, a cidade immensa onde em todos os cantos Daudet pesquizava humilimas miserias e o velho Hugo encontrava constantemente silhouetas épicas, — está bem mudada! Paira nos ares a tonitruante Bellôna, com o seu grande escudo redondo, e as suas cnémides de ferro forjado. Não houve *Salon,* não houve *Grand-Prix,* e quantos puderam, escoaram-se mais cedo por todas as praias do littoral e todos os *chateaux* do Berry e da Touraine. Nem os *Gothas* constantes nem os tres grandes canhões de Laon — que ha mais de vinte dias permane-

cem mudos — abafaram, todavia, o moral d'este enorme caravanseralho. As *grosse Bertha* enervaram primeiro, fizeram sorrir depois e trouxeram apenas uma chuva de trocadilhos no esfusiar de gargalhadas desprendidas. Não foram as brutalidades da gente d'além do Rheno que despovoaram Paris, mas unicamente os effeitos da guerra que devagar a volvêram n'um enorme quartel, n'um *pied-á-terre* gigantesco onde se acampa mas onde se não vive. Paris é, de facto, um grande quartel-general onde quasi todas as fardas do mundo se misturam e se acotovelam, correndo as legações durante o dia, os *music-halls* durante a noite. Na parte mais essencialmente cosmopolita, na linha da Magdalena á Bastilha, o *boulevard* offerece aspectos ineditos que maravilham os proprios parisienses — porque a perder de vista, sob as arvores, ou circulando ou cervejando na orla dos cafés, só agem militares, apenas militares, innundando, trasbordando, afogando em mésclas cinzentas um ou outro *trotin* que vae, de saias pelo joelho e de trunfa alta e doirada, levar caixas de chapeus aos palacetes de Passy. Ha polacos biliosos vagueando sob as suas *czapskas* enormes, d'um amarello estridente, e que lhes dão, de longe, uma vaga semilhança com girasoes formidaveis e rutilantes; um *kaki* cinzento da California roça os brins espessos do Dampshire, logo desapparece por detraz das calças vermelhas d'um

artilheiro francez, surge de novo, emparelhado com a *kalei-ka* côr de grêda d'um oficial que chegou talvez horas antes de Kioto ou de Yokohama. Ha cossacos do Don caminhando ao lado dos lavradores do Alberta e do Vancouver, que vieram do fundo do Canadá. O trajo tradiccional dos *highlanders*, irrompe aqui e além, amalgamando as côres dos *clans,* constituindo só por si um admiravel kaleidoscopio. Um general russo, perseguido por todo um séquito de *badauds,* atravessa a calçada envolvido n'uma *houpelande* incrivel, alto, torreado, macisso e de barbas, mais esguio ainda pelo alto bonné de pelles d'Astrakan que logo faz scismar em tartaros ou em kungúses. Ha chins e ha bolivianos, ha servios e ha böers, *squatters* da Australia, tostados e barbudos, trilhando os asphaltos civilisados com as largas e pavorosas botas com que mezes mais cedo esmagavam as leivas da Provincia de Victoria, *bersaglieri* garrulos e garridos, deixando ondular na brisa ligeira, na crista da vaga humana, uma longa pênna de gallo, que estremece e se dobra a cada movimento. E ha tambem portuguezes, raros portuguezes, airosos e simples, cintados em correâme, de bigode bem frisado e de barba bem feita, tomando posse do *trotoir* com uma desenvoltura toda lusitana — e que bruscamente me agarram pelas costas, n'um clamor, n'um espanto, berrando: — « Ó filho!... Ó menino!... » — E

com alacridade, abundantes, próvidos, perdidos no grande basar, sorveteámos com largueza, na beira d'um café, debaixo d'uma tilia enfezada e poeirenta.

Coripheu... coripheus... Em roda Paris espreita e espera, o Paris da *Satyra Menippeia*, o Paris do *Ami du Peuple* e da *Feuille verte*, do patriota Desmoulins, soffredor, arguto, energico e paciente. A cidade enorme que morreu de fome com Henrique IV e Luiz XIII e morreu de gloria com Pichegru e Marceau, reproduz mais uma vez o aspecto que tem mantido atravez dos seculos, sempre que um perigo pende sobre ella. Os burguezes do Marais e da Cité continuam eternamente os mesmos, com a mesma *blague* e a mesma coragem, a mesma placidez e a mesma perseverança. E na metropole franceza ha, n'este momento, duas cidades distinctas; uma que age e outra que espera estoicamente, mourejando, penando, soffrendo sem um queixume, sem uma palavra e que guarda dentro de si a velha e immarcessivel alma franceza, que não pode morrer e sempre continuará banhando os povos de luz espiritual. Abandonada a fila do *boulevard* que foi constantemente basar, que o será constantemente, ainda após a guerra, Paris explende, magnifico e sereno, esmaltado de grandes parques onde sob velhas arvores ha a doçura e o recolhimento das aldeias pequeninas. Na cidade dos Risos e das

Graças, na cidade devássa de Beaumarchais, onde ha mantos de Gomórra e mantos de Lesbos salpicando de perversões uma Babylonia em ruth, demora tambem o canto simples do Luxemburgo onde as creanças estudam com a face já grave e padres phantomaticos soletram o seu breviario debaixo da meiga luz verde que tomba das vetustas fayas da rainha Maria. Não sei qual das duas almas poderá valer mais n'este grande basar; se a que tripudia nos cafés-concertos, cantarolando cançonetas e bebendo cerveja, na vespera, talvez, de se bater e de morrer com excelsa nobreza — se a que soffre mudamente, n'um longo e doloroso silencio, chorando os seus mortos, educando os seus filhos, cumprindo serenamente o seu cyclo. Os americanos impellem uma vaga d'ouro, todos os outros morrem *en beauté,* com a bella e nobre morte de soldados. Mas os outros, os que esperam, os que attendem, perdidos no grande basar e que da guerra teem só o ricochete mil vezes mais cruel? Nobre Paris, admiravel Paris que vive na ilharga da dissoluta, da perversa, da que ri com *refrains* de *music-hall,* vestida de lucto, toda sulcada de lagrimas, toda fremente de dôr!

O culto do mutilado

Penso algumas vezes no grande esforço que meia duzia d'almas bem formadas tem desenvolvido, ha perto d'um anno, para fazer entrar na indolencia, na indifferença dos portuguezes, o culto pelos seus mutilados. Agora, ao ver sahir d'um anexo do Val-de-Grâce, junto de Denfert Rochereau, um grupo numeroso de feridos da guerra, que vinham pela primeira vez á rua depois do seu cyclo de dôr e de febre, por entre a sympathia terna e respeitosa dos que passam, — deixo-me ir atraz d'elles por uns momentos, observando aquella imagem viva da guerra. No grupo numeroso vae um côxo, que se ampara a uma grossa bengala de azinheiro, sustentado na outra ilharga por um camarada a quem falta o braço esquerdo. Lembrou-me a fabula do cégo e do paralytico, que Florian ou Lafontaine foram buscar ao velho Esopo. — Iam todos devagar, respiravam solémnemente, na surpreza, na deli-

cia do ar puro depois de dois negros mezes, n'um catre de martyrio. Sulcando sorrisos, caminhando pausadamente atravez de sympathias, os mutilados, já muito palidos, já exhaustos, subiram a avenida do Observatorio, pousaram por fim no Luxemburgo, esquecidos, d'olhos no vago, como que deixando-se renascer. Os que pudérem ainda fazel-o, vão amanhã pegar de novo n'uma espingarda, voltar outra vez á mesa d'operações, com nova bala, novo ferimento. Outros escoar-se-hão para todos os cantos da França, colhidos para sempre na visão sangrenta que os amputou, ou pôz de parte, como velhos e inuteis farrapos humanos, sem a mais ligeira utilidade. Por todos passou o fragôr dos combates e em todos imprimiu a ruga enorme que sulca a testa. São parcellas vivas de batalha, aquelles homens. Se lhes falta já a força para combater, guardam comtudo a lagrima que inflamma e gera heroismos. O sol que os affaga revigora-os. Devem ainda viver aquellas creaturas—porque mais tarde, quando a guerra fôr apenas uma grande e funebre recordação, hão-de ser elles que a hão-de contar, com o seu infinito horror, a sua amargura immensa, no colorido soberbo de quem viu e de quem soffreu.

De resto, para vêr mutilados é inutil ir aguardar a sua sahida á porta dos hospitaes. Ou na sombra dos jardins, ou nas largas avenidas —

ha sempre mutilados. E em volta d'elles, formando uma grande auréola, todo o carinho, toda a ternura dos que ainda são validos. Ao vêl-os ninguem tem a ideia de abrir a carteira e de offerecer uma esmola; aqui, essa vergonhosa manifestação de piedade e de respeito é completamente desconhecida. Mas todos lhes falam, todos se interessam, todos lhes dão aquele grande conforto moral que é a melhor cura e a melhor admiração. Em Paris o mutilado é rei. Não ha porta que se não abra deante d'elle, não ha desejo rasoavel que lhe não seja imediatamente satisfeito. Os sensiveis chamam-lhe *mon frére*, os placidos chamam-lhe *mon ami*. Existem enthusiastas que lhe chamam *ma France!* E o mutilado sorri — e os olhos ficam-lhe rásos d'agua. Ha quem lhes dê flores e ha creanças que lhes pucham pela farda, que os obrigam a curvar-se para lhes dar na testa um grande beijo enternecido. Os montanhezes da Auvergne, a gente das campinas salgadas da Bretanha, os lavradores macissos do Poitou caminham, singrando atravez de affeições desconhecidas e mudas. E vão n'um immenso pasmo, e vão n'uma grande doçura. N'este ar tépido e sensual de maio, tudo em volta lhes canta louvores e tudo caminha para os mutilados n'um grande soluço que se fez sorriso para que elles não soffram mais com a miseria dos outros. E o mutilado sorri. Nunca pucha pela magra bolsa, onde na maior parte das

vezes os centimos não chegam a constituir francos. Se encontra um *marchand de côco* e lhe apetece o refresco que o homem leva ás costas n'uma grande caixa de ferro, logo a creatura, a miseravel creatura esfarrapada, que vive da venda d'aquellas insignificancias, lhe mostra todos os dentes n'uma expressão de grande alegria, o serve com abundancia e lhe diz depois: — «Não é nada!» E o mutilado sorri, agradece, continua vagarosamente o seu longo passeio errante. Se pousa n'um café, se bebe uma cerveja, cincoenta desconhecidos pagam com discreção a cerveja e o homem, aturdido, cumprimenta sem saber a quem, com gestos timidos, embaraçados — e sae lentamente. Nos *guichets* de todos os theatros o seu bilhete é gratuito, salvo em circumstancias especiaes, muito ráras. Se entrar n'uma casa particular a pedir um copo d'agua, o melhor que houver na frasqueira, é para o mutilado; e dão-lhe a melhor cadeira, e demoram-n'o e prendem-n'o em mil cuidados. O seu talher está em todas as mesas — as mais pobres, o seu cátre debaixo de todas as telhas — as mais modestas. E o mutilado sorri. Ao entrar no metropolitano, a mulher do *contrôle*, entrega-lhe o seu *ticket* de cinco *sous*, recusa-lhe o dinheiro, ella, que vive perpetuamente debaixo do chão onde ganha tres francos por dia. Na carruagem, ao trepar com mil cuidados, embaraçado nas suas muletas, colhido ainda nos seus pensos, a conductora precipita-se para o agarrar,

para o amparar. E se por acaso o carro vae cheio, sem um logar disponivel, a mulher grita com uma voz vibrante e clara:

— *Un mutilé, messieurs et dames!*

Toda a gente se levanta para lhe dar o logar. E o mutilado sorri.

É que o mutilado não encontra apenas o carinho que se traduz em poupar-lhe uma despeza. As doadôras de caridade nunca o perdem de vista, como o não esquecem tambem as doadôras d'amor, que exhumam a esquecida frescura da sua idade innocente, amparando o ferido que recomeça a ser homem. Margarida da Escossia, beijando a bocca de Alain Chartrier, beijava a intensa poesia dos *trouvéres*. Outras Margaridas, as modernas, beijam no ferido a França ensanguentada que se bate. Mas, alem de toda a idéa d'amor, as mulheres trazem ao mutilado o encanto penetrante da sua presença, com uma simplicidade admiravel. Tal que sae de sua casa, boa *menagére*, honesta e *prude*, tratar das coisas da sua existencia ou penosas ou alegres, dá sempre uma parte do seu tempo e da sua attenção aos mutilados que pode casualmente encontrar. Nas frondes tratadas de La Muette ou nos arvorêdos mais populares das Buttes Chaumont, ha pares que se encontraram momentos antes, que falam das coisas mais vulgares do mundo e que se separam para se não verem

mais, com certeza. Sempre que um mutilado requer um d'estes pequenos nadas, as insignificancias da rua ou do acaso — é quasi sempre uma mulher quem lh'os presta, sem falso pudor e sem rebuço. Uma rajada repentina, nos Campos Elysios, levou o *képi* a um homem que tinha a face pavorosamente retalhada, meio cego pelo gilvaz ainda vermelho. E foi uma dama, magnifica, confortavel, de solidos brilhantes, quem lh'o apanhou quando elle já rolava envolvido em folhinhas verdes e apressadas. Conversaram. E o mutilado sorria, n'um sorriso pavoroso que lhe fendia a face ainda mais, n'um rictus sangrento — e que era, todavia, luminoso e doce. Decerto este sorriso convulsiona a França e toda a faz tremer de piedade e de respeito — porque todos tentam captal-o. De facto o sorriso vale bem as maiores dedicações. É um sorriso que define uma raça. E bem o comprehendi quando, ao voltar ao hotel, encontrei o creado de quarto arrumando a minha roupa n'um guarda-fato. Perguntei-lhe cousas indifferentes. Em quatro palavras o homem manifestou-me o desejo de ser mutilado tambem.

Olhei-o com espanto:

— Para quê? perguntei eu.

E a creatura respondeu-me esta coisa soberba:

— Para poder sorrir como elles!

Um homem do 34

Foi ás oito horas da manhã, na esquina da rua de Séze para a Magdalena, que o encontrei, d'olhos no vago, mirando a perspectiva do *boulevard* n'um olhar nostalgico que evocava, talvez, a cordilheira da Estrella n'aquelle sitio onde a serra é toda verde no verão e toda branca no inverno, estendendo lençoes de neve até ás primeiras casas de Gouveia. Magro, pallido, absorto, aquelle homem devia ter a bravura taciturna que só age depois de reflectir e lentamente, com a gravidade d'um rito, commette actos de soberbo heroismo. Clarões de gloria haviam de ter chispado d'aquelle olhar que olhava agora sem vêr, e o bramir das paixões, aquelle bramir que esturge e ensurdéce e arrebata, devia desencadear-se n'elle, sob a chuva de ferro e sob a chuva de fogo, n'um tremendo troar de tempestade. Dentro da sua farda de cabo havia pobreza — mas no seu porte existia qualquer coisa de muito

subtil, de muito altivo, que denunciava um Lusiada. Em todo elle se estampára um ar de assombro, um ar de préce, um ar de tristeza lugubre. Aquelle homem tivera qualquer visão, das que não esquecem mais e povoam para todo o sempre de recordações uma vida inteira. Tocára, com certeza, nos limites da loucura. Na testa, uma ruga profunda, de pensador, uma ruga de philosopho assombrado perante a maldade dos homens. Era um soldado como os pintou Georges d'Esparbés. Tinha talvez trinta annos e a cabeça quasi branca. Viéra de Fontenoy, como os bravos de Agen, que tinham sessenta annos seis mezes depois de terem vinte? Não. Viéra simplesmente de Laventie. E era um farrapo de gloria escondendo um farrapo de humanidade.

Conversámos. Era de Contenças, de ao pé de Mangualde, e estava cabo da terceira, no 34, no batalhão que tivera séde na Guarda. E tão depressa lhe soube da terra, ao sentir como elle appetecia noticias do seu torrão, menti, conteilhe da grande paz que ia entre o Caramulo e a Estrella, do milho já alto e doirado que animava as varzeas de Portugal n'um grande baloiço lento e das cachoeiras transparentes que tombavam pelos pendores arrastando harmonias n'um susurro plangente e placido. O pobre soldado a custo escondia uma grande lagrima, formosissi-

ma lagrima que tantos e tantos desconhecem. Ah! Esta esmola de Portugal dada na esquina d'uma rua de Paris! Vi, senti um coração de homem tão limpido como os riachos de que lhe falava, tão visivel como se batêra num peito de crystal de rocha. E depois, ainda com uma voz alterada, n'uma voz surda e vagarosa que revolvia sempre saudades atormentadas, o homem falou e chegou-me a vez de palpitar com as novas que elle me dava, confusas, nebulosas, contradictorias, mas que me deram a visão fugitiva d'essa manhã sangrenta de Laventie onde quinze mil portuguezes se bateram e onde tudo perderam menos a honra de serem portuguezes.

O homem estivera na batalha, n'ella combatêra e todavia nada sabia d'ella de bem claro e de bem positivo. Desde dois dias antes estava entre os soldados do 15, onde tinha ido de visita. Nunca mais voltára ao seu batalhão. O 15 estava na linha, magramente abrigado entre saccos de terra atirados a êsmo n'um esboço de trincheira. Era no fundo d'um alguidar de rude e ingrata defeza, arrumado defronte d'uma altura mediocre, eriçada de metralhadoras. Desde sete que o fragor da artilharia inimiga redobrava de intensidade, e, mais do que o habitual, alastrava do sul das bandas d'Arrás e de Bethune, envolvendo a pouco e pouco n'uma linha de fogo os sectores que se succediam entre Armentiéres, Saint-Vast e Neuve Chapelle. Todo o batalhão

devia ser rendido na manhã de nove. Todavia, a teimosia dos *verylights* allemães durante a noite antecedente, não annunciava tenções de calma. E as noticias que vinham vagas, incoherentes e que chegavam ainda mais desarticuladas depois de passarem pelo Estado-Maior, verdadeiros vestigios de noticias, — não eram para animar. No flanco direito dos portuguezes o quinto exercito inglez recuára n'uma frente, que, descendo de Amiens, ia quasi até Montdidier. Não se sabia de mais nada. Entretanto o inferno desenhava-se cada vez mais violento. Um fogo estridente d'artilharia, ensurdecedor, tão vibrante que abalava os ares, — varreu tudo, despedaçou tudo. Na crista fronteira, negros como diabos, saltando e gritando, surgiram homens de *képis* cinzentos, capacetes tauxeados de metal que o sol, ainda baixo, incendiava de travez. Uma grande nuvem de fumo, impellida brandamente por uma brisa de sudeste envolveu homens e canhões, esfumou o ceu livido, sulcado de *schrapnell's*, de morteiros parabolantes que rebentavam com estridor, roncando n'um silvo agudo, esfusiando, atropelando-se, torrentes de metralha que desciam de uma nascente maldita. Um foguete-signal do S. O. S. subiu vertical a uns passos á rectaguarda. E de repente, uma secção do 15 rompeu numa fusilaria tão violenta que até o ar parecia ulular de desespero...

O cabo do 34 não sabia mais nada, nada

mais observára de conjuncto. Tinha visto em postaes illustrados visões de guerras, visões de batalhas e o pouco que apreendêra, era qualquer coisa parecida com isso mas muito mais dilatada, mais incerta — maior. Uma dôr surda, teimosa, obsecante, torcia-lhe o estomago. Perdêra a noção do tempo. Desde quando estaria elle ali? Cinco minutos, cinco horas, cinco dias? Não podia avaliar. Em plena nuvem branca, em pleno oceano de gazes, nem mesmo sabia se brilhava o sol e apenas podia vêr os camaradas que tinha pela direita e pela esquerda. Na sua frente, nada; o desconhecido véu espesso, impenetravel, d'onde surdia o crepitar constante das Mausers, pontuando, rithmando a voz grave e surda dos morteiros. Pegou n'uma espingarda, fez fogo em frente, ao acaso, sem vêr, sem apontar. Apontar para onde? Parecia-lhe que os homens falavam, gritavam, mas no fragor collossal não os podia ouvir. Só se lembrava bem d'uma metralhadora que lhe ficava a cinco metros á esquerda, n'um saliente onde terminava um aproxe, servida por cinco homens em cogulo, diligentes e rapidos, fomentando um fogo tão violento que suppunha estar a ouvir rasgando peças de panno enormes e sem fim. Um alferes desfilou a correr ao longo da trincheira. Depois vieram cunhetes. Um aeroplano passou tão baixo que distinguiu nitidamente, por entre o canhoneio, o ruido do motor, mas não vira o apparelho. A garganta parecia-

lhe de couro, tivera sêde, uma sêde furiosa, torturante, que lhe gretava os beiços. Nenhum ferido ainda, nenhum morto, posto que em roda os obuzes rebentassem constantemente, cavando cratéras, espadanando pedras. E de repente, n'um assombro, sem poder explicar como aquillo tinha sido, a metralhadora calou-se. O sargento que a commandava cahira morto instantaneamente, atravessado por um pedaço d'obuz. A sua face muito pallida, muita branca, pousada junto do revéz do talude parecia agora dormir n'um grande somno reparador e calmo que a formidavel tempestade de ferro não conseguia perturbar. E a metralhadora deslocada, varrida, desmontada, transformára-se n'um monticulo de ferros velhos que nenhum engenho podia jámais tornar uteis. Junto d'ella, cahidos por terra, n'um silvo rouco e continuo, dois homens do 15 agonisavam.

Os olhos do cabo dilatavam-se, enormes, limpidos, revivendo a batalha no canto placido da rua de Séze, na esquina quieta da Magdalena, onde rondava uma florista com um grande cesto transbordando de lilazes. E quasi em voz baixa contou o resto. Um tenente do estado maior veiu á linha, surgiu repentinamente, como um espectro. Todos os homens tinham posto a mascara e em quatro pulos galgaram o parapeito, correndo allucinados, magnificos, portuguezes, — para a terra de ninguem. Elle não tinha mas-

cara, mas fôra tambem. E acócorou-se logo no funil d'uma cratéra onde um cabo telephonista, ainda com o auscultador junto da bocca, deixava ir a vida por entre o rio, de sangue que lhe corria de ambas as pernas decepadas pela coxa. Não deram talvez vinte passos porque faltavam em absoluto as munições e as espingardas escaldavam. Um aspirante alto e magro arremessára para o chão a sua mascara, puxava furiosamente pelos cabellos, ululando d'impotencia em face da rajada de força que se desenhava cada vez mais impetuosa. Outra vez os *képis* cinzentos romperam confusamente a nuvem branca. E eram centenas, eram milhares, caminhando hombro a hombro, como massas escuras e automaticas. O tiro de barragem recrudescêra. Regressavam já quando da rectaguarda começavam cahindo lanternetas, sem cessar, sem descontinuar. Os allemães haviam furado a linha, algures, e começavam cercando. Surdiam por toda a parte, massiços, incontaveis... Ah! Laventie! Laventie!... Entre grandes nuvens desgrenhadas e compactas viu os que se não queriam render perderem-se em grupos reduzidos, caminhando sempre para a frente, trilhando um caminho por onde nunca mais voltaram. Um braço erguido, um olhar flamejante, um urro, um bramido de gloria e sempre aquelle troar que abalava a terra e parecia arrancal-a dos seus alicerces... De roldão, com os outros, recuára, esfarrapado,

negro, impotente, fugitivo. Como pontos escuros os homens corriam, espalhavam-se para além da Ferme-du-Bois, já abandonada. Ah! Laventie! Laventie! Á noite, estropiado, amarfanhado n'um carro de feridos que, no meio da grande confusão, se dirigia pàra Ambleteuse, perguntava a toda a gente pela batalha, se era victoria, se era derrota... E quando percebeu, quando soube, cerrou os olhos n'um infinito desalento e parecia-lhe que elle, a terra, o ceu, todo o Universo, se deixavam ir alucinadamente para o Nada, exhaustos de cançasso e de amargura.

“Paris au bleu”

No dia vinte e um de março, pela manhã, os parisienses olharam-se espantados e interrogaram os ares. Para os lados da *gare* de Léste um ribombar lento e grave desabou de subito, cahido d’um céu onde apenas corriam algumas nuvens muito brancas e muito ligeiras. Dois pedaços de cimalha vieram abaixo d’envolta com bocados d’ardosia e um estilhaço de ferro, longo e ponteagudo, vindo não se sabia de que sitio, matou uma velha que ia a passar. Grande pasmo, grande surpreza nos parisienses. E ainda havia gente gesticulando e commentando junto de telhas partidas, quando um segundo trovão abalou de novo o espaço e de novo uma chuva de estilhaços desabou no lagêdo da calçada. Desde esse dia, de dez em dez minutos, persistente, methodico, irritante, o trovejar mysterioso repetiu-se, desde o nascer ao pôr do sol, para voltar de novo, pontualmente, com a aurora. Era o

grande canhão. E de facto, desde esse instante, Paris começou a ser moralmente uma cidade *au bleu* antes de o ser de uma forma material.

Os parisienses levaram oito dias a acreditar na *grosse Bertha*. Toda a gente compunha hypotheses inverosimiveis e o *Rire*, esse velho gaulez da bambochata, insinuou a idéa de serem aquelles phantasticos rumores muito simplesmente espirros de *boche*. Houve creaturas que mais depressa acreditaram no espirro do que na existencia do grande canhão, que vinha alterar todas as leis da balistica e tornar quasi uma possibilidade a phantasia admiravel de Julio Verne, com o seu Miguel Ardan. O *Hotel de Ville*, comtudo, talvez por não saber balistica, acceitou a versão d'uma peça d'artilharia monstruosa, mandou estudar-lhe os effeitos e tratou de lhe attenuar os males. E em breve, n'um ciciar incansavel de *quolibets* e de *blagues*, os de Paris habituaram-se áquella manifestação inédita de força que de resto não causou a decima parte dos estragos que os seus creadores haviam sonhado. Logo se percebeu que a trajectoria do tiro era quasi invariavel e que os obuses cahiam constantemente n'uma linha que ia desde a *gare* de Léste até á praça de Denfert-Rochereau, apanhando a cidade de esguêlha, de nordeste para sudeste. Por vezes uma ou outra *marmite* desgarrada, desviava um pouco, esbarrondava uma cornija em Grenelle ou em Passy, sem provocar

mais do que um indifferente — *Tiens! C'est à Grenelle!* ou — *Parbleu! C'est à Passy!* E toda a gente continuava a sua vida. Um acaso puramente fortuito fez com que—em Sexta-feira Santa —um obuz, explodindo com o choque no unico pilar que sustentava o telhado d'uma egreja, sepultasse em entulho setenta e cinco pessoas. *C'est la guerre!* — como dizia o magestoso Reguier. E foi tambem pouco depois d'esse dia nefasto que a municipalidade deu aos parisienses este aviso inefavel para os precaver dos effeitos do tiro: — *Caminhai de nordeste para sudeste, marchai sempre pela direita das ruas, procurando o abrigo das paredes.* Paris tripudiou com o aviso e riu épicamente, apezar de lhe explicarem que tudo aquillo tinha razão de ser. E por espirito de contradição, andava sempre pela esquerda e fugia de todas as paredes!

Depois, os tres grandes canhões que bombardeavam Paris emudeceram durante quasi dois mezes. Um rebentára; e tinha dado com os outros dois certa divisão d'artilharia que pousava deante de Laon, em frente de La Fére, e que os escavacou tão depressa poude regular o seu tiro com efficacia. Assim as *jolies Finettes* terminaram, por então, as *grosses Berthas*. Paris abriu logo para os artilheiros d'essa divisão uma *quête* que em oito dias rendeu perto de quinhentos mil francos. E tendo arrumado este caso, com mais

desafôgo se acomodou com a luz azul. Para evitar os pontos de referencia aos *Gothas*, a *Cidade-Luz* condescendeu em tornar-se a *Cidade-Escuridão.*

Paris au bleu, Paris allumiado a azul, é um aspecto inedito da grande cidade. Aquelles *boulevards* coruscantes, chamejando estridentemente n'uma orgia de luzes tão depressa o grande caçador d'Oriente desenha, no fim das tardes exhaustas, o seu grande trapesio ponteado a oiro, —são, agora, enormes bêcos de sombra onde, nas primeiras horas da noite, ronda e grulha uma multidão que se não vê. Lembram grandes borrões negros onde surgem aqui e acolá claridades frouxas, fugitivas, quasi extinctas. Por detráz das fachadas mudas e desertas, onde todas as janellas têm corridos espessos estores, advinha-se uma humanidade entregue ao prazer ou á vigilia; e entretanto, n'este manto funebre de sombra, nunca a vida nocturna foi tão intensa e tão apressadamente se correu para a orgia ou para o sacrificio. Paris calafeta-se para rir nos cafés-concertos, estudar nas bibliotécas, soluçar com os dramalhões hediondos do Odeon e soffrer da ausencia dos que estão longe, solitariamente. N'esta Babylonia moderna onde apenas, de cincoenta em cincoenta metros, uma lampada de incandescencia pintada d'azul, embocetada n'um reflector que lhe intercepta os vagos reflexos verticaes, allumia os asphaltos tristes e negros, — tudo o que passa, tudo o que corre, tudo o

que vagueia, tem apparencias de mysterio e tem precauções de drama. As longas avenidas onde ramalham tilias, onde sussurram platanos são immensas manchas de tinta verde negra, sem gradações de claro-escuro, de cambiantes imprecisos, indefinidos como um pastel morbido de Guillonêt ou uma grande téla aparatosa e tétrica de João Paulo Laurens. Então a briza mais ligeira e mais branda parece um uivo desarticulado e plangente, como lembram extranhos réprobos do Apocalypse ou do Florentino os choupos esguios, os eucalyptos frementes que o vento balouça levemente n'um cadenciar phantomatico e silencioso, ao lado dos predios hirtos e silenciosos tambem. Na *Cidade-Luz,* sem uma luz, o céu mais negro offerece, por maravilha, myriades de estrellas que talvez os parisienses não tivessem contemplado nunca, quando offuscados pela luz civilizada dos arcos voltaicos. Ha mais scintilação, um palpitar mais vivo, mais apressado, n'esses grandes lumes do Universo, que observam e espreitam. E quando por acaso uma lua passageira e timida atira claridades melancolicas por sobre a móle indefinida das casarias acumuladas, toda a cidade é linha caprichosa, toda a cidade é perfil, innundada pela luz branca e triste da palida Seléne, extranho perfil negro, incomparavel perfil de sonho, vincado subtilmente ou pela cupula dos Invalidos ou pelas torres do Trocadéro — e onde sempre

a torre Eiffel apparece como um grande ponto d'exclamação, mudo, permanente e enygmatico.

Em plena escuridão Paris, sem parecer incomodada, age, sempre risonha, sempre cheia de fé, aguardando com tranquilidade o dia radioso da Paz. Na linha dos *boulevards* ha milhares de philosophos da escola de Condillac, satisfeitos e bem dispostos, sentados nas mezas que, apesar da tréva, os cafés estendem quasi até á valeta, e que bebem cervejas com pachorra, apalpando primeiro a meza em todos os sentidos para agarrarem o copo. Se vem um *Gotha*, se vem um *raid*, os discipulos de Condillac não arredam pé e permanecem agarrados á cerveja. Ha encontrões alegres e emprevistos e de tal forma os parisienses se habituaram a este regimen de sombra, onde qualquer recemvindo extrebuxa e parte uma perna, que todos se encontram com uma facilidade pasmosa e só falta a um *rendez-vous,* em plena esquina quem não quer lá ir. Esta multidão invisivel que zumbe no amago da tréva e rumoreja, e lembra o quebrar da vaga rebentando na falasia quando escutada attentamente, de longe, — é, decerto, a mais pitoresca, a mais curiosa, com o seu cunho de indifferentismo, amoldada a tudo e de tudo rindo. O amavel Boccacio que fez passar em aphorismo o velho ditado onde se diz que de noite todos os gatos são pardos, poderia ter visto agora a sua affirmativa documentada em magnificentissima

escala. As portas cuidadosamente fechadas, de dezenas de *music-hall's* abrem-se de quando em quando, riscando sobre a negrura do *boulevard* um feixe de luz muito viva, que immediatamente se extingue e que faz lembrar, em visão diabolica, a guélla rubra d'um forno, onde subalternos de Lucifer atiçassem fogueiras monstruosas. Por ellas sae um par que vem juntar-se a outros que já vagueiam na tréva viva. E o que se passa, muito decente e muito discreto, vem contado em Crebillon filho, no deleitoso romance *Le Sophá* e vem contado em Retif de la Bretonne, santa creatura que se perdia ás vezes no tumultuar confuso das arcarias do *Palais-Royal*. O Tivoli renasce desde a Magdalena até á porta de S. Diniz e são *incroyables* os airosos granadeiros de Lincoln, como são *merveilleuses* as damas faceis que surdem de todas as ruas transversaes. No fundo, o *boulevard* exulta com esta illuminação de um azul escasso que apenas serve para indicar a perspectiva das artérias. Pelo menos certas creaturas assim o entendem porque na esquina da rua Tronchêt, por volta da meia noite, surprehendi este dialogo melancolico entre duas damas:

—*Ah! Ma chére! C'est féerique ce Paris au bleu?*

E a outra, que era velha como Mathusalem, pavorosamente rebocada, d'um louro oxigenado e lamentavel, concluiu com uma tristeza aprehensiva:

— *Pourvu que ça continue!*

Os homens d'amanhã

N'estes escassos dias de Paris, acho sempre uma hora para o Luxemburgo, o velho e placido jardim da rainha Maria de Medicis que ramalha escondido no bairro das Escolas. Ahi, só as creanças lembram a guerra e apenas uma ou outra *saucisse* occulta entre macissos de verdura, recorda a situação anormal de Paris. O Luxemburgo, o querido jardim de Murger e de Daudêt, o retiro tão doce a Victor Hugo, espalha nas suas frondes, que se balouçam devagar, emmoldurando o antigo *partérre* Luiz XIII desenrolado deante do palacio, — uma paz silenciosa e pensativa. O saibro das áleas range sob o passo vagaroso dos passeantes, nos bancos escondidos entre a folhagem senta-se quasi sempre uma severa e grave figura, vestida de preto, recordando e soffrendo. E uma vez por outra, destacando-se, hirta, atravez da folhagem verde clara das roseiras novas, uma batina atra-

vessa, lenta e pausada, lendo em voz baixa o seu breviario. Os guardas enrolam um cigarro distrahido, entalando debaixo do braço o junco que tremúla; os jardineiros tosquiam a relva com pachorra, dois cysnes brancos navegam altivamente n'um lago minusculo onde se espelham duas grandes tilias. Paz. Socego. Recolhimento. E em roda, por toda a parte, as creanças.

Estas creanças de dez annos, doze annos, trazem já estampado no rosto um ar de precóce gravidade. Não brincam, — descançam. Não gritam, — conversam. O que ellas dizem não sei, não ouvi; mas os gestos que pontuam os seus ditos, as expressões que terminam as suas phrases, parecem-me reflectidos, meditados. Vejo algumas, estendidas no chão, desdobrando mappas, estudando n'uma curiosidade recolhida a carta das operações de guerra; outras abrem grandes compendios, mergulham n'elles com attenção, n'uma ancia de saber; outras ainda, depois lento descanço mudo, perguntam as horas a qualquer guarda e sahem devagar do jardim, caminhando talvez para um dever. Decerto para muitos moralistas, aquella sagrada flor da mocidade, cortada tão cerce, offerece observações desoladoras e o velho epiphonema que reza já não haver creanças, demonstra-se palpavel e exacto. Mas a guerra assim o quiz, a guerra que alterou o meio ambiente, e, com o seu cortejo de dores,

acarretou egualmente um solido cortejo de reflexões. Quando os garotos de desasete annos são alferes e sabem bater-se e sabem morrer, — não admira que as creanças de dez e que não podem ainda pegar n'uma espingarda, sintam vibrar em si, prestes a acordar, sentimentos de abnegação e de sacrificio. E este desejo de ser util, de colaborar na grande obra, gerado e crescido espontaneamente no cerebro das creanças que ignoram, na maior parte dos casos, o que seja um *boy-scout* e que nunca tiveram uma instrucção militar preparatoria, — é a prova mais clara e mais vibrante da solida existencia d'estes latinos que não querem morrer e transbordam de vitalidade em todas as manifestações da sua vida. Ainda mesmo que as creanças dos meios ricos ou remediados tenham o desejo da vitalidade incutido pelos paes, — quem o inoculou, quem o ensinou aos parias, aos desherdados, aos *va-nu-pieds* d'esta enorme cidade, e que nascem por acaso como por acaso vivem? Nunca senti tão verdadeira a existencia do *gavroche,* fugido das paginas dos *Miseraveis.*

Não brincam estes homens d'amanhã e que amanhã irão talvez morrer nas colinas do Artois. Não riem. Não correm. Mas teem sêde de sacrificio, teem fome de abnegação. Alguns, ainda de calções, tentam fugir para o *front* onde querem alistar-se e choram e trepidam de raiva quando um policia paternal e benevolo os apanha, os

traz de novo a casa, entre commovido e irritado. Para se sentir n'esses, já lucido, já poderoso, já vibrante, o fecundo amor da Patria, basta falar-lhes do *boche* que invadiu, saqueou e arrasou n'uma explosão de selvageria que indigna as almas bem formadas. Então chispam-lhes os olhos, cerram os punhos, endireitam-se n'uma attitude soberba, aquelles homens de treze annos! E é difficil retel-os. Todos os dias, em todas as *mairies* da capital apparecem garotos que desejam fallar ao commissario. A auctoridade attende-os, escuta-os com um sorriso que esconde uma grande emoção. E todos offerecem os seus serviços n'uma voz de falsete que tenta fazer-se grossa, mentindo na edade, garantindo-se robustos, agarrando-se a todos os pretextos que os possam tornar aproveitaveis. E são creanças! Em face d'esta onda, d'esta febre de cooperação na grande lucta, a municipalidade utilisou a porção infindavel de boas vontades. Decerto não os mandou para a linha, nem mesmo os militarisou. Deu-lhes apenas que fazer nos serviços urbanos. Paris está povoada de *saucisses*, já cheias de hydrogeneo, cobertas com encerados, dispostas em todos os jardins, todos os *squares*, promptas a subir ao primeiro *álerta*, sustentando as redes da barragem. São creanças que velam pela conservação, pelo bom recato d'estas *saucisses*, durante o dia. Montam quartos de sentinella junto d'ellas com uma gravidade que enternece, cumprem o seu serviço

com o desembaraço taciturno d'um *grognard* do primeiro imperio, de face incendiada, altiva e orgulhosa. Outros garotos, mais fortes, mais robustos, prestam serviços na conservação dos monumentos, dispõem saccos de terra em volta da columna Vendôme ou do monumento do Carroussel, empoleirados nos arcos botantes de Notre-Dâme, equilibrados nos plintos das estatuas, debruçados nos maineis da torre de S. Jacques. Não ha uma face desatenta, não se esboça a mais ligeira resistencia passiva. Todos estão ali de boa vontade, todos se offereceram, — os filhos das casas ricas de Passy, que descançam das ferias de Louis-le-grand ou de Condorcêt servindo de ajudantes de pedreiro, os outros, mais pobres, mais modestos que largaram as escolas gratuitas do Marais ou as officinas aonde aprendiam a vida e ainda as meigas flores humildes, de grande alma e de sapatos rotos, que vem dos antros de La Villete, das ruas escuras de Batignolles onde ha fome e onde ha privações, — misturados, confundidos, amalgamados na mesma azáfama, nem ricos nem pobres, nem fortes nem fracos, nem intelligentes nem atrazados — mas apenas francezes, só francezes unicamente francèzes em face da grande tempestade que elles adivinham, que elles veem com os olhos d'alma, tão pequenos ainda e todavia tão temperados já, no sentimento da Patria. E são creanças! O mais velho não excede com certeza, quatorze annos.

Como serão na vida estes homens d'amanhã que hão de levar para a sua edade adulta as imperduraveis recordações d'uma infancia agitada, sem brinquedos, envolta em negros véus de luto? Melhores do que nós, com certeza. A nossa geração é de sacrificio; collocados entre paes cuja vida foi um longo somno e dando o sêr a estas frageis creaturas que na primeira edade já soffrem, já pensam, já trabalham, somos, sem duvida, a geração, holocausto, varrida, arruinada, devorada por esta sarça ardente e impetuosa que é a guerra. Mas os filhos ficarão — e a guerra ha de acabar. E quando ella fôr apenas uma grande e tragica lembrança e quando nós, os homens d'hoje, dormirmos todos debaixo da mão vastissima de Deus, as creanças de agora serão homens, conhecerão a lagrima, conhecerão a dôr. E aureoladas, nimbadas pela rajada de catastrophe que lhes alterou a infancia, crearão uma coisa que não conhecemos, que não conhecerêmos nunca: Doçura, Bondade, Justiça e Paz. Serão melhores, com certeza!

Um «raid» sobre a cidade

Quasi á boquinha da noite, pelas dez horas, quando já a primeira escuridão da noíte afogava em trevas as arvores do *boulevard*, um frémito indeciso e vago percorreu a multidão. Um grupo de mulheres passou correndo. Outros apressavam a marcha n'um presentimento indefenido de desastre, tão agudo que enchia de mau-estar o meio ambiente. Na sombra, já espessa, a multidão redemoinhava na presciencia de qualquer coisa que ia succeder. E de subito, n'um aviso, n'um ruido ensurdecedor as buzinas de cincoenta automoveis rasgaram os espaços furiosamente, atroando os negrumes, emquanto grandes vultos apressados se escoavam no mysterio da noite para o socego mais relativo das ruas transversaes. Um panico soprava, colhendo n'um pavor irreflectido e tão grande que as mulheres rodopeavam, como tomadas de tontura, abrindo largos olhos d'angustia. Oito sereias estridentes, dispos-

tas em todos os cantos de París, mugiram cavernosamente, plangentes, infindaveis, a dar a *chair-de-poule*, irritando os nervos já sobreexcitados. N'um instante o *boulevard* ficou quasi deserto. Só um ou outro automovel, sempre buzinando com furor, galgava os asphaltos n'uma rajada.— Era um *raid*. Fiquei sosinho, em plena rua, coçando o queixo, hesitando entre uma *cave* e uma cerveja tomada ao ar livre, na esplanada d'um café.

Esbarrondado em face d'um *bock*, apurei a vista, apurei os ouvidos. Perto de mim um homem de chapeu de palha chupava placidamente uma carapinhada. O moço do café, encolhido n'uma hombreira, enrolava o avental branco na ponta dos dêdos. Uma mulher loira passou a correr, mostrando as ligas, deixando um largo sulco de perfume barato. Depois cahiu um silencio pesado, um silencio que martyrisava, enchia o craneo com a sensação obsecante de muitos sinos bimbalhando ao longe n'um rebate impreciso d'irrealidade. No ceu, onde fugiam as ultimas claridades, despontavam as primeiras estrellas. Para os lados de La Vilette, ao norte, começou um canhoneio sêcco, intermittente, que se approximava vagarosamente, como o ribombar d'uma trovoada longinqua. Um projector fustigou o ceu com um feixe de luz vivissima, depois outro e outro, e outro, listando lividamente o espaço,

encanastrados, paralelos, divergentes, percorrendo os ares n'uma ancia de espionagem, colhendo apenas no seu campo d'acção fumusitos leves das granadas de defeza que rebentavam longe, ligeiramente, cahindo depois em chuva crepitante sobre as ardosias dos telhados. Por vezes illuminavam de revez os *tafetás* loiros das *saucisses* dispersas no ar, immoveis, sustentando as rêdes finas de barragem. E corriam açodados, palpitantes, cheios de vida, irrequietos, pesquizando os *Gothas,* que se não viam ainda. Que festa no Grande Canal, de Veneza, que extranho e bizarro Ruggieri poderiam dar a impressão d'aquellas fléchas de luz, sulcando a escuridão, zebrando o firmamento negro, impacientes e apressadas! E quando um foguete côr de rosa subiu do horisonte até ás nuvens desgrenhadas que galopavam como Walkirias irritadas do Walhala e logo outros foguetes verdes, roxos, côr de lilaz subiram por sua vez, transmittindo signaes,—o ceu illuminou-se todo n'uma apotheose de côr, fulgente, magnifico, soberbo, todo armado em guerra, todo enfurecido contra as aves inimigas, mysteriosas e ignotas. Agora cem canhões atroavam n'um fragor, n'um clamor que abalava todas as vidraças, rithmando o ribombar mais cavo, mais lento d'uma bateria distante que despejava uma tempestade de ferro. Todo o espaço era de fogo, toda a terra era de frémito. Convulsões, espasmos, delirios d'epilepsia, cataclysmo gerado por

homens, embrulhando, enrodilhando n'um sagrado terror, n'um pasmo sem limites, as cousas vivas e as cousas mortas, o chapeu de palha do meu companheiro, o avental branco do moço, a minha alma aturdida, varada de espanto e de assombro!

O incendio do ceu alastrava, lambia todos os cantos do firmamento, explorando as profundezas suspeitas. E as differentes phases d'aquella defeza delirante, marcavam-se com precisão instantanea, por surprezas, por elementos novos que surgiam a cada momento. Todo o espaço estava innundado de balões captivos que explendiam sempre que um projector lhes crusava as trajectorias. Os foguetões não descontinuavam, n'um ramalhetar de fogo d'artificio lançado por sobre uma cidade muda, onde dois milhões de creaturas aguardavam a extincção d'aquelle espectaculo de chiméra sem o verem. E foi de subito que o ruido sêcco, penetrante, obsecante d'um motor poderoso pairou por cima de nós. Onde estaria aquella varejeira infernal zumbindo, incessantemente, enormissima vêspa que lançava a morte do alto? Por cima de nós? Longe, para alem das trévas? Ninguem o poderia dizer. O zumbido continuava, metalico, agudo, esfrangalhando todos os nervos, alucinando d'incerteza. Aguardando o primeiro torpedo, que ia talvez cahir ali, — cada segundo era um seculo, cada minuto uma eternidade. E o ribombo formidavel, inaudito,

horrendo, o ribombo que deslocava as entranhas da terra cahiu por fim, enchendo os tympanos com um tal clamor, um tal fragor de tempestade que o ceu impassivel estremecia, abalado nos seus alicerces. Algures, um predio de seis andares aluira, despedaçado por trezentos kilos de melinite, sepultando em entulho a sua fachada soberba, vasia e negra. Na treva um tilintar infindavel de vidros partidos repercutiu-se durante momentos sem fim. E a escuridão do *boulevard* foi varada repentinamente por um olho de luz, o pharol discreto d'uma auto-metralhadora que parou junto d'uma esquina, enristou rapidamente o seu engenho, deu uma serie de tiros rapidos e novamente mergulhou no desconhecido, perseguindo a ave maldita, d'assombro e de morte. As cidades de vampiros, as cidades de phantasmas lividos e guerreantes, creadas pela morbida phantasia de Hoffmann, não eram com certeza assim, tão aterradoras, tão prenhes de mysterio e de agonia, de palpitação e de mágua, como esta Paris, deserta no solo, vivida nos ares, conglobando todas as energias n'um engenho admiravel e soberbo... Decerto se aquella *tessitura* de força fosse subindo de ponto, uma loucura varria a Humanidade. Mas não. Ao longe, muito mais ao longe, outro torpedo explodiu, n'um som mais cavo, mais grave. Depois os foguetões extinguiram-se um a um, fazendo de novo reapparecer estrellas atonitas e incertas. O rumorejar surdo

d'uma bateria distante persistia unicamente. Os projectores, tomados de moleza, menos impacientes, extinguiam-se uns após outros. A treva absoluta voltou de novo, trazendo de novo o silencio, um silencio tragico que offegava, que soluçava e fremia em todas as cristas das arvores. E como tinha começado, assim acabou o *raid.* O homem do chapeu de palha acabava de chupar a sua carapinhada, com regalo, com lentidão. O creado enrolava ainda o seu avental branco na ponta dos dedos. Só o meu *bock* permanecia intacto. Foi então que um automovel de bombeiros passou rapidamente. Um d'elles, soprando n'um clarim, entornava pela sombra uma fanfarra alegre. Era a *joyeuse breloque.* O *raid* fôra um sonho, um pesadelo que durára meia hora. Outra vez o *boulevard* se povoou, outra vez passaram mulheres gargalhando, palrando, esquecidas já da *cave* que tinham largado n'aquelle proprio instante. Atirei o meu *bock* para as guéllas. Era quasi meia-noite. E fui tomar um chá civilisado, um chá com sacharina e que remechia — remechendo tambem a immorredoura recordação d'aquella meia-hora tragica.

Duval e o «Bonnet Rouge»

N'este meu ultimo dia de Paris, deante do meu chocolate matinal, ao desdobrar o *Matin*, logo me saltou á vista a noticia referente a Duval e ao *Bonnet Rouge*. Fui lá. N'aquella tarde o processo teria o seu epilogo e Duval seria provavelmente condemnado á morte. Era pelo menos essa a opinião corrente no Palais Bourbon, onde, na vespera, pasmára para os senhores deputados. Estes bons parisienses, que desde o processo de Lally-Tolendal, ha mais de cento e cincoenta annos, não perdem nunca o interesse e o apetite pelas causas notorias, povoavam já, desde a manhã, as immediações placidas do Quai de l'Horloge, estacionando defronte do Palacio da Justiça, como se estivessem ainda na época em que um homem chamado Fouquier-Tinville accusou e condemnou á morte uma rainha chamada Maria-Antonietta. O sr. Bouvant, da *Petite Republique*, quiz ter a

gentileza de patrocinar a minha entrada na sala onde se ia desenrolar o ultimo acto d'uma tragedia que não affectava apenas os interesses individuaes dos accusados, mas envolvia, quiçá, os destinos de todo um paiz. Depois d'uma longa travessia, passado de mão em mão pelos graves porteiros hiératicos que recebiam discretamente o seu *pourboire*, fui embocetado, atirado para um vão de janella, cheio, atulhado já por outros meus semilhantes. Sala pomposa, formidavel, com todo o apparelho da justiça. Envolvendo uma negra multidão que quasi não respirava e onde se destacavam, aqui e além, claras *toilettes* de damas ávidas d'emoções, um silencio pesado, um silencio de catastrophe cahia, tornando vibrantes e agudas as palavras d'um homem baixo, que falava com violencia. Não attendi logo ao que elle dizia, n'uma voz incisiva e modulada de creatura que sente o que está dizendo, porque, defronte da barra, sete creaturas enfileiradas attrahiram-me logo a attenção. E foi um sargento, que estava ao meu lado e que seguia com interesse inequivoco todas as peripecias d'aquella serie de torpezas, — quem me esclareceu apontando: — *Le troisième c'est Duval...*

Era Duval o terceiro. Via-o de perfil, quasi a tres quartos, vestido com negligencia, dobrado sobre si proprio, apoiando o queixo no corrimão da barra. Uns hombros largos, um curto pescoço de congestivo, sustentavam-lhe uma cabeça ex-

cessivamente magra, ossea, de testa enorme, por onde tombavam umas farripas semi-penteadas, que elle arrepellava febrilmente, n'um gesto machinal. Olheiras profundas cavavam-lhe ainda mais a face macilenta, triangular, sulcada de manchas cinzentas, e tão mobil, com tanta exhuberancia de vida como os seus olhos nunca amortecidos, nunca pousados — e que chispavam de quando em quando. Um bigode farto, um bigode espesso de celta, cahia-lhe sobre os cantos da bocca, como duas rectas obliquas que se cruzassem nas narinas. O labio inferior pendia-lhe grosso e vermelho, arreganhado por vezes por um *tic* nervoso que não procurava reprimir. O perfil lembrava vagamente o de uma aguia, com o seu longo nariz ligeiramente bourboniano e onde havia tambem qualquer coisa de furão ou de esquilo. Era um rosto convulsionado, não de pavor, não de receio, mas lavrado pelas paixões, como o de Gluck, retalhado pela ruga enorme d'uma preoccupação constante, como era tambem o de Bolo-Pachá. É um homem esmagado, tomado na engrenagem do seu crime, querendo ainda dignifical-o n'um supremo esforço de intelligencia, contrahindo-se por vezes n'um rictus de placido cynismo, innomeavel pustula humana, disfarçando uma sêde intensa de goso pleno sob a capa d'uma theoria duvidosa e que, em guerra com a Patria invadida, assignava artigos com o pseudonymo faceto de

monsieur Badin n'um papelinho desagregador que se chamava *Le Bonnet Rouge*. A infamia d'aquelle homem, junto do qual os outros seis, Marion, Landau, Goldski, Joucla, Leymarie e Vercasson, eram apenas simples comparsas, recolhendo migalhas de que alguns ignoravam mesmo a proveniencia — era tão grande que abatia em claro-escuro a dos seus cumplices. E não parecia muito incommodado com isso.

O que Duval praticára, toda a serie de commercios e de entendimentos com o inimigo para destruir o entendimento franco-inglez, infamias, baixezas, dólos, campanhas anti-patrioticas, desmoralisadoras, — dil-o agora o seu accusador, o homem baixo que falava com violencia. Era o tenente Mornet, cuja face constituia uma floresta de pêllos, de bigodes, de barbas, vergando n'um sopro d'eloquencia, magro tambem, com um olhar penetrante de lynce, brilhando no fundo d'orbitas profundamente encovadas, torcendo-se, ankilosando-se, batendo rijas palmadas na meza de nogueira, fulminando com a palavra um jury impassivel que o escutava attentamente. E accusava Duval. Nunca vi, nunca ouvi esfrangalhar um homem com tanta violencia e tanta logica. O tenente Mornet accusa por vezes com uma voz tonitroante, por vezes com uma voz surda onde existem, todavia, tonalidades de carrilhão distante. O braço ergue-se-lhe impetuoso, cortante como uma foice, ceifando os traidores e a

traição. Fala de honra, fala de patria, das grandes cousas que dão alento e heroismo aos homens. Evoca os que se batem, os que penam, os que soffrem, os que morrem, lembra os lares de toda a França povoados de luto e de abnegação, as cidades arrazadas, os casaes incendiados, uma orphandade immensa que invade toda a terra dos maiores, entre soluços de desespero e actos de heroismo... Bellona, armada em guerra, passa crepitante, clamorante, destruindo, anniquilando, semeando de ruinas fumegantes as villas risonhas, talando as searas que vergam e são o pão, são a abastança. E sempre lagrimas! E sempre dôres! E sempre a mágua! Por toda a parte o esforço soberbo e admiravel d'um povo inteiro levantando-se em massa para repellir o invasor da sua terra, derramando o seu sangue com tamanha abundancia, que são vermelhos os riachos sussurrantes, como são vermelhos já os plainos desolados do Artois! Quanto martyrio, quanta amargura, quanto sacrificio, para a nobre terra de França, que palpita d'odio pelo allemão e quer apagar da face do globo os estygmas d'essa raça maldita! E depois, o tenente Mornet, n'uma voz rouca, aponta para Duval, o homem renegado, o homem horrendo — *monsieur Badin!* — que babujou tudo, tudo sujou, tudo negou, insultando a virtude das mulheres, insultando a coragem dos homens, chamando o inimigo, apoiando-o, defendendo-o, querendo introduzir a scisão entre

os que governam, a desunião entre os que obedecem. Toda a miseravel prosa do *Bonnet Rouge*, sybilina, venenosa, torpe, passa agora em revista deante do tenente Mornet. E são os entendimentos com Marx, as campanhas dissolventes, o dinheiro hediondo, o pavoroso dinheiro da traição, que Duval recebia, creando mais cynismo no crepitar do *champagne,* emquanto, em roda, os corações leaes, os limpidos corações da França só pensavam em morrer vencendo... — O tenente Mornet fala de tudo isto, examina, decompõe, observa, mostra nuas conclusões. E emquanto Duval escuta com uma physionomia parada e indifferente, — a sala vibra, a sala freme, esmagada, aturdida pelo vigor d'aquella accusação que impréca e ruge, e ulula, como se fosse realmente a França corporea e tangivel que alli estivesse accusando e pedindo justiça!

Duas horas depois o jury entrava de novo na sala onde o rumorejar da multidão se acalmou de subito. Os sete officiaes que durante semanas tinham guardado as suas attitudes enygmaticas, mudas, estavam agora de pé, hirtos, enluvados de branco. Um silencio profundo cahiu sobre a sala do Conselho de Guerra. Havia gente que offegava; Duval continuava impassivel, d'olhar ausente, vagueando d'espirito talvez pelas profundidades da sua consciencia. E o Presidente articulou:

— Em nome do povo francez...

Os juizes levaram a mão ao képi. Então, como um dobre, um *sim* terminante, claro, positivo cahiu logo á primeira questão. E em pleno silencio esmagador, n'aquella tarde cinzenta e melancolica, Duval foi condemnado á morte.

Pelas terras e pelos ares

O sr. Boivin, um jornalista parisiense, muito arguto, muito subtil e muito curioso, cheio de nervos, vivo, palrador, tinha-me posto em contacto com o alferes Ferry, um pretendente a *as*, já experimentado, da esquadrilha L***, e que á data se encontrava no grande campo d'aviação d'Etampes. Pedi-lhe para subir com elle porque precisamente n'essa tarde o alferes Ferry devia ir a Etampes, a sessenta kilometros ao sul de Paris, buscar o seu triplano e leval-o para S. Diniz, atravessando a capital no seu vôo de regresso. Nada me prometteu porque o meu pedido não podia ser resolvido por elle, mas instou para que o acompanhasse a Etampes, onde contava obter a necessaria licença do commandante da esquadrilha. Fui á sorte, n'um rapido ligeiro e confortavel. Não me foi difficil obter a indispensavel auctorisação em virtude do meu salvo-conducto, mandado passar pelo coronel Brown em termos

mais do que lisongeiros para mim. O capitão Durraut lançou a vista pelo papel, olhou-me curiosamente e articulou com um pronunciado sutaque gascão: — *Vous autres, portugais, vous êtes de bons enfants!* Mas sempre me foi dizendo que me permittia a viagem apenas porque ella se não effectuava dentro da zona de guerra. No *front*, encontraria difficuldades insuperaveis. Agradeci-lhe — e o capitão Durraut, fugitiva figura que nunca mais tornaria a ver, depois de confirmar a sua annuencia ao alferes Ferry, sumiu-se para um cacifo atulhado de papeis.

Eram cinco horas da tarde, ainda com sol muito alto, escondido de quando em vez por nuvens ligeiras que o poente ia tornando lentamente côr de rosa. No grande campo d'aviação ia um relativo socego. Na planicie immensa os *hangars* cheios de aviões seguiam-se a perder de vista, — mas um grande numero d'elles estacionava ao ar livre, enfileirados, desenhando formações no terreno, immoveis como gigantescos gafanhotos brancos, pousados e mortos. Os monoplanos-avisos alternavam com os aviões de caça e de combate, espalhados pelo solo com tão forte segurança, tão couraçados d'aço, tão macissos, que se me afigurava terem a ligeireza de pachidermes — e onde sempre a guella d'uma metralhadora espreitava meio escondida pelo *capôt.* O sol tocava-os de esguelha, incendiando os metaes polidos, reverberando nos braços das

helices de carvalho polido. Todas as aves de França, silenciosas, aguardavam, postas em fila, o momento de estenderem pelo espaço, umas após outras, a sua larga envergadura, para irem cahir ou irem vencer, longe, para o norte, onde outras aves cinzentas aguardavam tambem. E foi junto de uma, colossal, de seis azas, magnifica e complicada, semilhando um couraçado encalhado na campina, — que o alferes Ferry parou. Era o nosso avião. Olhei para elle como se olha para um monumento, perguntando a mim proprio se aquella massa de ferro, de linhas vastas e grossas, sem a mais ligeira apparencia de estabilidade e de ligeireza, alguma vez poderia voar.

Felizmente para mim, o alferes Ferry não tinha duvidas a esse respeito. Saltou-lhe logo para dentro, embrenhando-se n'uma conversa technica com o seu mechanico. Tão depressa me fez signal, saltei tambem. Atraz de mim trepou o metralhador, que foi postar-se na prôa d'aquelle bizarro navio, grave e taciturno. Sentei-me ao lado do alferes Ferry que me deu uns oculos e uma pelle. Elle proprio embrulhou-se tambem, desfigurou-se n'uma immensa mascara que lhe tapava a face. Os outros dois, silenciosos, attentos, fizeram o mesmo. O mechanico ficou atráz, junto dos seus *bidons*, dos seus oleos, das suas helices, de toda aquella complicação engenhosa d'instrumentosinhos extranhos, inverosi-

meis — e que todos tinham utilidade, papel definido, funcção e alma. E apenas todos quatro nos instalámos, firmes como rochas n'aquelle chimerico aeroplano que me parecia tambem inabalavel, o alferes Ferry, n'um sorriso onde havia uma ligeira ironia, já com as mãos sobre o volante, voltou-se para mim e como n'um circo, antes do salto, perguntou:

— *Etes-vous prêt?*

— *Parbleu!*

— *Allez!*

A massa começou rodando devagar, com uma lentidão de mastodonte, pelo campo que estendia até ao horizonte a perspectiva castanha da sua luzerna cortada cérce. Um primeiro frémito metalico fez estremecer os correctores das grandes azas. A helice principiou o seu movimento de rotação, accentuando cada vez mais o zenir, que de grave passou quasi de repente a agudissimo. O apparelho correu perto de meio kilometro pela charnéca, tão pesado, tão formidavel que ninguem o supporia feito para voar. De repente cessaram os solavancos, as rodas giraram no espaço. E Etampes já ficava para traz, toda cinzenta sob os ultimos raios do sol que se inclinava para as bandas d'oeste.

Subimos rapidamente a quatrocentos metros. Se não fôra a estridencia do motor, dir-me-hia empolgado nas garras d'um grande condor, ba-

tendo os espaços com lentidão e nobreza. Os tendores fremem na briza viva que nos açoita de revéz. Um trepidar ligeiro accusa uma arfagem quasi imperceptivel. Com o dedo o alferes Ferry indica-me o quadrante de alturas: a agulha permanecia no 420; o conta-voltas denunciava a rotação normal, mil cento e cincoenta voltas. E já o tachymetro nos ensinava que corriamos sobre Paris com uma velocidade moderada de oitenta kilometros. Tres quartos d'hora chegariam para a nossa viagem.

Em baixo a campina parecia morta. Só uma grande sombra correndo pelos campos — e que era a sombra alongada, deformada da nossa ave, parecia animar a paysagem extactica, já colhida no primeiro socego da tarde. O horisonte subia em volta de nós, expondo, n'um raio de duzias de kilometros, os admiraveis campos da Isle-de-France, povoados de casaes, de aldeias brancas, tão variados de plantações methodicas e sabias que, vistas do alto, semilhavam um colossal mosaico caprichosamente cortado pelas estradas que corriam em todos os sentidos. Toda a face da terra parecia contemplar sisudamente. Na esquina de um valado um cão ladrou n'um assombro. O seu latido chegou até nós nitidamente, furando o roncar do motor. Um homem, uma mancha pequenina esmagada n'aquelle immenso plano-relevo, gritou qualquer coisa, caminhando ao longo de um macisso de verdura onde por

baixo se adivinhavam escondidas, aguas placidas e sussurrantes. Para o norte uma fila de choupos hirtos e enfileirados denunciava um canal; e quebrava-se bruscamente, quasi no limite do horisonte, caminhando de novo para nós, formando um grande V na campina, formidavel coberta de retalhos, em direcção a uma cidade meia occulta na folhagem esguia d'um aglomerado d'eucalyptus. Um fumo subiu ligeiro, vertical, azulado, surdido d'uma herdade d'onde n'aquelle mesmo momento sahia um automovel. E, de subito, como n'uma transformação de magica, todos os detalhes se esfumaram, se esbateram confusamente. Subiamos a novecentos metros — e em volta de nós o horisonte dilatára-se tambem. Grande mancha semeada de borrões a face d'aquella provincia suave, já invadida pelas primeiras sombras da noite, preparando o seu quieto adormecer como de manhã se animára para o seu arduo trabalhar. Visão fugitiva, imperecivel visão dum momento — porque a sua meiguice virgiliana desapparecia em cada segundo, devorada pela nossa ave apressada que galgava os ares como se subisse ao assalto de Deus. Uma agulha esguia alastrava no horisonte norte; era a torre Eiffel. E começaram as casas, os altos predios de sete andares, que pareciamos roçar com a nossa aza fugitiva. Ali estava a capital da Europa, cosmos immenso, minusculo cosmos, onde as casarias cinzentas

se atropelavam, se esmagavam vistas d'alto e de longe e onde eram brinquedos as estatuas de heroes como eram brinquedos os palacios dos Reis. O Louvre era um dádo, picado pelas suas mil janellas, onde o sol incendiava as vidraças n'uma apotheose magestosa e purpurina; a basilica do Sacré-Cœur, branca, pousada nas alturas de Montmartre não lembrava mais do que uma pedra ligeira, de cantaria, arrumada ali com negligencia. Nos milhares de ruas já escuras, já sombrias, adivinhava-se uma multidão seguindo com a vista a nossa ave que passava. E um offegar pezado, a respiração arquejante da grande cidade, subia e toldava os ares com um manto plumbeo, um manto espesso que o sol doirava de longe, aqui e além. Foi um instante. Passou. Já se distinguia nitidamente a egreja de S. Diniz, onde deviamos descer. O alferes Ferry cortou o contacto. E de subito um silencio profundo, um silencio voluptuoso, envolveu-nos. A helice parára, dava as suas derradeiras voltas, já sem força. Desciamos em vôo planado. Agora, mais do que nunca, iamos suspensos das garras do condor. Foram dois minutos fugazes, dois minutos d'uma indizivel sensação. De novo rolámos por um campo pedregoso, em solavancos que faziam gemer o nosso avião. E de subito o apparelho estacou, immovel, quasi ao lado da egreja, junto d'um *hangar*, outra vez tão macisso, tão firme como se tivéra alicerces. O alferes

Ferry, n'um gesto rapido, tirou os oculos — e sorriu. O metralhador, sempre taciturno, desceu logo. Puchei pelo relogio. Esta grande emmoção da minha vida não tinha chegado a durar tres quartos d'hora...

Uma figura d'inglez

O adido militar inglez em Paris, deu-me por companheiro de viagem o tenente Robinson. Mas a providencia dos *reporters* deu-me no tenente Robinson um resumo, uma syntese do exercito inglez. Folhear, observar, interrogar Robinson, era de facto, como depois o verifiquei, exactamente a mesma coisa do que percorrer toda a linha ingleza desde Nieuport até ao sul d'Arrás. E quem o tivéra conhecido, conhecêra com effeito cem mil officiaes inglezes.

Vivi com elle seis dias, seis dias de intima communhão em que partilhámos da mesma cama — quando havia cama, — viajámos nos mesmos camiões, e mettemos os dedos na mesma lata de *corn-beef*. Tinha uma farda nova, um sorriso claro e uma maleta de mão. A impressão que tive ao vel-o pela primeira vez nos salões do *bureau* inglez da rua de Saint-Honoré, foi a que sempre conservei. A sua edade constituiu sempre para mim um ponto d'interrogação. Podia

ter dezoito ou trinta e seis annos e fazia provavelmente a barba de quarto em quarto d'hora porque nunca lhe vi a mais ligeira sombra de pello maculando-lhe a carnação, uma carnação de *bébé*, de leite e de rosas. Lembrava-me sempre um presunto de Strasburgo, rosado, de veios brancos, lacteo, carminado. Era alto, cheio, quasi silencioso, de modos brandos, d'uma polidez requintada, uma grande *demoiselle* que tinha a cruz de guerra e um lenho medonho no pescoço solido e roliço. Quando nos apresentaram, articulou, ciciou um *good morning, sir* e estendeu-me logo uma *blague* cheia de tabaco d'Aleppo, que tinha conseguido trazer dos Dardanellos. Depois tomámos um primeiro *champagne* silencioso e risonho.

Quando, na noite seguinte, embarcámos, na *gare* do Norte, para Beauvais, tomei conhecimento com a mala de mão do tenente Robinson, parte aliquota d'elle e sem a qual nenhum inglez poderia viajar com dignidade e decencia. Era um monumento, uma obra prima magnifica dos srs. Palck and C.º, correeiros em Pall-Mall — e não tinha mais de meio metro de comprimento. Pois nunca manifestei o maior apetite, o mais chimerico e monstruoso desejo, sem que esta mala, próvida e abundante se não abrisse logo, confortavel e bem servida. Todo o conforto dos civilisados, toda a magnificencia dos *raffinés* residia ali; tinha ceroulas de lã e agua de Vals,

peugas de fio d'Escossia e perfumes de Lubin, lenços d'assoar e fructas cristalisadas — e decerto, se me apetecesse, ou no wagon, ou na campina ou no retiro discreto das salas de banho, um Gaurisankar ou um rio Amarello, sem duvida o tenente Robinson os tiraria da malêta com o seu claro e placido sorriso. Para ter malas assim, não basta ter dinheiro para as comprar — é necessario tambem, é indispensavel ser inglez.

De facto, ninguem era mais soberbamente inglez do que o tenente Robinson. Aquelles que teem por suprema expressão de jactancia patriotica o *Deutschland uber alles* germanico, não conhecem, sem duvida, o *England for ever*, dito de dentro, com uma serenidade inabalavel e convicta, uma consciencia de força e de triumpho que poderá, muitas vezes ser mal interpretada por todos nós, homens do sul e de grandes phrases — mas que é, na verdade, a formula magica e unica que faz da Gran-Bretanha um grande paiz. Nunca ouvi o tenente Robinson glorificar a sua terra ou ter a proposito d'ella qualquer répto oratorio inflammado e lamentavel, como é vulgar entre nós, nos politicos e nos pharmaceuticos. Mas em todos os seus actos — nos mais simples — em todas as suas acções — nas mais ligeiras — transluzia um orgulho calmo, uma perfeita consciencia de superioridade, fontes primeiras de Juvencia onde a Inglaterra toma constantemente um banho lustral. Não era um

soldado — era um *gentleman;* não era uma farda — era uma ideia. Como para os bésteiros de Taillebourg Galaor era um symbolo ridiculo e vão, para os inglezes d'hoje O'Connor ou Kosciusko são inutilidades unicamente aproveitaveis á litteratura. No tenente Robinson não existem rajada, eloquencia ou tumulto, causas desoladoras de indisciplina e de confusão. Mas possue um senso finissimo e um golpe de vista incomparavel. Não comprehenderia talvez como Turenne, na vespera de uma batalha, poude dormir sobre um reparo de canhão, mas nos intervallos do fogo lia e anotava um volume desirmanado de Gibbon, *A decadencia do Imperio Romano,* e fazia commentarios sobre Augustulo ou sobre Valerio Maximo. Muitas vezes lhe vi esse Gibbon. Tudo n'elle era calmo, reflectido, sensato. Faz a guerra porque é preciso, é indispensavel vencer a Allemanha. Mas faz a guerra com a mesma placidez com que joga o *crocket* e parte d'uma trincheira como parte d'um *fock.* Se toma um pedaço de linha, tem a mesma satisfação de quem faz um *rover* e tripula um *tank* e marcha para a morte e dá a sua vida com a mesma facilidade com que enverga uma camisola de malha. É a quinta essencia da tenacidade conservada n'um blóco de gelo. Está ali, fazendo a guerra como podia estar na Australia n'uma vida de *squatter,* ou no Cabo, n'uma existencia de caçador d'elephantes. Gente assim é inven-

civel — porque se não gasta e conserva sempre a mesma frescura, a mesma ideia e o mesmo plano. Á noite, o tenente Robinson sorri e elucida: — *Vou dormir!* E dorme oito horas seguidas. Acorda, sorri e declara: — *Vou almoçar!* E almoça. Depois, com pachorra, enche o cachimbo, envolve-se em fumo azul, enterra os pés no chão, macissamente, e annuncia: — *Vou bater-me!* E vae. Vae e volta sempre de tal forma que traz na farda uma cruz ou uma insignia e no corpo um estilhaço d'obuz. E dois milhões d'inglezes pensam assim, procedem assim, com uma simplicidade admiravel.

Esta placidez soberba mais se realça ainda pela forma por que os *tommys* se instalam. Toda a linha é *home* e todos se esforçam por tornal-a tão confortavel quanto possivel. A cerimonia é uma coisa desconhecida. Na manhã fria e pontuada de chuva em que chegámos á aldeóla de Salleux, o meu inseparavel companheiro quiz tomar o seu banho. Não havia, porém, facilidade em armar o *tub*. Ainda por instantes julguei que o tenente Robinson trouxesse dentro da sua mala de mão um quarto de banho completo. Não trazia — mas carreava comsigo scentelhas de genio. Havia na praçasinha publica uma vaga apparencia de mercado; cincoenta homens e outras tantas mulheres vendiam e compravam generos de mercearia, debaixo de grandes tóldos. O tenente Robinson alugou um toldo, dispôz

uma dorna, fretou dois grandes vasos d'agua fria e em plena praça, nu e branco como um marmore de museu, tomou o seu banho com delicia e desprendimento — sem largar o cachimbo — sob os olhares attonitos d'uma aldeia inteira. Tirou da milagrosa mala uma toalha turca, um *pears* e um pulverisador. E ensaboou-se cantarolando com voz de falsete. A minha admiração excedia todos os limites e só foi comparavel á minha indignação quando, n'essa mesma noite, pelas duas horas da manhã, dormindo ambos n'uma adéga, onde havia colchões, me senti violentamente acordado. Sempre rosado como um fiambre d'York, o tenente Robinson estava em pé, deante de mim, sorrindo com o seu immutavel sorriso. E estendeu-me a mão.

Esfreguei os olhos, arregalei-os n'um intenso pasmo.

— Adeus! — disse elle.

— O quê? Adeus? O quê? Para onde é que você vae a estas horas?...

— Aproveito um comboio automovel e parto...

— O quê? O quê? O quê?...

— ... para Bethune. Adeus!

Com uma simplicidade, uma concisão spartanas, deixou-me, ás duas horas da manhã, n'uma aldeia meia arrazada, com tanto desprendimento como me tinha encontrado seis dias antes no escriptorio do coronel Brown. E nunca mais tornei a ouvir falar no tenente Robinson.

Beauvais

Ás quatro horas da manhã já uma luz cinzenta, suja, tombava do céu, envolvendo em claridades espectraes a campina em derredor, despovoada e d'um verde glauco, quando o tenente Robinson, sentado defronte de mim, n'um compartimento de wagon escassamente alumiado a azul, tirou o cachimbo da bocca e disse, apontando com molleza:

— Beauvais!

Para a direita, um amontoado de predios cinzentos, conglobados em torno da flecha esguia d'uma cathedral, riscava no horisonte um perfil irregular de cidade minuscula. Um rio corria ligeiro, debruado de choupos, torcicolando em curvas vagabundas. Era o Thérain. Rolando cada vez mais lentamente, o nosso comboio parou por fim, n'um trepidar de freios, junto do taboleiro immenso da estação. Um homem com as divisas de sargento correu ao longo do trem, berrando com uma voz monotona e quebrada:

— *Beauvais... descente. Beauvais... descente...*

Estonteado, agarrei no meu sacco. Um raio de sol nascente resvalou ao longo do asphalto escuro do caes, doirando os homens e as coisas. Um perfume agudo e vivo, o perfume inebriante da madrugada, passou arrastando uma olencia acre d'agulhas de pinheiro. A cidade dormia debruçada sobre o Thérain placido e virgiliano. Um cyrrus côr de rosa, tocado de baixo pela luz violenta do sol, viajava lentamente pelo espaço. E tudo em roda era azul. Descemos.

Beauvais, a oitenta kilometros ao norte de Paris, e apenas a trinta e cinco de Montdidier — é hoje uma cidade do *front.* E é tambem uma cidade americana. Instalava-se lá o grande quartel-general americano e as duas minguadas duzias de milhares de *Beauvaisianos* ficaram em breves dias completamente submergidas, afogadas, na onda collossal de homens e apetrechos que o tio Sam traz constantemente comsigo, porque os americanos procedem sempre como as marés descommunaes, inopinadamente e por surpreza. Appareceram primeiro uns quinze ou vinte, com um par de caixotes, n'um *autobus* e uma machina de fazer sorvetes. E quatro horas depois, quando ainda havia gente pasmando e admirando, um negro e macisso comboio, interminavel e atulhado, despejou mil e quinhentos

que logo, polidamente, suavemente, tomaram conta de varios edificios, organisaram um campo de concentração e montaram uma cantina para soldados, como seria para desejar que houvesse uma em Lisboa para officiaes. Depois vieram os chefes, o general Pershing trazendo comsigo vinte automoveis consideraveis, onde todo um Estado-Maior explendia irrequieto e activo, injectando sangue novo, operando uma ressurreição de força e de vigor. Todo o material formidavel d'um exercito moderno inundou a cidadesinha quieta que até ha pouco girava unicamente em torno das suas tapeçarias e dos seus crystaes, vivendo em volta dos teares n'uma industria de paciencia e d'arte. E na praça recatada e discreta onde Joanna Hachette, a heroina de Beauvais, ergue no bronze a sua fronte de guerreira incendiada e forte, praça modesta e socegada, convidando a um lento e pensativo scismar—ha canhões que parecem abandonados e que todavia apenas pousam dois instantes e ha uma multidão que rumoreja e bebe um *coktail* sem fim, antes de continuar seguindo pelas estradas onde já de quando em quando os morteiros prussianos esbarrondam as bérmas. De facto os homens renovam-se constantemente n'uma azafama febril, n'uma vertigem, como que attrahidos irresistivelmente para o grande sorvedoiro onde ha gritos e clarões. Mas o genio engenhoso e conciso que poz de pé em meia

duzia de momentos uma engrenagem collossal e magnifica, permanece e aperfeiçoa-se constantemente. Uma mulher encostada a uma esquina, olhando aturdida a torrente bramidora dos homens, das armas e das bagagens, exclamou n'um espanto: *C'est l'Amerique qui passe!* Com effeito, era a America que passava, invencivel, infindavel, no desfilar apressado e continuo de altos e fortes rapagões que, para além do Atlantico, para além de toda a França que já lhes ficava para traz, vinham, d'animo alegre, d'animo novo, transfusar um sangue vermelho e repousado, praticar com simplicidade uma enxertia que revigorasse a velha fronde da nossa velha civilisação.

Beauvais, cidade franceza, vê passar os americanos. Pela primeira vez respirei o meio ambiente de confiança, de serenidade e de disciplina que mais tarde encontrei identico em todas as cidades e villas da linha. A França de 93, tumultuosa, ululando em rajadas épicas, não estava talvez ali; mas as preclaras virtudes dos avós, as ancestraes qualidades de tenacidade, de ordem, de vibratilidade, subsistiam. Com um chapeu de palha e uma quinzena d'alpaca, os burguezes de Beauvais são ainda os mesmos, aquelles que bateram os cavalleiros de Carlos o Temerario, os que repeliram a infantaria hespanhola de Emmanuel-Philibert e que voltaram de novo para o seu tear, picando agulhas em bro-

cados de tres altos depois de cravarem lanças em peitoraes de ginêtes. É a gente grave, sombria, taciturna, multidão inumeravel onde cada unidade é consciente e trabalha, e soffre, e pena com energia, com teimosia para accrescentar a parcella do seu esforço e sarar as feridas da Patria ensanguentada. Aquelles que suppõem a França a barraca das alegrias faceis, onde os homens são nulidades e as mulheres instrumentos de prazer, — não poderão comprehender nunca a abnegação, o heroismo obscuro d'aquella gente que palpita e sangra, com o sorriso nos labios, devorada pela dôr, exhausta d'amargura, mas d'olhar brilhante, de indomavel olhar onde ha o clarão desvairado dos que querem e hão de vencer. Beauvais, cidade franceza, vê passar os americanos e estende-lhes a mão com uma nobreza tocante, sacratissima anciã mirando-se perpetuamente nas aguas do seu claro rio, aguardando, esperando, ouvindo no silencio da noite, longe, para lá do horisonte, o ribombar surdo e continuo de dez mil canhões que devastam as terras e rasgam os espaços. E no entanto a America passa triumphal e nova. Mas não passaria nunca, não seria nunca triumphal se aquelles burguezes a não aguardassem com a sua gravidade bisonha e inalteravel. E este sangue todo moderno, todo em ebulição, corre atravez de veias que o disciplinam, o fazem brotar mais

vivo, mais palpitante, remoçado por seculos de heroismo e de espirito de cohesão.

Depois da offensiva de março que levou os allemães até Montdidier, Beauvais começou a ser um alvo para granadas bastante frequente e quasi todos os dias lhe passam por cima grossos *taubes* que despejam uma metralha irritante. Todavia Beauvais apenas está esbotenada ligeiramente — e só aqui ou além abatem pedaços de cornija que já não conseguem entreter os rarissimos ociosos. Tão longe ainda da Flandres, já no entanto surge o *facies* peculiar a estas cidades que teem o seu passado esculpido na fachada dos velhos predios. De manhã, ainda como nos bons tempos do rei Luiz XI, a praça do mercado, protegida por um *beffroi* ainda sem grandeza mas já caracteristico, anima-se singularmente, n'uma confusão de gritos e de côres, onde já circulam, as *béguines,* como em Bruges, e a saia listada de verde negro das mulheres do Artois, alterna com as calças amarellas dos picardos. Mas, agora, aquelle patriarchal socego que arrastava os mercados até ao meio dia n'uma lucta rude de interesses e de lucros, desappareceu. O mercado, as ruas, as lojas, os jardins publicos não são mais do que vastos acampamentos onde os mil nadas de uma civilisação vinte vezes secular se offerecem a uma outra, recente e sem peias. Corre um caudal d'oiro, uma torrente de fortuna, canalisada pelos ame-

ricanos e de que a cidade aproveita largamente. É preciso procurar com attenção os cantos discretos onde melhor se sinta palpitar a alma da França. A vida inicial, a vida dos maiores, não foi anniquilada, mas apenas reduzida. Em plena guerra, quasi na linha, ainda se fazem tapeçarias de Beauvais e nos *faubourgs* mais longinquos ainda se encontram, nas soleiras das portas, attentas e graves, mulheres que bordam sobre jutas — e que logo me lembraram as outras a quem a guerra quasi não tocou ainda e se curvam sobre o seu lavor nas travessas desertas e nuas de Villa do Conde. E n'esta Beauvais tonitruante, eriçada de peças de artilharia que desfilam, sulcada constantemente pelos comboios automoveis que circulam como uma fita sem fim, — ha preparações lentas, para mais tarde, para o futuro. Pela primeira vez vi mulheres vestidas de preto, mudas, apagadas, veneraveis creaturas de abnegação e de sacrificio, envolvendo creanças e velhos n'um longo e doce cuidado maternal, sem espectaculo, sem farda, sem pompa, com uma simplicidade tão dolorosa e tão fremente d'amor, que arrasava os olhos d'agua. O sangue do *front*, o admiravel sangue francez já chegava até ali, para ser estancado n'um largo e enternecido sopro de caridade e de sereno patriotismo. A face humilde, a face abominavel da guerra! De longe Beauvais parecia adormecida na irradiação soberba d'um limpido dia de primavera — mas por

dentro offegava e soffria, arquejava sorrindo. Pela rua principal, como nas télas d'Ingrés, passa o ferro, passa a força, passa o homem. Ha clamores de victoria, farrapos de *Marselheza,* vibrações de carrilhão que esperam impacientes a hora bemdita do triumpho. Mas logo se volta uma esquina, logo se entra n'um lar e as télas d'Ingrés são fumo, são claro-escuro, salpicando de manchas estridentes a cinzenta amargura dos que esperam. A face humilde, a face abominavel da guerra!... Beauvais, cidade franceza, vê passar americanos. E soluça!

A Caminho da vertigem

— Sargento, para onde vae o comboio?

— Breteuil.

— Posso seguir?

— Alferes commandante do comboio... Decimo segundo carro...

Os *camions* desfilavam massiços e carregados, vagarosamente...

— Official, desejo seguir no comboio.

— Exercito?

— Portuguez.

— Situação?

— Adido.

— Serviço?

— Nenhum. Salvo-conducto de livre transito.

— Em regra?

— Em regra.

— Para onde vae?

— Amiens.

— Vou só até Breteuil.

— Não importa. Descerei em Breteuil.

— Suba.

Pendurei em volta do cinturão o bornal e o binoculo. Atirei o meu sacco para cima do automovel, que não cessára a sua marcha lenta, carregado em cogulo, coberto com um longo encerado que pendia. Depois segui o caminho do sacco, agarrando-me ás correias. Fiquei a quatro metros do chão, sentado sobre um fardo de palha, n'um esplendido observatorio. Deante e atraz de mim, outros carros seguiam identicos, interminaveis. O alferes lançou uma vista d'olhos pelo meu passe. Cumprimentám'o-nos mutuamente. E como nenhum de nós desejava falar, em breve nos esquecemos um do outro.

Breteuil fica a vinte e cinco kilometros ao norte de Beauvais e a menos de vinte a oeste de Montdidier. O comboio automovel devia lá chegar á boquinha da noite porque eram mais de sete horas quando larguei de Beauvais, empoleirado no monte de fardos. A perder de vista, por todas as fitas brancas das estradas, outros comboios carregados e sem fim, circulavam lentamente, transportando a tralha immensa d'um exercito em campanha, pacientes e laboriosos como carreiros de formigas. Tinha choviscado pouco antes, de forma que não havia um grão de poeira pelo ar e toda a atmosphera tinha uma pureza, uma nitidez como só a pos-

suem os paizes do sul, quando a primavéra perpassa grave e fresca. Sardinheiras rubras floriam placidamente ao longo dos valados, debruando de vermelho os muros dos jardins que abrigavam *villas* discretas onde em todas as janellas os *stores* corridos denunciavam tranquilidade e conforto. Um raio de sol incendiava uma vidraça. As colinas ligeiras do Artois, apanhadas d'esguelha pela reverberação intensa do poente, punham nas tres quartas partes do horisonte uma grande mancha de um cinzento tão penetrante e tão puro que nenhuma palêta o poderia reproduzir jamais. Uma orchestra invisivel, a grande orchestra de Deus, principiava a symphonia da luz, um *pizzicato* marcado pelo fremer dos platanos trémulos que se acompanhavam com o rithmo largo e onduloso dos pensativos pinhaes verde-negros que cercam Beauvais, pendulando em cadencia no farfalhar do vento, colhidos n'aquella admiravel maravilha do magestoso adormecer das coisas. Os freixos que cercavam as aldeias, estylisavam-se, luminosos no incendio triumphal e a sua folhagem, pouco espessa, coava os lumes, formava uma renda gigantesca que a pouco e pouco enegrecia e perdia a transparencia. Uma nuvem longa, pondo no ceu uma grande mancha ensanguentada, mudou repentinamente de côr, cabriolou indecisa e correu, leve, para a irradiação formidavel. Em baixo era a festa das sombras virentes, o

mysterio verde e fresco dos troncos que se povoam de ninhos, a primavera eternamente renovada dos galhos vetustos que se enfeitavam de mocidade e se cobriam de rebentos para que o fructo, viesse propagador e util offerecer sua dadiva na ponta dos esguios ramos melancolicos. Grandes folhas rolavam n'um sussurro que se esgueirava por entre os azinheiros, preparando maio em toda a face immensa da terra, para que reflorissem de novo os velhos troncos adormecidos e de novo se preparassem os dons espontaneos dos fertilissimos uberes de Cybéle, a placida mãe que envelhece sendo util e se envolve em ruinas fructificando. A chuva d'oiro do sol retirava, deixando socego até á outra auróra. Uma boiada vagarosa, precedida pelo abegão, passava atravez dos atalhos caminhando na satisfação severa d'um bem lidado e bem trabalhado dia. Um cão deixou escapar um latido plangente, mirando a agonia da tarde. Das arribanas vinha uma suspeita de balidos no tilintar das campainhas abafadas. As nóras emmudeceram. Os astros espreitaram um a um. Na luz espectral e plumbea o nosso comboio seguia cada vez mais lento n'aquella meiguice de bucolica. A guerra estava longe, a guerra não existia. E de repente, pela direita, emmergindo, como um phantasma das primeiras brumas, as quatro paredes calcinadas d'um casal mudo e silencioso surgiram, desamparadas, hirtas, deixando

ainda pender duas tráves d'um antigo telhado, arrazadas por entre um entulho onde já crucitavam as aves de sombra e de noite. Era a guerra! Era ali!

Era ali. Aquella cousa hedionda, aquella abominação, aquelle crime gigantesco que ha quatro annos todos vêmos pelos telegrammas dos jornaes, pelas photographias das illustrações, —era ali, começava ali! Na luz livida do crepusculo, vi a guerra, senti a guerra n'aquella herdade arruinada, n'aquelles muros que pareciam implorar, e que em volta da paz de Deus, significavam a tempestade dos homens. Era ali! Em outros pontos, em todos os cantos do horisonte, outros casaes appareciam, desmantelados, esbarrondados, fumegando ainda na campina silenciosa, tochas immensas, fachos gigantescos em volta dos quaes vultos negros e apressados ululavam de dôr e de amargura, tentando ainda salvar as pobres riquezas, as sagradas riquezas que arrancam o pão da terra e cozem o pão no forno. E depois, foram as quintas taladas, as leivas cinzentas, convulsionadas pelos estilhaços de morteiro, os pomares decepados que transformavam os vergeis em abatizes sem fim e as aldeias, as aldeias humildes, onde sempre se refugiou o socego da terra, as aldeias de Theocrito e de Horacio, enormes cemiterios, immensos campos d'entulho, negros do fogo, necropoles de ruina e de desolação, mostrando ainda, atra-

vez das janellas estilhaçadas, cantos de cosinhas, cantos d'adegas, cantos de curraes... Uma trovoada surda, longinqua, obsecante, subia da orla do horisonte. O comboio passava atravez d'uma rua onde em tempos foi Cuichy. Depois crusou Villerete, Monchaux, Dardigny, Colches... Em derredor a tempestade crescia sob a clara paz do ceu já salpicado d'estrellas. E ia pela terra um rumor de desastre e de piedade, um rumor d'azafama mysteriosa onde havia gritos e o entrechocar das armas, lamentos e crispações de metralhadoras. Guerra! Nem uma folha, nem uma vergontea. A estrada corria agora por entre uma dupla fila d'espectros que eram arvores a que faltavam todos os ramos, decepadas, anniquiladas e onde só os troncos restavam, mudos, impassiveis, angustiosos, como braços delirantes de desespero, impetrando os ceus inacessiveis. Grandes e fugitivas sombras passavam ao longo do trem. Um holophote projectou um feixe de luz, apagou-se logo; um foguete vermelho riscou o espaço. E um unico canhão de trinta, um monstro armado n'uma plataforma de betume, meio escondido entre saccos de terra, começou troando regularmente, de dez em dez minutos, muito proximo de nós, para o norte. Uma grande claridade livida denunciava Breteuil, na nossa frente. Um regimento de *relève*, chegado n'aquelle mesmo instante atulhava-lhe as ruas onde só uma ou outra casa

permanecia intacta. As calças vermelhas dos *poilus* dessiminados por todas as travessas, esmaltavam de tons rubros, já affogados na obscuridade, os dedalos emaranhados, onde formigava a actividade surda e lenta dos homens que procuravam installar-se o melhor possivel. Cada vez a sombra era mais densa, cada vez mais intensa a confusão disciplinada. As motocycletas cruzavam-se em todos os sentidos; as agulhetas d'um official do estado maior brilharam fugitivamente, logo se sumiram por detraz d'uma bateria de setenta e cinco, ainda com o gado atrelado e que chegára n'aquelle instante, rolando n'um fragor de cem carros de guerra. E n'isto o comboio automovel parou, rodeado, submergido, enraizado ao solo, preso por uma multidão armada que passava entre archotes, n'uma visão espantosa e chimerica, como d'uma fornalha saltitam diabos nas aguas-fortes d'Alberto Dürer. Mordiam pães, ululavam cantigas, passavam n'um tropel, selvagens, violentos, heroicos, sordidos, sublimes, a carne da França, o sangue de França que vinha de bater-se cantando e voltava cantando bater-se. Guerra! O alferes commandante do comboio bateu-me no hombro. Desci. Era ali!

A Voz

No campo arruinado, por entre os espectros que se agitam, uma só cousa vive, uma só cousa fréme: a voz da artilharia. É o hymno que sulca d'harpejos a epopeia da morte, e é o *leit-motif* plangente que embala e adormece os homens extenuados, enrolados como farrapos nos taludes das trincheiras. Ninguem a ouve — e toda a gente a sente. Vibra em todas as cavidades — e deixa placidos todos os corações. É a voz da guerra, a voz que ha quatro annos, sem um instante unico de socego silva, faiscando desde o mar até á Alsacia, cobrindo os homens todos no seu mugido sem fim. De longe, quando passa além do horisonte, é surda e grave, reflexiva, lenta, uma voz que dá conselhos em vez de expelir ameaças. Mais perto, é a voz irada d'um gigante, a fala d'um *ogre* convulsivo e agitado, pontuando os seus dizeres com golpes de montante que por maravilha resoassem nos

granitos de toda a Terra. Ao pé, junto d'ella, não é nada, porque é tudo, não tem definição porque é extra-humana, não tem crescendos nem repousos porque vae além de todas as acuidades. É a voz, a voz da guerra! Quem pudéra explical-a! Mixto confuso, incomparavel amálgama de todos os ruidos da terra, mysterioso, devastador, cambiando tonalidades a todo o momento, rumorejante como vento que perpassa atravez d'uma floresta de casuarinas da Australia, pesada e echoante como as torrentes que desaggregam os *canons* do Colorado e rugem sombriamente nas cavernas do Kentucky, maëlstrom furioso, horrenda voz d'Apocalypse que alastra e brama e grita e ribomba e clama, urrando imprecações e pragas e rugidos, formidavel voz de Deus, sobrehumana voz dos homens que esphacéla as profundidades azues a todos os instantes, a todos os segundos, a todos os momentos, ha quatro annos, teimosa, continua, constante, Briarêu de cem braços transmudado em gigante de mil boccas, aço, ferro, dureza, rigidez, trombeta collossal de Josaphat clangorando em toda a face desolada da terra. A voz passa a ulular! E ella, que não enrouquece nunca e colhe n'um assombro abominavel as cousas do Universo,—esmaga as cargas, esfuma os heroismos, esbate os sacrificios e as centenas de milhares d'homens que avançam e morrem, rugindo como leões, são um

formigueiro confuso estrebuchando furiosamente n'um mar de sangue — e não se vêem, não se sentem, não se adivinham, submergidos n'ella, envolvidos n'ella, rolando como folhas n'aquella immensa tempestade, sua obra, seu engenho, seu producto, que logo se emancipou ao sahir da bocca dos canhões e occupa o espaço e conquista o ceu e insulta Deus! No seu bramido, onde nenhum outro bramido mais forte póde já caber, estão todas as violencias da guerra e todas as amarguras dos homens. A voz vive, a voz passa a ulular, a ulular! É sob a rajada sangrenta d'aquella voz, que ceifa a sombria foice da morte emquanto as formações se escalonam e as bandeiras se desfraldam, os olhos relampejam de cóleras e o clangôr soturno das tubas ronca atravez das companhias. E é no viver d'ella, no passar d'ella, maldita voz dos infernos, maldita voz dos humanos, que os lares se cobrem de lutos e as lagrimas rompem, os soluços rebentam e vae por toda a terra da França uma dôr tão grande e tão forte que ha-de vincar nas gerações futuras uma larga ruga de Mágua, de Martyrio e de Desolação. A voz! A voz! Por cima d'ella Deus preside impassivel, por baixo Deus castiga tonitruante, fulminando a maldade dos homens. Para melhores destinos que não conheceremos nunca, para outras edades d'oiro onde de novo todos os males se fechem na boceta de Pandora e a grande illusão do Christo

reuna as almas n'um grande abraço mystico e fraternal, — aquelle troar persiste, aquelle troar devora, tão possante, tão imperioso que quando um dia calar, por longos annos ainda os ouvidos se recolherão como para escutal-o e em todos os tympanos vibrará, como um vestigio imperecivel, eterno, da coruscante tempestade d'outr'ora. A maior obra do homem, a que mais o approxima de Deus — e que não podendo crear como Elle, destróe como Elle nunca destruiu, voando entre rugidos de vingança, trilhando as terras entre os clarões de triumpho. É a voz com que Deus amaldiçôa e reprova. Bellona ruge com as suas fauces d'aço! É a voz estridente de Bellona! Grande manto, grande sombra, incorruptivel voz de desgraça que passa a ulular, a ulular, a ulular...

Terra de ninguem!

Um dia radioso de primavéra ergue-se sobre a terra de ninguem. A purpura incendeia os largos horisontes e a tragica, funebre payzagem, onde centenas de milhares de homens se escondem em galerias de toupeiras, explende na luz matinal. Um fio cinzento de agua torcicóla em meandros atravez os montes ligeiros. É o Somme, o rio de gloria e de sangue. Em derredor, toda a terra é parda, quasi negra, uma immensa escumadeira, uma perspectiva sem fim de covas de lobo onde, de quando em quando, uma cratéra aberta por um morteiro pesado abre o seu funil tenebroso, forrado de pedras e de estilhaços de ferro. Longe, quasi no horisonte, quatro arvores recortadas no espaço azul dobram com anciedade, curvadas a todo o instante pelo sopro rijo da ventaneira que passa. Desolação nua, absoluta desolação a d'aquella terra ensoalhada e deserta, ondulando em linhas de leiva aver-

melhada, largo oceano cujas vagas fossem de repente solidificadas para se conservarem immoveis para todo o sempre. A phantasia de Gustavo Doré nunca idealisou uma payzagem assim.

Aquella terra de ninguem, aquella terra que nem mesmo é de quem a pisa, aquellas ruinas disputadas passo a passo, pollegada a pollegada, — tem a grandeza lancinante de quem envelheceu entre devastações e constantemente soffreu com a abominação dos homens. Despida de toda a verdura, como uma antiga avó despojada de toda a mocidade, por sobre ella, sempre, a todos os instantes, passou a torrente pavorosa do crime e sempre, sobre os seus velhos membros, se degladiaram a ambição e a cupidez dos fortes. Não ha terra mais sagrada, não ha terra mais repleta de tradicções. Ainda nos limbos da historia, quando era ainda uma bruma confusa, ultima Thule, sentinella avançada dos pantanos da Hollanda, já era terra de terror e terra de desolação, embuçada na capa verde das florestas, impassivel perante os ritos sanguinarios, povoada de eremitas e de carvalhos dez vezes seculares, onde os sacerdotes de Tarann, deus do ceu, motor do universo, espirito terrivel que lançava o seu trovão sobre os mortaes, — interpretavam agouros no palpitar das visceras. Depois Cesar talou-a, iniciou a destruição d'aquellas Ardênnas onde em cada ravina, em cada clareira, emquanto os aruspices interrogavam,

gottejava o sangue vivo dos holocaustos, empapando-a, fecundando-a já, a preparal-a para o vagalhão dos barbaros, flagellos de Deus, macaréu immenso que durante seiscentos annos carreou a ruina, a morte, o crime, a força e o anathema. A velha terra palpitava já!

Palpitava já a velha terra! Sombria fronde, pomposa cortina de mysterio, vetustissima Austrasia onde rolavam lentamente os reis vagabundos na voluptuosidade dos carros mérovingios, terra de Brunilda e de Fredegonda, do louro cavalleiro Parsifal e onde o grande rei Carlos Magno talhava imperios vibrando solidamente o seu montante aquitão. Terra onde já o sangue d'Affonso Henriques dominava, a terra do conde Fernando, soberbo senhor das Flandres, solo sacratissimo de Bouvines, berço do espirito nacional onde cahiu, com a primeira lagrima dos humildes, o primeiro germen da liberdade dos homens. Como palpitava a velha terra! E por cada crime, uma communa erguia-se, por cada dólo um *beffroi* ameaçava os ares, levando ás nuvens os seus carrilhões d'alarme. Terra d'Amiens, terra de Beauvais, d'Arras, de Bethune, terra de Laon e de S. Quentin, épico torrão disputado por flamengos, borguinhões, hespanhoes, germanos, onde sempre brotaram as florescencias do sacrificio e das dôres, heroismos e abnegações, que deu Joanna Hachette e deu o Grand Ferré, amor, liberdade, justiça, piedade, orgulho,

gritos, imprecações, patria viva, patria sublime, onde Montlhéry cruzava os fogos com Pierrefonds e onde o senhor de Coucy, magnifico, feudal, hieratico, na sua grande dalmatica roxa, fazia a guerra, de pendões ao vento, no estralejar das oriflammas, talando os campos de Borgonha onde os cães atassalhavam creanças! Como ella palpitava-a dolorosa!

A dolorosa arfava! E sem repouso, sem tréguas, sempre os homens a trilharam, sempre os canhões rugiram por sobre ella. Ah! Velha terra, incomparavel terra de ninguem! No fragor coruscante das batalhas, entre bandeiras, entre glorias, passa o phantomatico cortejo dos superhomens, o que os seculos tiveram de melhor, de mais vibrante. Carregado de oiro, com a barbicha rála, o queixo de prognata, aquelle que levantou o pincel do Ticiano e venceu em Pavia, marcha para Gand. Em volta os homens dobram como vimes e todo o Artois em sangue, em fôgo, em lagrimas, vê passar o imperador Carlos v. Depois é Emmanuel-Philibert — uma gôta de sangue portuguez — a onda amarella da infantaria hespanhola, de Fuensaldanha e do duque d'Alba, trovejando, devastando a velha terra a offegar, a offegar... Pleiada immensa, pleiada d'Homero, esmagando a Picardia, a campina guerreira que ergue para os ceus, n'um desespero mudo, as torres das suas dez mil egrejas. Terra! Inferno! E é depois, sempre

sobre ella, sempre degladiando-se n'ella, que passam os generaes, que passam os heroes. É Turenne! É Montecuculi! É Condé! É o marechal de Saxe! Cidades conquistadas, recuperadas e perdidas, cidades arrazadas, velho torrão perpetuamente convulsionado pelo fragôr da metralha, rugidos, queixumes, mobilisações sob o claro e impassivel olhar de Deus. É Friburgo! É Rocroy! É Nordingen! É Lens! E é depois, soberbo e scintilante, Fontenoy, onde os homens tiram os chapeus de longas plumas para caminharem para a morte e se cumprimentam inimigos em mesûras de côrte antes que o roncar dos mosquetes próste e devore e aniquile! Grandes clarões, grandes epopeias, passam. Arrás, Cambrai, Bethune, pobres cidades, queridas cidades, grande lamento, grande amargura, lagrima de Deus cahida sobre a face da terra, cem vezes arrazadas, cem vezes passadas a fio de espada, peripheria de cyclones, envolvida perennemente na rajada tormentosa dos homens! Terra! Deus! E depois Sambre-et-Meuse e depois Valmy e depois Montmirail e depois as tardes cinzentas, sempre atravez d'ella, sempre percorrendo-a, quando Faidherbe arrastava um bando de fugitivos e já Guilherme I se coroava em Versailles. Terra de ninguem, terra de frémitos, terra de soluços, terra cem vezes sagrada de todos os heroes! De joelhos!

De joelhos sobre a terra de ninguem! De

joelhos! Ha dois mil annos que soluça e soffre. E ainda hoje, núa, espectral, vasia, ensanguentada, palpita ainda a velha terra, com uma vitalidade, uma energia, uma tal perseverança que nada a poderá destruir, nada a poderá subjugar. O sangue corre! Tragica abominação de todas as creaturas vivas! Terra! D'aquelles caudaes vermelhos hão de reflorir de novo todas as flores, todos os fructos hão de amadurecer, hão de vir novas primaveras e novas searas hão de vir, correndo leves por sobre ella, augusta anciã, terra dos maiores, ensopada de lagrimas, prenhe de recordações. O sangue corre. Que importa! Atravez da destruição, atravez do saque, perdura, aqui e alem uma promessa divina. Ha herdades arrazadas, aldeias para todo o sempre desapparecidas. Mas nos cantos resguardados, no abrigo dos muros que o acaso deixou de pé, ainda florescem lilazes, magnificos e indiferentes sob o fogo, lilazes para que ninguem olha e que são, todavia, uma promessa do ceu, uma dadiva de cima, um sorriso de Deus para aquella terra de desolação e de crime onde os homens se batem e se destroem, indifferentes á magestade silenciosa da eterna e sorridente natureza!

O galo, o licorne e a aguia

Em frente da aldeóla de Archeux-le-français a linha dos alliados forma um saliente agudo que seria de defeza difficil se dois môrros quasi eguaes, quasi parallelos, lhe não guardassem os flancos. Em cada um d'aquelles mamelões, tornados quasi inexpugnaveis, os anglo-francezes installaram vinte e quatro peças de setenta e cinco, que varrem a campina em frente e desdobram uma verdadeira cortina de ferro. Mas se os canhões troam constantemente, as acções d'infantaria são raras ali e na maior parte das vezes não passam de *raids* ligeiros, constituindo *la pêche aux boches*, porque de cada excursão d'estas veem sempre dois ou tres prisioneiros allemães, trazidos em triumpho, logo empanturrados benevolamente, porque todos trazem uma fome diabolica e expedidos com presteza para a retaguarda.

N'aquella manhã, o tenente Robinson estava

d'humor belicoso. Tinhamos almoçado bem. Junto d'uma cantina da *Christmas Young* um capitão de sapadores informou-nos de que, justamente, n'aquella parte do saliente, operavam em boa camaradagem, francezes e inglezes, em companhias mixtas. Robinson coçou a face esquerda com a cabecinha do dedo minimo.

—Quer lá ir?—perguntou-me elle.

—Não vim cá para outra cousa.

—Bem. Vou ao *twerdchey* solicitar a licença.

Twerdchey é um vocabulo novo, um termo intraduzivel, que pode á primeira vista parecer inglez mas que não pertence a nenhuma lingua e que designa caracteristicamente os ajudantes da brigada, officiaes da papelada, que visam guias e expedem ordens. Porque motivo *twerdchey*? Não o consegui saber nunca. Acendi um cigarro, olhando a antiga estalagem da terra, onde em tempos tinha existido um ferrador, e que era agora o quartel-general da brigada. Para lá entrou o meu bizarro companheiro e de lá sahiu em breve com um grande papel azul que voava ao vento, esmaltado de carimbos e de rubricas.

—E então?

—Vamos embora...

Chupei o cigarro com viveza. Coisa grave a trincheira! Silenciosos sahimos da aldeia, um ao lado do outro. Era um passeio de quatro kilometros. Logo largámos a estrada de Moreuil, que corria ao longo do Avre, estrada que ninguem

utilisava porque n'ella choviam constantemente os obuzes e tambem as grossas castanhas dos *schrapnell's*, como que cahidas do céu, rolando como folhas mortas n'um ciciar sinistro. Em roda sempre a campina cinzenta, deserta na apparencia e onde só ao longe, em semi-circulo, fumositos brancos e irregulares denunciavam baterias troando. A ondulação larga da charnéca estendia a perder de vista um oceano de pedras eternamente batidas, esphaceladas pela metralha — e de tal forma que as maiores eram do tamanho de ovos acabando de pulverisar-se, espalhando-se em poeiras quando uma marmita lhes rebentava por cima, abrindo um funil perfeitamente regular, uma cratéra minuscula por onde rebolavam com fragor avalanches de terras e de granitos. E bruscamente, com algum allivio e grande alacridade, o rasgão de uma trincheira appareceu á flôr do solo, uma trincheira meandrosa, torcicolante, caminhando para leste, escura mas abrigada, um verdadeiro Eden n'aquelle ermo onde nervosamente me parecia que todos os canhões allemães visavam os nossos dois vultos isolados e visiveis em todo o largo horisonte. Apeteci-a logo furiosamente, aquella doce trincheira! E ia dar parte d'este apetite ao meu companheiro—quando elle saltou ligeiramente para dentro d'ella. Arremessei-me tambem — e apezar da aragem fresca, quasi aguda, que perpassava, — com as costas da mão limpei duas camarinhas de suor, teimosas,

que me tombavam da tésta. Hoje, no socego da minha rua, na placidez do meu bairro, penso muitas vezes nesse momento em que vivi formidavelmente — e quer-me parecer que tive medo.

Estava deserto o aproxe, corredor simples, sem banquêta, sem parapeito, com o talude de revéz a pique, com raros abatises aqui e ali, visivelmente abandonados e esquecidos. Galerias transversaes abriam vãos de sombra de quando em quando e para além, adivinhavam-se outras ainda, cruzando-se nas entranhas pardas da terra, formando ruas e bêccos, verdadeira cidade de toupeiras pacientes e laboriosas, tão confusa, tão inextrincavel que demandava roteiro e bussola. Estão semi-mortos já os vivos que ali habitam n'aquelle labyrintho barbaro, talhado a picareta e a que só falta a abobada de rocha para se transmudar em catacumba ou em necropole. Pelas paredes dos fóssos a agua gotejava, conglobando no fundo, apezar do verão, apezar da estiagem, aquella lama fétida, a lama da guerra, torturante, obsecante, invasora, a lama de que todos falam com horror, que devora e transforma em vermes os homens que pensam e é o maior martyrio dos que teem de ali viver. Em breve as nossas grossas botas pesavam kilos, desequilibrando-nos, atirando-nos de encontro ás escarpas que logo maculavam as fardas e immediatamente enviscavam as mãos. Colhidos n'aquelle intestino sem fim, uma vez e meia mais alto do que a es-

tatura de um homem, nada viamos da terra e do céu apenas uma nêsga escassa, vagamente azul, nos acompanhava, riscada de quando em quando pela trajectoria dos obuzes que rebentavam alto. Silencio em torno de nós, na Babylonia de soffrimento e lama. Decametros adeante de decametros, kilometros adeante de kilometros atravez d'aquelle dédalo da morte onde só o echo abafado das passadas esparrinhando papas, dava fugitivos rumores de gente viva. Confusos pensamentos, inolvidaveis reflexões em plena febre, na espectativa do desconhecido, na imminencia do estilhaço que mata, caminhando para deante, para a voragem. E de repente, n'um rugido que me fez estremecer, uma voz gritou:

— *Qui vive?*

Santo Deus! Era o galo, era o *poilu*, o soldado de França, ali, no seu elemento natural. Como eram os soldados d'Hoche? Como eram os heroes de Marceau? Farrapos e clarões, agonias e clamores. Era ainda o mesmo — o soldado de França. Um corpo debil, um corpo meudo, servia de cabide a umas calças que tinham sido vermelhas, a um capote que talvez, outr'ora, fosse cinzento. Uma espingarda maior do que elle, onde refulgia a lamina azulada duma baioneta esguia, servia-lhe d'amparo, enxada de guerra, enxada de morte com que se abrem os corrêgos para os alicerces de futuras civilisações. A barba uma floresta; a fronte uma ruga

immensa; a bocca uma convulsão. Mas por cima dois olhos enormes, dois olhos soberbos, scintillantes, imperiosos, carregados d'orgulho, faiscando d'epopeia, largos olhos, humidos olhos de *piou-piou*,—denunciavam a raça, erguiam a imperecivel scentelha do heroismo na ruina miseravel d'aquelle corpo. Lamentavel e grande, abjecto e sublime, emproado, vibrante, cantando claro, dominador, grave, hieratico e meticuloso—era a França! Era o galo!

Passámos. Agora a trincheira povoava-se. E blindava-se tambem, complicando-se de *blokhaus* chapeados d'aço, onde se abriam *machicoulis* que as metralhadoras utilisavam logo. Por vezes a tripa sem fim tinha aspectos de galeria de mina, ribombando com echos abafados, rumorejante na tréva com o perpassar dos homens apressados e deligentes. As chapas de ferro soavam lugubremente no patear pressuroso dos trabalhadores. Aqui azafama, alêm socego, por cima o trovejar incessante das artilharias. Calças vermelhas, calças cinzentas, sapatões rasos, sandalias, pés descalços escoando-se entre panoplias d'espingardas penduradas nos barrotes, n'um gosto pueril e complicado, cunhetes de cartuchos onde sempre havia mãos a remecher, febris e impacientes. Encontrões, pragas. E a dois passos d'uma crista onde crepitava com estalidos secos uma fuzilaria molle, n'um reducto circular onde estavam installados telephones, telegraphos, microphones,

toda uma complicação de machinas industriosas e deligentes, seis inglezes cachimbavam com ripanço, com gravidade, deixando escapar de quando em quando interjeições placidas que subiam no ar mephitico, tão vagarosamente como as volutas do *golden-flake.* Logo lhes reconheci, no tumulto do prélio, o sangue-frio ancestral, um pouco bretões, um pouco normandos, participando do mercador de pannos das Indias e de John Churchill, que foi depois duque de Marlborough, linhas de grande senhor de Carlos II bruscamente cortadas por traços communs de *wapentake*, misto confuso de covenentarios e de fidalgos, a coragem lucida de *lord* Montrôse amálgamada na circumspecção constante de Herbert ou de Monck. Heraldicos e hieraticos, fortes e placidos, nobres e graves, representavam bem o licorne das armas reaes do seu paiz, por mysteriosas afinidades lembravam o animal de chiméra e de legenda que symbolisa a Inglaterra n'uma reunião de força, de elegancia, d'orgulho e de simplicidade. E no estrépito dos combates, o galo estridente, o licorne placido, bons amigos, bons camaradas, transfusando um no outro qualidades e defeitos, virtudes e deficiencias, um com a ira de Jupiter, outro com a serenidade de Vulcano, n'um largo gesto, n'um largo clamor,— combatem a aguia.

Subita gritaria commove os meus seis inglezes. Um *raid* ligeiro, uma distração familiar áquel-

les troglodytas — a unica distração — déra em resultado dois mortos no fundo d'uma cratéra e um prisioneiro prussiano trazido em triumpho. A fuzilaria amortecêra, diminuira e por fim calára deixando apenas a voz grave e continua do canhão. E no reducto, escoltado, entrou o homem, lugubre peça da formidavel engrenagem d'Atila, mudo, sinistro, emparvoecido, coberto de lama, esgazeado, quasi conservando por unico e supremo luxo o capacete de metal onde rutilavam as armas imperiaes, a aguia bipartida d'aquelles fidalgotes do Brandeburgo que o destino levou a imperadores da Allemanha. De novo os inglezes mergulharam nos cachimbos, mirando curiosamente o prisioneiro. O tenente Robinson foi mais communicativo:

— *Godam!* — exclamou elle.

O homem mordeu vorazmente um pedaço de pão trigueiro que lhe deram. Um *tommy* e um *poilu* em serviço de *corvée*, na retaguarda, preparáram-se para levar o prisioneiro. Vi-os, todos tres em fila, caminharem pela trincheira fóra, todos tres exhaustos, todos tres curvados, embrutecidos no horror immanente da guerra. E depois, n'um angulo d'um aproxe, phantomaticos, lentos, o galo, o licorne e a aguia desapareceram. E eu accendi um segundo cigarro.

A cota 321

Em Orchies-le-doyen, no fim d'um vago jantar em torno d'uma vasta mesa, pandemonium de todas as nacionalidades, aquelle major obêso, que me fitava com insistencia, ensacado no seu uniforme francez, interpelou-me bruscamente:

— O camarada é portuguez?

— Sim, senhor. Sou portuguez.

O official palitou os dentes e ficou um instante pensativo, perdido n'um scismar que não perturbei. E de repente, arrastando a cadeira, sentou-se ao pé de mim.

— Vem do sul? — perguntou elle.

— De Paris, por Beauvais.

— Passou por Breteuil?

— Passei.

— Por Moreuil?

— Tambem.

— E que tal?

— Não achei mau.

— Ruinas?

— Algumas.
— Successos?
— Bastantes.
— Viu a aldeia de Trombignon?
— Não me recordo. Vi tantas!...
— Não lhe mostraram a cota 321?
— Não.
— Pois em maio de 1917, — mais d'um anno passou, — estiveram ali compatriotas seus. Alguns portuguezes, do corpo de artilharia pesada, fizeram serviço com os nossos sete e meio, por espaço d'um mez, antes de voltarem aos seus canhões de posição. Uma bateria, a que guarnecia a cota 321, era composta exclusivamente de portuguezes, sob o meu commando. N'esse tempo era eu capitão.

Um velho de barbicha rála, vagamente hospedeiro, vagamente ladrão, trouxe-nos cidra normanda. E o major, como num soliloquio, contou:

— Estranhos homens, esses! Vivi com servios, montegrinos, russos, belgas... Nunca vi gente assim. Nós suppunhamos que o nosso proverbio — *les portugais sont toujours gais* — era uma verdade incontestavel. Não ha erro maior. Os portuguezes são de um temperamento fechado, pouco communicativo, não é verdade?
— Nem tanto como pensa.
— Não bebem, não fazem barulho, não teem a indisciplina incipiente do nosso *grognard*. Gente socegada. Via-os muitas vezes sentados

aos grupos pequenos, em qualquer abrigo, em qualquer berma de estrada, aprendendo a lêr, soletrando n'um livro de letras esquisitas.

— N'um livro?...

— Sim. *O atodou jaeuse deuse.*

— Não conheço.

— É curioso. Talvez seja por causa da minha accentuação. Mas eu assentei o titulo no meu livro de lembranças...

E remechendo no abysmo da algibeira, o meu interlocutor tirou de aquelle pégo, um carrinho de linhas, uma lata de *corn-beef*, um quarto de pão, um saleiro e um livrinho de capa d'oleado, crivado de notas. E n'uma das paginas do começo poude decifrar, já com o lapis sumido, o titulo d'aquelle livro onde os portuguezes aprendiam a lêr. Inclinei-me e balbuciei:

—*Methodo João de Deus.*

Como ha baforadas de perfume, assim ha baforadas de Patria. Deliciosa e vibrante sensação! Decerto deixei transparecer na face o que me ia dentro d'alma, — porque o major obêso sorriu, contemplou-me e teve um momento de silencio que foi a melhor e mais delicada homenagem ao tumultuar confuso dos meus pensamentos. E depois, n'uma voz onde se adivinhava sympathia, falou-me mais, falou-me muito tempo dos queridos portuguezes. Contou-me a sua vida na rudeza do campo, as longas horas de con-

templação vaga, quando os olhos olham sem vêr e o coração vagueia pelas terras de Portugal, onde ha serras immoveis nos confins do horisonte e sombras meigas na frescura dos pomares. E atravez d'uma nostalgia que se adivinhava em todas as acções, em todos os gestos, fazia ainda mais triste a tristeza natural dos homens, — durante quasi um mez os portuguezes agruparam-se em torno das suas quatro peças, instrumentos queridos, élos de ligação n'aquella grande familia de cincoenta homens, constantemente reparando estragos, constantemente alimentando um fogo devorador sobre a crista elevada, varrida perpetuamente pela metralha allemã. Ali aprendeu, ali conheceu o heroismo obscuro e grande, aquelle que não fala, o que não gesticula e procede serenamente, impulsionado por um fundo innato de coragem. Todos os dias os homens lhe diminuiam, cerceados um por um pelas granadas desgarradas. Os *raids* successivos das tropas bávaras que tinha pela frente, haviam-lhe diminuido as guarnições, desmontado quasi toda a bateria. Outras baterias, em volta, tinham chegado — mas portuguezes mais nenhum viéra. E restava-lhe apenas uma peça, uma unica guarnecida por seis minhotos e trasmontanos, esquecidos pela morte que em redor ceifára todos os compatriotas e que todos se reuniam effusivamente em volta do seu engenho de morte, tão poucos e tão soberbos, doidos de

desespero, alucinados, movendo-se como formigas laboriosas em torno do seu canhão, cuidando apenas d'elle, vivendo apenas para elle...

N'uma auróra fresca de maio, quando já o sol enrubescia as nuvens ligeiras, doirando o escalracho pobre que teimava em viver e brotar na crista do monte, — o fogo do *boche* recrudesceu, augmentou de violencia, transmudou-se n'um formidavel furacão de ferro. Durante duas horas o grupo de baterias poude ainda sustentar-se no tôpo, deslocando-se regularmente em todo o comprimento d'elle, esquivando-se ao acertar do tiro. Mas depois, a avalanche d'aço foi tão violenta, cada metro quadrado de terreno era tão convulsionado por toneladas e toneladas de explosivos — que não foi possivel ao chefe conservar o commandamento. Para traz, o fogo de barragem começara já, difficultando, impossibilitando quasi a retirada. Por entre nuvens amarellas e brancas de gazes, os capacetes teutões, onde o sol riscava confusos reflexos, avançavam n'um clamor desordenado enristando baionetas, esboçando quadros de Vernet, épicas devastações que um dia terão a consagração da tela. As baterias cederam terreno, começaram retirando a uma e uma, lentas, contrariadas, detendo-se nas alturas á rectaguarda para recomeçarem um fogo vivo e logo retirarem mais e mais. Por fim viéra a ordem para retirar a bateria d'elle, capitão, onde apenas existiam duas

peças uteis e só a portugueza conservando a sua escassa guarnição. O carro-observatorio foi empurrado a braço, precipitado n'uma ravina, inutilisado por um bando de francezes. O gado avançou em semi-circulo, engatou, levou um setenta e cinco n'um galope phantomatico, terrivel, abrindo caminho por entre o fragor, por entre o fumo, rebolando, esmagando moribundos, levado por aquella tromba irresistivel que arrastava os homens como folhas seccas de platanos n'um murmurio sinistro e plangente. A peça dos portuguezes, todavia, continuava ainda o seu fogo. O unico graduado, o sargento Rodrigues, cahira sobre o léme, agonisando, d'olhos terriveis, incendiados, fitando ainda o horisonte maldito. Veiu a ordem repetida, imperiosa de retirar. Os minhotos não se moveram. Uma granada parabolou, certeira, o servente que segurava o escorvilhão tombou sobre o rodado, morto instantaneamente. Junto da peça restavam seis homens, seis titans que tartamudeavam entre rugidos um canto de Homero, preparando-se para morrer ali, gritando, martelando furiosamente a culatra para inutilisarem a peça, impedil-a de ser util ao inimigo. Depois, o major não sabia de mais nada. Intimára os portuguezes a abandonar a posição. Elles tiraram as pistolas, negros, enormes, formidaveis, unicos vivos na immensa desolação da cota 321. E não recuaram um passo, não tiveram um olhar para tráz, agrupados em torno do

seu canhão, épicos, medônhos, parcellas de Deus, seis portuguezes, seis heroes — seis mães de luto! E ficaram lá todos, colhidos no eterno e doce somno da morte, os seis rapagões d'Affife ou de Montedôr, queridos filhos, nobres irmãos, prostrados para toda a eternidade sobre uma peça franceza d'onde gotejava lentamente o generoso sangue de Portugal.

Um perfil na sombra

Caminhar sósinho n'uma estrada deserta, na hora mysteriosa e grave da madrugada, antes do romper do dia, — é um prazer d'andarilho de raça ou d'officio. Pelas duas horas da manhã, n'uma granja meio arruinada onde se instalára a brigada Flowoord, a dez kilometros ao sul de Amiens, deixei o meu inefavel Robinson dormindo um somno empedernido n'uma enxerga de palha e abalei marcando-lhe um *rendez-vous* em horas de sol, no quartel-general do quinto exercito. Sombrio caminho povoado de rumores, d'agitações abafadas. Para leste rugia a eterna trovoada e em toda a linha do horisonte, n'um semi-circulo immenso, os projectores accendiam-se e apagavam-se bruscamente, ólhos de luz em plena tréva, pesquizando ciladas e posições. Na pompa mysteriosa da madrugada, sob a clara paz d'uma noite estrelada, caminhei revolvendo no espirito os versos immortaes do

Firmamento, os versos adoraveis de Soares de Passos. N'aquella hora, sob o immenso socego, os homens degladiavam-se, abatiam-se aos milhares por cada segundo que passava. Pairava a morte no ambiente, riscando no ceu longos sulcos de fogo, chuva d'astros cadentes que tombavam no acaso da sombra ribombando n'um fragôr lugubre e sinistro. Os meus passos sonoros, batendo no *mac-adam* rijo e sêco pareciam acordar, como atroadas d'artilharia, as balsas empobrecidas que debruavam a estrada e onde se adivinhavam grandes arrepios de mysterio. Um monte, outro monte, ondulações ligeiras cavando vales por onde serpenteava a fita esverdinhada do caminho. Por vezes um barracão esguio, d'onde surdia uma luzinha quasi extincta, revelava uma cantina isolada na noite, obra da *Christma's Young*, onde grupos reduzidos, em silencio, bebiam chavenas de chá a ferver. A todo o instante, grandes avisos que mal se podiam ler na negrura da tréva, indicavam deflexões, denunciando os pontos batidos habitualmente pelos canhões do principe Ruprecht. Por toda a parte um grande scenario de ruinas phantasticas e no meio d'ellas um constante estrebuchar de vida que se prepara para solemnisar com metralha esta primeira olympiada dos super-homens. E bruscamente, quando dobrava a crista d'um mamelão, ella appareceu ao longe, como uma grande mancha de Gavarny,

espectral e destruida, tal como foi dado aos meus olhos vêl-a apenas um momento, como nunca mais a tornei a ver, a sagrada, a dolorosa, Amiens... Amiens...

Os heroes mortos, os marcos indestructiveis da liberdade dos homens, pairam na sombra da noite por sobre as cidades destruidas. Em plena tréva, esvoaçando com lentidão no perfil desgraçado, vi John Brown, o martyr da alforria negra, titan formidavel, tal como o desenhou o lapis de Victor Hugo. Vi Lincoln, vi Manin, vi Botzaris, grandes fachos, luminosos fachos que traziam comsigo uma auróra melhor. E por sobre as ruinas, aquelles duendes envoltos na sua forma corporea, soluçavam. As cidades por onde passou a guerra teem uma alma transparente, toda feita de luto e de lagrimas. Grande véu, grande dôr, grande perfil na sombra. Um borrão negro, pouco mais negro do que o céu, desenhava uma linha quebrada que se esbatia confusamente nas claridades indecisas e que devagar se iam esfumando para leste. Amiens está ainda de pé, ficará sempre de pé — mas tem apenas a frente, é uma fachada de cidade. Uma renda napolitana, uma teia de Wolseley não seriam mais recortadas, mais *á jour*. Na luz livida da auróra, todas as frontarias erguem as suas paredes impassiveis — mas por detraz d'ellas adivinha-se o entulho e cambiantes de todas

as chammas surdem dos vãos das janellas onde os caixilhos pendem sem um unico vidro. Imagem medonha, imagem do crime, que poderia desenhar-se com quatro traços de carvão sobre uma folha de papel amarello. Estatuas tombam por terra, os *squares* desenham-se por montes de pedras onde aqui e além o vento ergue volutas ligeiras de poeira, os jardins são desoladas tiras de leiva nua onde um ou outro tronco sem um rebento, sem uma folha, se ergue como um braço supplicante n'uma préce angustiosa e muda. Empênas que não acabaram de ruir patenteiam interiores, mostrando o papel desbotado das paredes, as coisas banaes e queridas de que todos nos rodeamos e sem as quaes a vida seria um perpetuo exilio. No canto d'uma grande praça, uma cornija abateu levando comsigo cantarias complicadas, um pedaço de telhado, um pedaço de parede-mestra. E nas primeiras settas de luz de um sol rutilante e magnifico, que subia devagar do horisonte allemão, via-se distinctamente uma cama de ferro, pintada de claro, d'onde ainda pendiam cortinas de cassa, de um branco immaculado, escondendo nas suas prégas uma Virgem colorida, encaixilhada em ebano, por cima d'uma mesa redonda, pequenina, sustentando dois livros de capa amarella pousados ao lado d'um copo que deixava pender duas rosas inteiramente murchas.

A sombra fugia, a sombra cavalgava pelos

espaços, mostrando cada vez mais nitido o perfil da dolorosa, n'aquelle ar cristalino e puro, no ar incomparavel da madrugada. A cidade negra cada vez se destacava melhor na purpura que subia, deixando cahir das alturas em derredor um caudal de predios acavallados, torrente de ruinas, épicas encostas forradas de pedra, por onde tinha passado o sopro rugidor d'Atila. E na móle escura, na angustiosa móle já sem forma e sem nome, como um grito, como um protesto, como um estertor de desespero, a cathedral ergue os seus muros seculares, inspiradora de poetas, adoração de contemplativos, alma heroica e obscura da Meia-Edade, casa profanada de Deus e onde todavia Deus existe ainda, mais forte, mais bello do que nunca. A cathedral emmudece negra e morta, macissa, atarracada, herculea, apoiada nos seus gigantes, espécada nos seus arcos botantes, braços de granito, carne de pedra, que a circundam, a enlaçam n'um esforço que parece furioso, ululante de piedade e d'amor. E a renda sobe triumphalmente aos ceus, impassivel, desdenhosa, furando com as suas fléchas as profundidades azues que as granadas rasgam n'um bramido soturno. Os santos barbaros, os santos ingenuos dos primeiros seculos christãos, colhidos eternamente nas suas roupagens de granito que um sopro de prophecia parece agitar, permanecem no socego dos nichos, na sombra dos baldaquinos, enfileirados por debaixo da

grande rosacea onde os vitraes laboriosos de mestre Varenpin deixam passar, para a escuridão placida da nave, uma luz coada, diffusa, meiga e casta. E sorriem os velhos santos milenarios, multidão silenciosa, de pedra, S. Theophrasto que foi grande santo na Umbria, Santo Umbelino que fez milagres por entre as incomparaveis laranjeiras de Sorrento, S. Childerico, S. Nume, S. Villanfredo, toda a Thebaida, todo o Deserto esculpido na pedra maravilhosa, seculos de crença, seculos de fé chamejante assistindo ao prélio dos Titans que sobrepõem Pellion sobre Ossa, entre maldições e clamores. A mysteriosa auréola de poesia que teem as cousas que não voltam mais, nimba a cathedral. A tradição está ali, viva, de pé, culto dos Maiores, poema de renda, grito de desherdados, soluço d'humildes. E é ella que dá grandeza ao sagrado perfil immovel, afflictivo perfil de dôr, tão velho, tão querido, tão bello, obra de gerações apagadas, obra dos tristes obreiros que viviam na amargura das cousas e que de paes para filhos passavam o cinzel, arrebatados no fulgor crescente d'aquella fé religiosa que escalava os espaços, cada vez mais esguia, cada vez mais tenue, depurando-se á medida que se elevava, já mais perto do céu, mais perto do Supremo Architecto. Amiens, cemiterio, catacumba immensa, cidade d'abominação e de tragedia que me foi dado ver dois curtos momentos, na ma-

gestade soberba d'uma alvorada, Amiens, gloriosa, martyr, nobre e querida necropole, os seculos vôam, os homens passam, a guerra sulca e desaparece,—mas tu ficas luminosa e em ruinas, nimbada d'epopeias e de lagrimas, entre miserias e grandezas, debaixo d'aquelle ceu, dominando aquella terra onde ha-de voltar de novo a paž, onde nascerão outros homens—melhores, maiores, vivendo mais perto de Deus.

As sagradas riquezas

O sr. d'Estournélles de Constant, chegou a Amiens e immediatamente se viu rodeado por dezenas de jornalistas. Eu fui tambem. Este cavalheiro, que vinha acompanhado pelo sr. Boutreux e é chefe de divisão do ministerio das bellas-artes, tem salvo á França centenas de milhões e pelo seu esforço intelligente e continuo, temlhe conservado o patrimonio dos avós, disperso pelos muzeus da região invadida. É um homem baixo, de edade indecisa, grandes e luminosos oculos que faiscam e que se nos mostrou particularmente indignado porque o automovel em que viajava de Paris para Amiens foi abundantemente regado de granadas sobretudo de Breteuil para o norte.

Rodeado d'um sequito de Mercurios — estranhos Mercurios todos fardados e de lapis na mão, — o sr. d'Estournelles explicou-nos que d'esta vez o trazia a Amiens a preoccupação de salvar

os frescos de Puvis de Chavannes que se encontram no muzeu da cidade e que o bombardeamento póde attingir d'um instante para o outro. Estes frescos admiraveis, que são a gloria e o orgulho da capital da Picardia, completando uma collecção d'objectos d'arte quasi unica no mundo, estão, todavia, pintados na propria parede e já noites sem conta alguns especialistas perderam, pensando na forma de fazer a *demarouflage*. O sr. Boutreux, companheiro do sr. d'Estournélles, fez uma experiencia complicadissima n'um pedaço de muro, servindo-se de todos os engenhosos recursos da chimica e da industria e perante a nossa attenção muda e interessada, garantiu-nos que se poderiam levar d'ali os frescos de Puvis de Chavannes, maravilhosas obras de luz e de côr que uma brutalidade allemã pode de repente reduzir a poeira impalpavel.

Este sr. d'Estournélles, com os seus oculos redondos, o seu sorriso claro e bom, embrulhado n'um jaquetão duvidoso e passando a vida dentro d'um automovel, pesquisando d'um lado e de outro tudo quanto o genio dos seculos foi semeando no norte da França, — pareceu-me uma excellente e nobre creatura, soldado a seu modo, heroe á sua maneira e que tanto merece do seu paiz como aquelles cuja missão é morrer. De resto, o seu governo bem o comprehendeu, entregando-lhe ultimamente e solemnemente, a

gran-cruz da Legião d'Honra. Póde dizer-se que este homem não dorme ha quatro annos e se lhe dessem apenas um por cento dos milhões que tem salvo e conservado á sua patria, o sr. d'Estournélles seria um dos maiores capitalistas do mundo. Foi elle que, logo no começo da guerra, e embora se tratasse d'um patrimonio belga, foi a Ypres debaixo de fogo, vencendo perigos e reluctancias, quando ainda ninguem pensava em tal cousa e de lá conseguiu arrancar todos os Mémling, todos os Franz-Halls. A sua grande mágua ainda hoje é não ter podido trazer comsigo egualmente aquella maravilha, aquella renda de pedra e de genio que foram as *halles* d'Ypres e que são hoje um montão de ruinas. Por sua iniciativa, sob a sua direcção, desde 1914, centenas de *camions* cruzam estradas, trilham cidades, percorrem destroços salvando a clara e immarcessivel arte franceza. Aquelle funccionario que era talvez, antes da conflagração, um adormecido *rond-de-cuir*, vivendo entre tarefas emollientes e soporificas — revelou-se o mais activo, o mais zeloso dos empregados do seu ministerio. Em Lunéville existia um triptico, uma obra delicadissima de Durchael, n'um velho convento abandonado onde já não era possivel a permanencia; foi elle proprio lá buscal-o. Em Reims, levantou um por um todos os vitraes da grande rosacea da cathedral, levou-os, salvou-os entre explosões d'alegria, transportando-os como

um aváro póde transportar o seu thesouro. Trouxe de Verdun dois magnificos Rubens que lá corriam grande risco; ultimamente arrancou de Compiégne todos os Winterhalter que se encontravam no palacio. Por toda a parte, onde quer que houvesse uma migalha de passado, um resto d'epopeia, uma aspiração na téla ou na pedra, d'outros homens, d'outras gerações,— apparecia o sr. d'Estournélles, com os seus oculos e o seu sorriso. Cobriu de saccos de terra todas as estatuas dos heroes, todos os monumentos dos artistas. Não repousava, não comia, não dormia. Arrecadava.

Quando os *raids* sobre Paris se tornaram mais insistentes e a *blague* do grande canhão pôz em riscos eventuaes a cidade monumental, o sr. d'Estournélles attingiu culminancias épicas. Á sua voz um exercito de creanças e de invalidos, começou revestindo todas as obras d'arte da grande metropole com largos e protectores saccos d'areia. Todos os dias sahiam do Louvre longos comboios automoveis que levavam, empacotada em lona, a pintura de quatro seculos d'arte, toda Renascença, toda a Meia-Edade, todas as sagradas riquezas, que iam para recato, para abrigo, transportadas entre mil cuidados no meio dos gritos, das recommendações d'aquelle homem de jaquetão duvidoso. Appareceu uma bella manhã no muzeu de Cluny—e levou todo o muzeu de Cluny, por entre o espanto e a ala-

cridade dos guardas. No Luxemburgo deixou salas inteiramente vasias, aferrolhou os Detaille, embrulhou os Millêt, enrolou todos os Rodin em algodão em rama, fez tropelias, venceu renitencias, sacudiu a inercia das administrações, repelliu com horror a papelada das formalidades, na preoccupação constante, na unica preoccupação de salvar as sagradas riquezas. É o defensor da Arte como na linha milhões são os defensores do solo.

Agora, em Amiens, depois de ter resolvido o caso dos frescos de Puvis de Chavannes, o sr. d'Estournélles abalou para a cathedral que felizmente não tem soffrido muito. Fui atraz d'elle, colhido na sua vertiginosa actividade. Uma multidão d'artistas está tratando d'arrancar delicadamente todos os vitraes de Nicolau de Ruão encaixilhados nas nervuras gothicas da nave, nos tympanos do portico. O sr. d'Estournélles trepou a um andaime com a ligeireza d'um mancebo — e espetou o dedo e fez recommendações, sempre com os oculos a rutilar, sempre com o seu claro sorriso bom. E depressa! Porque não podia demorar-se muito, e queria ainda ir a Soissons recolher outros vitraes, outras admiraveis maravilhas de mestre Antonio de Posnania. E depois iria ainda a Compiégne, a Reims, a Nancy, constantemente açodado, eternamente em transe pelas sagradas riquezas... Com effeito não parava, medindo nervosamente, com grandes passadas

as tabuas dos andaimes que estremeciam e dobravam debaixo do seu peso. Ainda eu o contemplava cá de baixo, já elle tinha largado no seu automovel pressuroso e diligente, aquelle homem apagado, inquestionavelmente um grande patriota, todo fremente, todo vibrante de piedade e de amor pelas reliquias da sua patria. Do lado de lá existem milhões de *boches* incendiarios, destruidores, possuidos d'uma estranha, maldita, nietzchiana ideia da força barbara. Mas do lado de cá existe o sr. d'Estournélles de Constant. São duas forças que se medem e que se valem. Por isso, quando vier a paz ainda existirão télas, admirar-se-hão ainda rendas de pedra, reliquias, soluços, aspirações do passado. E sempre um ou outro curioso saberá que deve esse regalo a um homem baixo, quasi calvo, d'oculos rutilantes e fato enxovalhado. Será a melhor, a mais doce recompensa para o sr. d'Estournélles, que não é soldado, que não é combatente—mas que muito merece da sua Patria!

Os "tanks" vivem

Um *tank* parado, arrumado na confusão d'um parque, é uma machina tão complicada como tantas outras, obra de engenho, obra fria e muda, que não commove, não prende a attenção, com a sua apparencia macissa, rebarbativa, de locomotiva blindada. Mas um *tank* agindo, correndo atravez da campina, esmagando a leiva, torcicolando por entre as defensas acessorias, — tem uma alma, tem vida, lembra involuntariamente um dragão hispido e medonho, sahido dos contos de *madame* Leprince de Beaumont, o dragão que transporta as fadas e opéra maravilhas no *Oiseau bleu* e na *Chatte blanche*. O *tank* é a expressão suprema do engenho industrial moderno. Quando corre pela terra, hermetico, couraçado d'aço, faiscando sob o sol, o espirito recorda Julio Verne, *A Casa a vapor*, o *Elephante d'aço*, todas as maravilhas d'esse grande inventivo, que o tempo tem transmudado em rea-

lidades. Rugindo e vomitando metralha, assomando como um monstro de desolação e de desastre na entrada das aldeias, no amago das linhas, é formidavel e bello, atarracado e airoso. Nos rebites que na sua construcção cavilharam as chapas d'aço, ficou colhido um pouco do elmo branco, das brancas armas do Cavalleiro do Cysne. Participa das cousas irreaes e das cousas praticas, é o orgulho vivo da nossa vaidade d'homens e o sentimento do phantastico que tem a nossa imaginação. É um ser que age por si proprio, impulsionado pela vontade indomavel dos sacrificados que se abrigam dentro d'elle. Wells, que na *Guerra dos mundos*, inventou o projectil dos Marcianos, ficou áquem da verdade. Não concebeu, não pintou o mysterioso horror d'estes engenhos quando surgem perante o inimigo, chispando flammas, fixando pelas seteiras—olhos vitreos—os sêres que deante d'elle se dobram e gritam e urram como deante d'uma visão do Apocalypse. São a grande invenção da guerra, todo um seculo de mecanica e de genio refugiado entre quatro placas d'aço. Os *tanks* vivem.

Pedi para ir n'um *tank* em qualquer excursão ligeira onde não fosse um embaraço. Consegui apenas licença para visitar um. Já não creio que a machina humana seja a mais perfeita, a mais minuciosa de todas as machinas, como o affirmava Brouardel. A tripulação d'um submarino vive n'uma atmosphera mephitica,

move-se em decimetros quadrados d'espaço, soffre, péna, agonisa—mas de quando em quando o submarino sóbe á superficie, toda uma brisa carregada d'iodo, d'emanações salinas, refresca e vivifica os pulmões. No *tank* não se respira, no *tank* ninguem se move, ninguem póde ouvir. Toda a vida é cerebro. E no *tank* ou se morre ou se disparam tiros. São as duas unicas occupações possiveis. Quando a tripulação de um d'estes engenhos está completa, quando o seu municiamento existe na porção devida,—nada mais pode caber lá dentro. Dentro d'um *tank* armado em guerra e correndo para o *boche*, o volume d'uma caixa de phosphoros seria nocivo, atravancador. Todo o espaço pertence a orgãos que se movem por apparelhos de relojoaria, aos longos veios azulados que se precipitam nos embolos com estridor, a toda uma serie infindavel de motores enormes ou minusculos, uns rudes como braços de titans, tão frageis outros como porcelanas de Saxe, e d'onde escorrem constantemente oleos lubrificadores, pastosos, nauseabundos, que são como que o sangue d'aquelle Leviathan gerado por homens. E o *tank* maravilhoso, sêr vivo e admiravel, que estremece como se tivesse um coração e arfa como se tivesse pulmões e que no trepidar das suas machinas offegantes, tem voz como se tivesse glotte, abre a sua portinha couraçada, engole a sua tripulaçào como um cetaceo de chiméra e de lenda

enguliria nautas nos oceanos verdes d'além, fecha-se, torna-se invulneravel, é mammouth, é ichtyosauro, monstro bizarro, nunca visto, nunca sonhado, apenas creado para o mal—e caminha. Creação que devia ter maravilhado o seu proprio inventor, que talvez lhe inspirasse pasmo como obra extra-humana, o *tank* é a prova viva da força dos homens. As armas d'Achilles vibravam; os *tanks* uivam, os *tanks* vivem!

Fallei com o sargento Burton, *chauffeur*—se me é permittida a expressão,—de um d'estes monstros e que me desenhou em quatro palavras mal alinhavadas a forma porque os inglezes tomaram d'assalto a aldeia d'Arvélle. Quando o sol, na hora do meio dia, devorava toda a planicie, a S. W. A. aproveitando o vento de feição, lançou para as trincheiras occupadas por gente do Wurtemberg, uma nuvem de gazes d'um amarello sujo, destinada a mascarar movimentos. No favor d'esta cortina, oito *tanks* inglezes iniciaram a sua marcha, todos paralellos, em direitura a um monte de pedras, negro, calcinado, d'onde ainda se escapavam longas espiraes de fumo denso, torvelinhando e subindo para o ceu azul ferrete. Era tudo quanto restava da aldeia d'Arvélle. Logo de principio um d'elles afocinhou, cahiu de escantilhão, resvalando pelo funil aberto por uma granada de 38, deu uma volta sobre si mesmo, relampejando e ficou inteira-

mente voltado, inutil, perdido, fazendo mover ainda a fita sem fim que o arrancava e que scintilava sob o sol placido como agua corrente d'um riacho tranquillo. Os outros seguiram. As cupulas tremiam no crepitar das balas, que tombavam resoando como granizo que ferisse d'esguelha flexiveis folhas de zinco. Dentro dos carros o ribombo dos canhões repercutindo-se, estrondeando ainda mais na vibração plangente das placas, endoidecia, ensurdecia. Os *tanks* caminhavam, cada vez mais velozes, n'um crescendo d'ira, n'uma raiva d'animaes feridos. E toda a vida dos mecanicos se refugiára nos olhos — e os olhos estavam todos fitos na ruina abominavel do que tinha sido Arvélle. N'um canto de lama e de adóbes esboroados, seis allemães faziam fogo quasi á queima roupa sobre o *tank* do sargento Burton; n'um sacão, n'um esforço vivo, a machina galgou a parêde tosca, esmigalhou, amassou o barro pegajoso, esmagou os seis allemães no mesmo momento, n'um unico arfar dos motores, deixou para traz a lama fétida, ensanguentada, onde palpitava por instantes aquella cousa sem nome que un segundo antes era ainda um corpo humano. Em frente havia um váu. O *tank* galgou o váu. Depois uma floresta inextrincavel de cavallos de friza, atirados a esmo por entre o arame farpado, oppunha barreiras. Roncando, inclinando-se, sem cessar de trovejar, o *tank* destruiu as defensas acessorias,

afastou florestas d'abatizes, desbaratou guarnições de metralhadoras. Dentro, os homens nús da cintura para cima, descalços, saltando no chão metalico que escaldava, uivavam, carregando, disparando. Para traz, n'uma grita immensa, n'um ulular tremendo, feerica, monstruosa, estridente de côres, escorrendo de suor, a infantaria escocêza corria, apoiava os *tanks*, aproveitando-lhes a massa para abrigo, cuidadosa, cruel, allucinada, n'um furor insaciavel de matar. Uma granada ricochetou na cupula do *tank* de Burton, e foi rebentar a vinte passos. A cupula voou, um raio curioso de sol, entrou logo na sombra velada onde se moviam as engrenagens. E para os homens foi como se o craneo subitamente se lhes despedaçára, tão fulminados, tão enrodilhados n'aquelle pavor de fogo e de ferro, que o *chauffeur* abandonou o volante, levou as mãos á testa como se quizesse certificar-se de que a tinha ainda. E entretanto o *tank* abatia, galgava. No fumo, no fragor, corria entre pedaços de parêdes aluidas por entre tráves de telhados, obliquando sobre o chão, atravez de todo o destroço miseravel, fumegante, por onde corriam, desvairadas, grandes e fugitivas sombras. Burton retomára o volante e n'esse proprio instante, no burgo desgraçado onde já não havia pedra sobre pedra, viu pousada na sua frente, intacta, impavida, uma cadeira de palhinha. Como existia ali, miraculoso, chimerico, ironico, aquelle objecto caseiro? Burton não sa-

bia, não se demorou a pensar, não sabia pensar. E foi para deante aos empurrões, tão anciado, n'um desejo vivo de avançar, que se levantava da almofada como para aliviar o pesado carro. Parecia-lhe que o empurrava. Já na sua frente as *czapkas* amarellas do inimigo corriam abandonando a aldeóla e em volta os *highlanders* atroavam n'um clamor de triumpho, disparando as carabinas, espraiando-se pelas ruinas como uma vaga immensa lambendo areias fulvas. O *tank* parou por fim e de repente a sua artilharia emmudeceu. A vaga dos escocêzes passára. E na calma relativa d'uma linha que já era rectaguarda, a portinhola abriu-se. Um homem livido, nú, esgazeado, horror, abominação, farrapo, sahiu alucinado, louco. Era quanto restava de seis artilheiros. E então Burton saltando tambem para o chão, fraquejou, desvairou e abateu bruscamente na leiva semeada de mortos, n'um longo soluço de desespero, toda uma tensão de nervos que se dobravam finalmente. Ao lado o *tank* permanecia agora inerte e mudo. E no entanto palpitava ainda. Os *tanks* vivem!

Uma brigada russa

De principio aquella brigada foi um corpo de exercito, depois um grupo de divisões. Hoje é uma brigada que tende para os limites d'um simples regimento até ao dia em que desapparecer de todo. Está na linha, ao sul de Arrás, tem os canadianos — os canadianos de Vimy! — pela esquerda, e os inglezes do Lincolnshire á direita. A brigada slava é uma excrescencia, um lobinho militar collocado ali desde 1915 e que os acasos, as contingencias da guerra, teem diminuido e que farão obliterar um dia.

Noite negra, noite sem lua e sem estrellas, aquella em que tombei como um bolido na brigada russa. Ia, provavelmente, passar ao lado d'ella sem a ver, quando encontrei, vagueando na estrada, empoleirado, como eu, n'um *camion*, o capitão do exercito chileno, Manuel Gutierrez, jornalista, correspondente de guerra da *Gaceta de Valparaiso*. Acamaradámos logo, palrando

com abundancia, com alacridade, n'um dialecto que participava do portuguez, do hespanhol e do *poncho*. Nunca se me patentearam tão claros os beneficios da associação. O capitão Gutierrez tinha no seu bornál uma grande garrafa de cerveja e morria de fome. Eu possuia duas latas de *pemmican* e desfallecia de sede. Logo dividimos a parca subsistencia que ainda mais nos esfomeou. E foi aquelle homem de genio, aquelle espirito tutelar quem suggeriu:

— Vamos jantar ao quartel-general da brigada russa!

No abrigo de um muro revestido por uma velha madresilva meia morta, meia queimada, em volta de um immenso fogão de petroleo, pousado sobre a terra, como n'um *pic-nic*, vinte e tantos officiaes da brigada jantavam quando, famelicos e phantasticos, surgimos, impetrando uma codea. *Reporters*, officiaes, ambos nós tivéramos em toda a parte a mais fidalga e mais requintada gentileza da parte dos anglo-francezes. Mas ali o acolhimento embaraçou-nos pela exhuberancia de demonstrações amigaveis com que foi revestido. Levantaram-se, rodearam-nos, apertaram-nos effusivamente as mãos com tanta intimidade, tanta bonhomia como se o portuguez e o chileno tivessem nascido nas margens do Néva. Vi aquellas soberbas torres agaloadas, delmadas de *astrakans*, apezar das brisas tépidas de maio, erguerem-se, tocadas já talvez por uma

gota de *wodska*, sempre prohibido e sempre abundante,—acavallarem-se na ancia de um abraço festivo, pucharem aos sacões cestos de vime, bancos escássos e toscos, darem logar aos dois pobres exoticos deante d'uma mesa onde alastrava o manjar nacional, o manjar que fez estremecer de puro horror o meu anemico estomago já incapaz de sensações fortes—o *pilaw*.

Petiscando o piteu moscovita—montanhas de pimentos, de tomates, de mostarda, onde jaziam vestigios de gallinha,—emquanto a reverberação do fogão de petroleo tocava de esguelha as faces barbudas, riscando sombras, effeitos de claro-escuro como só se vêem nas télas de Van Dick,—communguei na mesma alegria franca, na mesma felicidade de viver sob a luz do sol, que irradiava em volta de mim. Todos aquelles companheiros da morte e que amanhã a morte tocará talvez, pareceram-me uma obra magnifica do Creador que deu a muitos homens cordealidade, alegria nativa, simplicidade e sentimento do dever. Eram todos altos, todos fortes, todos com o mesmo ar ingenuo, a mesma barba arruivada que lhes dava uma vaga semilhança com Francisco I ou com o duque de Guise, com os mesmos olhos d'um azul metalico e frio que na bonhomia da face não perdiam nunca uma certa gravidade interrogativa e muda, secca e impassivel. Em todos uma uniforme *czapska* polaca,

pousava obliquamente sobre o craneo, vistosas, inverosimeis, tão magistraes como as suas botas altas, as botas altas russas que já ha duzentos annos faziam a admiração do principe de Conti. Mas, sob a apparencia de *moujiks* armados em guerra, irrompiam maneiras e expressões de grandes senhores. De facto, eram quasi todos principes ou condes, senhores feudaes de vastas terras, maiores do que muitos districtos de Portugal, quasi com o direito e baraço e cutello e que, entretanto, gostosamente envergavam a modesta farda d'alferes e tenentes. O mais graduado, o tenente-coronel Dmitri Aleixieff, n'uma bizarra fidalguia que decerto nenhum portuguez se lembraria de ter, informou-se logo, com a gravidade de quem cumpre um dever de côrte, da saude dos presidentes das Republicas Portugueza e Chilena. Tocados até ao fundo d'alma por aquella idéa que revelava o gran-senhor a mil leguas de distancia, Gutierrez e eu inclinámo-nos balbuciando. E nunca nenhuma emoção nos foi tão grata, tão delicada como aquella que nos deu um official russo saudando com subtil nobreza as nossas patrias na simples maneira porque se interessou pelos seus chefes d'Estado.

Encontrei-me sentado ao lado do tenente Séménoff, sobrinho do famoso auctor do *Rasplata*, e que foi o chronista da guerra naval entre a Russia e o Japão, em 1906. Defronte de mim, entre dois collossos, Gutierrez bebia *wo-*

dska corajosamente. Bebi tambem com a ancia, o desespero d'um homem que sente o seu estomago rugindo. E conversámos. Do que ia na Russia os officiaes nada sabiam e bem depressa percebi que o *czar*, embora prisioneiro e destronado, não deixára para elles de ser o *czar*. Cortados da mãe patria, todos tinham os olhos n'ella, sombrios, anciosos, esperando melhor futuro. Holocaustos, penhores da velha alliança russo-franceza, tinham sido quasi cem mil. Hoje, eram apenas um punhado que ninguem renovava, ninguem fortalecia e augmentava. Nunca mais voltariam á Russia, morrendo ali pela honra, alegremente, nobremente como morriam os officiaes do marechal de Saxe na tarde sanguinolenta de Fontenoy. E a sua bandeira era ainda a da Russia-una, branca, com a cruz de Santo André em azul, bandeira com que tinham nascido e com que esperavam morrer. De todos os homens que teem logar na linha, nenhuns se batem como estes. Outras nações combatem pela sua integridade, pelos seus interesses, pelo seu futuro. Para os russos nada d'isso existe; dão a vida, dão o sangue porque são alliados, cumprem sabendo que a defecção do seu paiz lhes tirou todos os direitos, todas as regalias futuras. É o melhor heroismo, o mais bello sentimento do dever que jámais vi. Invadiu-me o desejo de o exprimir ao meu visinho e decerto o consegui porque Séménoff perdeu subita-

mente o seu ar d'etiqueta e senti entre nós dois, tão diversos, de raças tão differentes, tão desconhecidas uma á outra, como que um fio de fraternidade. Podiamos ter sido amigos.

Entretanto, dispersos pelos cestos, pelos bancos, já todos nós iamos accendendo os cachimbos emquanto dois ou tres embrulhavam um cigarro. A conversa era geral, animada, n'aquelle francez tão puro e tão elegante, que falam todos os russos. O francez de Diderot e de d'Alembert só existe hoje na perspectiva Niewscki. Gutierrez tentava espalhar um pouco de Chili atravez d'aquelles cerebros do norte, desmanchando certas ideias geographicas e ethnologicas que fariam o pasmo d'um estudante de instrucção primaria. Eu contei das sete colinas, do bello sol, do profundo e caricioso azul dos nossos ceus, mas senti que para aquelles homens das brumas da Finlandia, dos lagos gelados da Russia branca, a nossa terra era inconcebivel, estranha, a terra onde florescem as laranjeiras, como diz a canção da *Mignon*. Falámos tambem da grande, da unica preoccupação que nos atormenta a todos sob o ribombar permanente, angustioso, de dez mil canhões, falámos da guerra e da paz. Os russos aguardam convictamente o triumpho definitivo dos alliados, embora todos sintam que no presente momento o dia da paz trará a primeira humilhação positiva para a Russia. Mas serenamente vivem e pelejam — man-

cheia de bravos — mais ainda pelo seu imperador do que pela sua patria. Claramente o comprehendi quando no fim do nosso *pilaw*, do nosso jantar que já se transformava em ceia, o tenente-coronel Aleixieff se levantou com o copo na mão. Em volta o tumulto abateu logo n'um silencio pesado. E com gravidade sombria o official exclamou, erguendo o braço:

— Pela vida de sua magestade o *czar!*

Todos, com a face subitamente séria, levantaram os copos. Onde estaria, n'aquelle momento, esse imperador que todas as tardes um grupo de russos brindava? Estaria morto? Estaria vivo? Ninguem o podia dizer. Mas o poder das grandes dedicações é irradiante, invade-nos involuntariamente. No meio d'aquella gente recolhida e digna que levantava o copo pelo seu imperador prisioneiro, levantei tambem o meu copo. Mas não o fiz apenas por um sentimento de polidez; n'aquelle instante, envolvido no fluido de dedicação que se escapava de trinta corações, amei tambem um bocadinho aquelle Romanoff distante que não conheço, nunca vi e do qual apenas sei que se chama Nicolau!

Um padre aviador

Em Lachaussélc, n'aquelle domingo, tinha havido missa campal. Quando cheguei, açodado, furioso contra o meu bornál que se recusava terminantemente a transportar mais um frasco de conservas, já a elevação da hostia tinha passado havia muito. De madrugada tombára sem descontinuar uma chuva miudinha que envernizára uma longa fila de choupos disposta ao longo de um canal. A trovoada da artilharia diminuira um pouco, transmutára-se n'um ruido surdo, grave, que ribombava longe, para o norte. Inglezes catolicos e quasi todo o pessoal d'uma brigada d'artilharia divisionaria franceza, assistiam á cerimonia, n'um longo terreiro que terminava, arredondando-a, uma colina ligeira. E sobre um altar improvisado com velhos caixotes forrados por uma toalha de linho, um official em uniforme, d'enormes botas amarellas, képi maculado e amolgado, envergando paramentos

verdes de sacerdote que extranhamente brigavam com o seu trajo de soldado, tendo acabado a sua missa, fallava com simplicidade aos homens, n'uma voz clara, vibrante, que resaltava, reboava na briza aguda e fresca da manhã como um riacho manso e continuo, escoando-se atravez de levadas minusculas.

Aquelle homem singular, soldado e padre, sacerdote e guerreiro, era o alferes Lerroux, decimo segundo filho d'uma patriarchal familia de Hazebrouck, com vinte e seis ou vinte e oito annos, e que já tinha visto morrer, ceifados na mesma semana, quatro dos seus irmãos mais velhos. Antes da guerra, era cura da aldeia des Brigneulles, no Passo de Calais, grave, serio, com uma profunda ruga de pensador sulcando-lhe a testa immensa onde sempre se adivinhava latente e inquieta a chamma d'um bello espirito. Raras vezes tenho presenciado tamanha elevação d'intelligencia em tamanha nitidez de phrase. Com um largo gesto que lhe fazia refulgir a estola nas primeiras claridades do sol nascente, o abbade Lerroux fallava das cousas grandes e simples que fazem estremecer as almas bem formadas e toda a sua prédica era uma profissão de fé tão fluente, tão communicativa que, sem o quererem, em derredor, os homens dobravam a cabeça n'um longo silencio recolhido e n'um ou n'outro adivinhavam-se olhares obscurecidos, sem pensamento, vagueando atravez de esperanças e de

saudades. Fallava em francez, na accentuação inconfundivel dos picardos, tão musical, tão cantante como é para nós o portuguez caracteristico das veigas do Mondêgo, entre Coimbra e Montemór. N'aquelle desolado campo de ruinas onde, como na velha cantiga de Villon, *le champ fleurit*, *la mort moissonne*, o cura soldado tinha extranhas affirmações. Cantava a inefavel delicia de cahir pela Patria porque nunca, atravez dos seculos, nenhum defensor do solo morrêra jámais e antes vivia, cada vez mais forte, cada vez mais limpido no fundo dos corações que sabiam guardar lagrimas e piedade. Ninguem morre! Nunca ninguem morreu! Os que expiravam nas auróras, os que para sempre cahiam nos crepusculos, d'olhos incendiados, olhando em frente, de espingarda na mão,—não desappareciam nunca. Outros, atraz, mais novos, esperavam o seu momento de entrar na carreira para os vingar com sublime orgulho, procurando, como diz o seu canto nacional, entre a poeira sagrada dos maiores, vestigios das mais preclaras virtudes. Morrer! Que é morrer? Morrer não é nada! Na vida tão curta, tão ingrata, tudo se resume em saber passar sendo util, com o coração cheio d'amor, n'uma infinita piedade, n'uma infinita indulgencia para tudo quanto cérca o homem. E abrindo os braços n'um largo gesto soberbo, tomando os céus por testemunha, o abbade Leroux demonstrava o seu magnifico paradoxo, di-

zendo cousas que tomavam a sua belleza na belleza ambiente, denunciando uma alma de christão, ingenua, crente, humilde, folha morta rodopiando na rajada de Deus, trasbordando de fé, de heroismo, de sacrificio, pura alma, grande alma gauleza que sempre salvará a velha terra, berço de toda a luz espiritual. Pode porventura haver hecatombes perante a França ensanguentada? Erro! Para a defender, para a amar, para dar a vida por ella, — ninguem morre, nunca ninguem morreu!

Meia hora depois, já com o terreiro vasio de homens, já desmanchado o altar, tomava chá com o abbade Lerroux, n'uma cantina da *Christma's Young*. Ao puxar d'um grosso cachimbo bem attestado de tabaco louro, o abbade disseme sorrindo, com um desprendimento quasi infantil, que era padre mas que era tambem aviador. E com uma animação colorida contou-me o grande *raid* aereo franco-inglez contra Francfort sobre o Rheno, de que fizera parte e em que tinham entrado noventa e cinco aviões de combate. Desde Dixmude até Nancy, de todos os pontos da linha, sahiram a horas préviamente estudadas, confluindo todos para o Palatinado, divididos todos em esquadrilhas que mesmo em viagem se agrupavam sob comandos differentes. Elle levantára vôo de Compiégne, por uma madrugada sombria, chuvosa, chefe de fila, explo-

rador, debruçado angustiosamente sobre a carta, pesquizando a tréva, consultando o altimetro a todos os instantes. Ao passar das barragens fôra alvejado sem successo, deixára para tráz n'um momento aquella tempestade de ferro que ia crepitando em redor d'elle, acompanhando o ronco surdo do motor e que, na escuridão da noite, semilhava o offegar gigantesco d'um ôgre famelico e cruel. Quando já a madrugada clareava, nervoso, mordendo um pedaço de pão sem largar o volante, verificou que toda a esquadrilha o seguia á distancia regulamentar. Para o norte e para o sul, de todos os pontos do espaço, outras aves surgiam dos horizontes ennevoados, todas conglobando-se, trocando signaes com bandeirólas multicôres que adejavam no céu cinzento e sujo, como olhos piscos pestanejando, e que subiam e desciam com palpitações pequeninas. E era uma cousa magnifica, aquella, de todos os engenhos cabriolando nos ares, animados pela vontade dos homens que os guiavam, caminhando n'um furor silencioso para a Allemanha, para o paiz inimigo, a destruir, a vingar... Por baixo era toda a campina immensa do Brabante, onde pelas estradas se cruzavam tropas, circulavam comboios, formações escalonadas d'onde partiam tiros dos canhões anti-aereos, granadas que rebentavam baixo, sem damno. E o abbade Lerroux, aviador, com o seu metralhador, o seu ajudante, ria como riria um Cyclope, n'um riso-

urro, n'um riso-bramido, empurrando o seu avião, communicando-lhe a sua alma, atirando-o para as collinas da Westphalia, coroadas pelos fumos dos altos fornos que se esboçavam lá em baixo, formigando de labor a quatro mil metros de profundidade. O paiz maldito estava ali e ali estavam tambem, a seus pés, promptos a cahir, a explodir a um simples *déclanchement,* os seus dois mil kilos de dinamite... Enclavinhando com furia as unhas sobre o volante para resistir ao desejo de destruir herdades placidas, ainda adormecidas, o abbade Lerroux, no seu hyppogripho, cavalgava sempre para além, mais para além, em busca do Rheno, em busca de Francfort. Atraz, os outros seguiam sempre, rechaçando *Taubes* isolados que se levantavam para uma caça que de antemão se adivinhava inutil. O terceiro avião da esquadrilha L. 47, sem cessar a sua marcha veloz, grande condor fulgurante, abateu um *Gotha* a metralhadôra. O sol rompia. E de todos os aeroplanos, a um tempo, na mesma ideia, n'um triumpho mudo, irresistivel, na apotheose triumphante da manhã, subiram devagar, batendo ao vento, as tricolores, os nobres pavilhões d'Inglaterra e de França. Entre lagrimas d'orgulho, a bordo do K. 81, Lerroux e o seu pessoal, na carreira vertiginosa, olhavam, sem fim. E a grande fita azul, branca e encarnada, subia, subia pelo éspaço escoltada por um grande soluço d'amor e de victoria. Campos verdes, cam-

pos escuros da terra negra d'Allemanha — e o céu todo povoado d'aves, roncando estridentes, como um bando interminavel d'aguias, uma larga columna de gypaetos de curtos pescoços estendidos, grasnando, caminhando para além, para o rio... As côres vivas carregavam na luz que subia. Incomparavel espectaculo de Deus. Em roda, a morte. E de repente, lá em baixo, como uma fita de prata, o Rheno surgiu, esmaltado de castellos de lenda, velho paiz de Barbaroxa, com uma cidadesinha toda branca envolta na immensidade toda azul, debruçada pensativamente sobre as aguas onde passavam tres fios, tres pontes. Era Spira. E mais acima Francfort brilhava soberba nas claridades matutinas...

— *Et alors*...

E então os noventa aviões que tomavam parte no *raid* convergiram todos sobre a cidade, baixaram repentinamente a duzentos metros e em vinte segundos, por entre o bombardeamento que logo subiu de todos os pontos n'um fragor indizivel, fulminaram as casarias d'onde immediatamente subiram longos e pesados rôlos de fumo emquanto sombras minusculas vagueavam pelas ruas, alucinadas, tomadas de repentino panico. Pela cidade, pouco antes placida, na hora em que as lojas se abriam e uma lenta procissão de trabalhadores caminhava para as fabricas, um tumulto de desastre, de catastrophe espalhava a abominavel desolação da morte repentina, ins-

tantanea. O bando d'aguias, sem pousar um momento, voejando, contornando, evoluindo sábiamente, com ligeireza, deixava cahir as suas bombas que atravessavam o espaço n'um silvo agudo, tombavam com fragôr, repuxando pedaços de telhados, de cantarias... Quatro aviões, attingidos quasi ao mesmo tempo pelos canhões de defeza, cahiram despedaçando-se no solo, envolvidos em chammas. E quando se diria que mal aquillo tinha começado,—um signal identico subiu em todos os chefes de fila e logo os aeroplanos, n'uma rapidez de raio, começaram voltando para terras de França, fugindo já a uma duzia de pontos negros que subiam do horizonte, deixando em baixo, junto do Rheno claro, uma cidade a arder, ululante de gritos e de horrores. O sacerdote, o abbade, o padre Lerroux não pensava n'aquelle instante na sua batina! E já na retirada, passando pelo eixo d'uma rua onde um grupo de creanças dispersava d'uma escola, deixou cahir a sua ultima bomba—a bomba que anniquilou a *mauvaise graine*, a má semente nociva de prussiano...

Onde estava, no proprio momento em que me contava aquillo, o abbade Lerroux, que meia hora antes affirmava tão resignadas virtudes? Nem elle proprio o saberia talvez. Dois Lerroux degladiavam-se dentro d'aquelle peito, como dois gigantes inimigos em lucta de titans. Era a mesma face, a mesma farda—mas da alma fô-

ra-se-lhe a unção e sobre os seus hombros não pesava então nenhuma opa... Fechou o punho rijo n'um grande gesto rude e encarando-me concluiu:

—*C'est la guerre! C'est la guerre...*

«Sunt lacrimæ rerum»

Pela tarde uma *syde-car* parou deante da nossa barraca. O tenente de Lincourt, com quem n'essa manhã me tinha relacionado ao almoço, gritou de cima do seu selim:

— Quer vir a Fléchelles?

— Onde é?

— Para oeste... a vinte kilometros da linha...

— O que é que lá ha?

O tenente de Lincourt encolheu os hombros.

— Nada! — accrescentou elle. Nada, além da muita verdura, porque não chegou lá o canhão *boche*. Eu vou ao enterro d'um camarada e condiscipulo, o tenente Bézan. Quer vir commigo? É um passeio.

— Parto á noite para Doullens.

— Á noite estamos de volta.

Duas horas em volta d'uma paisagem placida pareceram-me um presente do ceu. Saltei para o carrinho e bem depressa me enebriou o prazer

d'uma carreira doida, de tres quartos d'hora, por uma estrada que a cada momento vicejava mais, á medida que nos affastavamos do alcance allemão. Com palavras rapidas, entrecortadas pelo ruido do motor, o tenente de Lincourt expôz-me a razão da sua romaria piedosa. O tenente Bézan, seu amigo, que servia na artilharia, fôra ferido gravemente proximo de Vimy e expirára dois dias depois na sua casa de Fléchelles, — onde tinha nascido, — nos braços de velhas pessoas de familia. E enterravam-n'o n'aquella tarde, no cemiteriosinho de Dermancourt, proximo da aldeia. Elle soubéra e viéra. Durante a cerimonia, que seria curta, poderia eu descançar, aquietar debaixo d'uma arvore.

Calámo-nos. A estrada fugia vertiginosamente por detraz de nós. Um casal, um casal inteiro, intacto surgiu pela nossa esquerda. E depois, perto da aldeia que branquejava um pouco mais adeante, um velho casarão do seculo XVIII, macisso, baixo, pousado como um dádo no fundo d'um valle minusculo, — jazia. A móto parou. Era ali. De Lincourt desceu. E eu, já tocado pela gravidade silenciosa d'aquelle solar que tão bem me lembrava os de Portugal, saltei do carrinho:

— Vou tambem!

Subimos. N'uma sala enorme, debruada d'arcas antigas, pousado sobre a maior, o caixão

descançava, já fechado. Um homem alto dirigia o enterro, penetrado de importancia, barafustando com uma velha que perdia a cabeça afogando soluços. Em roda sombras negras e immoveis cumpriam um dever penoso, não ousando sentar-se nas cadeiras atravancadas pelas roupas de linho atiradas ao acaso. Um guardanapo manchado de sangue ficára esquecido a um canto e na meia sombra das janellas semi-cerradas, junto da vidraça entre-aberta um ramo d'olaia tentava entrar teimosamente para dentro das paredes, na direcção duma gaiola onde um canario esquecido tinha por vezes crispações que lhe abanavam a prisão doirada. Uma varejeira entrou, zumbiu, pousou um momento no esquife, bateu atordoada nos vidros, fugiu pela fisga. Os vultos continuavam immoveis, como que escutando o bramir do canhão que, áquella distancia era apenas um rumor grave de mil carros de ferro que rolassem por uma estrada de bronze. Depois uma grande pendula bateu a espaços, com notas crystalinas, as cinco horas da tarde.

Um padre-soldado, com uma estola refulgente lançada por cima da farda desbotada, entrou, tão perturbado que trazia na mão o bonné. Os doirados da sua insignia animaram a escuridão no proprio momento em que o velho queimava duas pedras d'incenso, na ideia piedosa de transformar em templo a casa mortuaria. Atráz, o sa-

christão balouçava o hyssope. Um armão d'artilharia já esperava em baixo e como o prestito ia para Dermancourt, a dois kilometros d'ali, o trajecto promettia ser duro, sobretudo quando ao abandonar da estrada tivessem de metter pela azinhaga que poupava bem á vontade dez minutos de caminho. Quatro soldados começaram descendo o caixão pela escada carunchosa, quebrando involuntariamente as hastes das avencas que se deviam dar bem ali. O esquife repousou sobre o armão, na plena luz do caminho, uma grande tricolor cobriu a lhama grosseira, pendeu até á poeira da estrada, vibrante, estridente, pedacinho de Patria, disposta com ligeireza pelos soldados que voejavam em torno do padre, grave, mudo, resplandescente. Por fim o cortejo abalou devagar; na ultima janella do canto uma cortina branca estremeceu, como n'um derradeiro adeus. E o sacristão abriu o seu grande guarda-sol escarlate.

O sol obliquo tornava as sombras gigantescas na magestade mais absoluta, mais silenciosa dos crepusculos exangues de maio; a pompa doirada dos poentes acudia em tropél, enroupava em amarelo de fogo os largos horisontes contemplativos, decorando por toda a parte a immobilidade apparente das cousas vivas, envolvidas no perfume acre das agulhas dos pinheiros. Para além dos valles, uma locomotiva, que despegava d'uma estação ignorada, silvou offegante, arre-

piou as solitudes profundas; depois, sem se ver, durante longo tempo arfou entre colinas e gargantas, apressada, imperiosa, ora perto, ora longe, levando comsigo a fita do comboio que fugia da sombra das clareiras para a apotheose do sol. N'uma ladeira, adeante, o armão parou um momento, arrumado junto da sébe viva d'um jardim d'onde se escapavam sardinheiras violentas. No mirante que dava sobre o caminho, duas raparigas louras, vestidas de luto, persignaram-se; uma d'ellas encarou com o velho que se arrastava entre nós — e estendeu-lhe em silencio uma flôr de sangue. Devagar o cortejo pôz-se novamente em marcha, conglobado em torno da grande papoila vermelha que era o guarda-sol escarlate do sacristão, para voltar á direita, largando a estrada e entrar n'uma álea cerrada entre pinheiros, pensativo, phantomatico na placidez sem fim da tarde que descia. As grandes arvores pareciam abrir álas na passagem d'aquelles vivos que levavam a enterrar um morto com tanto recolhimento. Havia agora um ramalhar mais grave que pretendia acompanhar os passos abafados pelo leito das agulhas seccas. Todas as cópas se inclinaram no mesmo movimento, um grupo de plátanos estalou baixinho, deixou cahir uma chuva de folhas verdes sobre a tricolor. E todo o pinhal rumorejou, aplaudiu a fugitiva homenagem ao irmão morto que ia a enterrar. E elle ia passando na curiosidade dos

troncos frementes que deixavam pender a sua sombra mais fresca e offereciam o seu verde mais rico, n'uma festa estridente de côr, affogando em tons immarcessiveis a grossa papoila do guarda-sol de panninho. Um riacho atravessava a congosta, um riacho que dezembro devia precipitar em cachoeiras caprichosas e onde apenas agora as pedras do váu, muito brancas, muito polidas, aflorando no filete claro, deram a passagem ao prestito reduzido onde sempre a estola do padre irradiava na luz irradiante; e a agua ligeira correu mais receosa, escoou com menos presteza, n'um ciciar que era talvez um murmurio de boas-vindas ao irmão-soldado que mudava de forma na eternidade da impassivel Mãe-Natureza. Os ramos febris d'alguns azinheiros atarracados açoitaram lentamente as faces dos artilheiros curvados sobre o armão, roçaram pela bandeira que escondia o corpo e novamente se ergueram, estremecendo ainda. Um pica-pau diligente suspendeu a faina, espreitou. As linhas de mato hirsuto, que trepavam ao assalto desordenado das colinas, vestiram de negro o seu verde estridulo. Em silencio o ceu contemplava.

Logo que o acompanhamento dobrou o atalho, o cemiterio appareceu com os seus quatro muros caiados de branco, enquadrando o terreno acanhado e nú, com a profunda tristeza habitual nos cemiterios de provincia. Só um ja-

zigo novo, em cantaria, se erguia no descampado, meio coberto pela héra brava, construido ao lado d'um cypreste unico, que visto de perto, parecia mais esguio, mais alto, ameaçando o azul como um estylete acerado e hostil. O coveiro abriu a porta, o cortejo avançou mais devagar, agora que o feretro era levado á mão por entre a perspectiva desolada das cruzes de madeira, carcomidas pela humidade, tombando desfeitas, com a apparencia de destroços que nenhuma piedosa mão removia para o lixo inutil dos passados que não voltam mais. Era lugubre o campo dos mortos — e uma tristeza nimbou a meia luz que fugia, cahiu pesadamente por sobre os homens e por sobre as coisas...

A trovoada do canhão continuava ao longe. Os soldados pousaram devagar o caixão ao pé do balde de cal, junto da cova, um buraco negro, cavado de fresco na herva básta e verde, ao lado d'uma sébe mal talhada. A terra sêcca abafava o ruido dos passos, uma rajada brusca dobrou a ponta esguia do cypreste que novamente se endireitou hirto, impassivel, recortado como uma renda no fundo palido do espaço. O grupo immobilisou-se, o velho ajoelhou, abriu a tampa do caixão com um longo suspiro abafado e plangente. O padre approximou-se, com a sua estola já maculada de poeira leve.

— *Deus cujus miseratione*... — começou elle.

As palavras do ritual banhavam lentamente a face palida do morto, branca como o linho usado. Uma lagrima escorregou algures, lenta, d'uns olhos vagos. O sacristão, que tinha deixado o guarda-sol na porta do cemiterio, ergueu a cruz muito alto, com as duas mãos; o sol poente bateu-lhe, refulgiu, emquanto dos labios molles escorria n'um murmurio a litania latina, cortada pelos soluços do velho, nódoa escura manchando a terra. E no silencio crepuscular as sylabas destacadas pareciam subir, crystalinas, imponderaveis, indicando a alma immortal ás ignotas divindades do Universo. Depois a cal foi espalhada por cima do lençol. O padre murmurou mais nitidamente:

—*De profundis clamavit a te, Domine*...

Os soldados passaram as cordas. A sébe palpitou toda n'um mysterioso tremor de folhas. O caixão desceu, esboroando as paredes da cova, descançou na terra molle do fundo. O padre pegou no hyssope, desenhou a cruz larga com gotas d'agua benta; e a ultima emoção da tarde coloriu a sua face palida:

—*Requiem æternam dona ei, Domine.*

—*Et lux perpetua luceat ei*—replicou o sacristão mordendo todas as sylabas.

Quando o coveiro começou a cobrir a lhama com as primeiras pásadas de terra, o velho atirou para cima do caixão a sardinheira rubra da rapariga loura. O báque surdo dos torrões batendo

nas tabuas mal pregadas, ia amortecendo gradualmente á medida que a leiva se amontoava mais espessa. Um artilheiro tornou a plantar, n'um gesto rapido, a raiz d'uma roseira meio sêcca que a abertura recente da cova tinha desalojado. O padre terminou:

—*Requiescat in pace!*

Todos responderam *amen*, n'um murmurio. O sacristão abalou na frente. Os outros sahiram devagar, torneando o jazigo, já com a cantaria tornada livida pelas claridades exhaustas. O canhão troava sempre. Um grande lume espreitou no céu. Silencio. E de repente, ao longe, o sino da egrejinha de Fléchelles deixou cahir limpidamente *Avé-Marias*.

A mulher branca

Pelas estradas poeirentas que fogem atravez das colinas melancolicas, o sol cae a prumo, o sol do alto Artois que faz crepusculos doirados, poentes d'amethysta. Na terra pisada por milhões d'homens, nem um se vê. Ainda há lilazes. Já o verão começa polvilhando com todos os cambiantes do amarello os grandes girasoes hirtos que pendulam na caricia da brisa. No ceu correm nuvens desgrenhadas n'uma cavalgada louca. E por espaços apparecem, aqui e além, nêsgas d'um azul tão rico, tão caricioso, que outro sempre suppuz que não pudesse haver fóra das queridas terras de Portugal. Os choupos do Grande Canal ao Yser balouçam lentamente as suas cômas agudas, dobram nos tôpos em crispações subitas. No paiz da guerra, — paz. Ao longe não é o canhão: é a voz grave e clamorante de Deus. O caminho defronte de mim é um grande tunel de mysterio, esgueirando-se

entre dois muros humidos que escondem vivendas arrazadas onde pululam ósgas sob as resteas de sol fugitivo, na mancha triumphal das sardinheiras que surdem por toda a parte. Sombra. Recolhimento. Deus paira e preside, n'aquella hora rapida. E foi ali que vi, pela primeira vez, pallida, tragica, silenciosa, formidavel, — a mulher branca.

Quando penso na ligeireza, na facilidade com que nós, portuguezes, julgamos e pesamos a mulher franceza, quando recordo a ideia commum entre nós de que as mulheres de França são mulheres de prazer e que ao pé d'ellas só póde haver *champagne* e orgia, — não sei que subita vergonha me invade e affiguro-me minguado, tomando a minha parte n'este erro tão crasso e tão injusto. Se em toda a parte tinha visto, magnifico e esplendido, o sangue da França, ali, na estrada sombria, vi a alma da França, tangivel, corporea, n'aquella grande figura toda de branco, grave, hieratica, dolorosa face d'angustia, como a não teve nunca, decerto, a mãe do Homem, n'aquella tarde remota em que no fundo da Asia foi crucificado um propheta que ensinava perdão e bondade. Caminhava para mim sem me vêr, absorta, com os largos olhos abertos, afogados n'um pensativo scismar, longa, sêcca, enygmatica como uma imperatriz bizantina, com o real diadêma da sua cabelleira branca completando a brancura ima-

culada d'uma blusa onde saltava, no peito, uma enorme cruz de sangue. E não havia n'ella cousa alguma que não tivesse o tom puro e melancolico da neve, nos labios sem côr, nas faces brancas e usadas, pavorosas faces d'amargura onde as lagrimas de quatro annos tinham aberto um sulco profundo e inapagavel. Pobre creatura, sagrada creatura, de soffrimento, colhida na fatalidade da guerra, que olhava sem vêr, com os olhos vitreos onde se adivinhava a chamma d'uma ideia de sangue e de luto e caminhava sem sentir e não vivia, não respirava, não offegava sequer, já morta, já riscada da vida... Tinha sido esposa. Tinha sido mãe. E nos seus braços torturados, sob os seus labios exangues e mudos, onde já nem havia préce, tinham expirado primeiro o marido, ferido defronte d'Arrás, depois, um por um, quatro filhos, quatro soldados, quatro esperanças de vinte annos alimentadas segundo a segundo, e que todos agora dormiam a par no cemiterio silencioso de Doullens. E ella vivêra! A todos fechára os olhos, Mãe-Dolorosa, Medêa tragica, phantasma de dôr que passava entre gemidos e entre maldições, em plena febre, em plena angustia e pensára outras chagas e déra de beber a outros feridos, muda, ausente, terrivel, pavorosa, soluço vivo, abominavel desolação errante e branca. Recuei o mais que pude para a valêta da estrada e de *képi* na mão, não foi com

piedade, foi com terror que vi passar a mulher branca!

Por toda esta França de soluço e de nobreza ha dois milhões de mulheres como ella, modelos d'abnegação, de sacrificio, que passam sempre silenciosas e attentas, rigidas e brancas, com a unica ideia, o unico pensamento d'ajudar a morrer e que nunca, em quatro annos de guerra, tiveram uma noite, uma hora, um momento só que não fôsse preenchido por actos de indizivel ternura. Vivem no sangue. Vivem na dôr. Os homens cahem em belleza no fragor das mefralhas, na rajada, no bramido — e são os heroes que se cantam, os superhomens que se endeusam. Ellas, estão na sombra. Os soldados tombam na attitude soberba que o bronze e o marmore hão de colher um dia; são illustres. Ellas, ninguem sabe quem são. Na frente é a epopeia — á rectaguarda é o soluço. Na linha os heroes são todos d'Homero; nas ambulancias são de Dôr as heroinas... M.lle Brizard, n'um hospital de Saint-Omer, viu expirar no mesmo cátre d'agonia, entre os seus braços, na mesma tarde, o irmão e o noivo; ella propria os amortalhou, os levou a enterrar sem que uma unica lagrima lhe cahisse dos olhos. Na aldeia d'Évremont, uma senhora de setenta annos, que sob as suas vestes brancas trazia ainda o luto do marido morto na guerra de 70, em Frœchwiller, emba-

lou os ultimos momentos de tres netos ceifados pelo mesmo estilhaço — e n'aquella tremenda punição de Deus, terrivel e de neve, no exterminio completo e subito de toda a sua raça, a todo o momento fallava de Honra, de Patria e agora, só, esquecida na face da terra, offerecia ainda fervorosamente até á ultima gotta o seu sangue sublime para que a França surgisse sempre nova, sempre radiosa n'um clamor soberbo de victoria. Em Bailleul, M.me Servin, na retirada brusca da ambulancia onde fazia serviço, carregou nos seus hombros delicados, um por um, debaixo do fogo, dezesete feridos e depois de todos em segurança ainda lá voltou a buscar uma parte do material indispensavel aos seus mutilados. O sr. Poincaré veiu de proposito a Hazebrouk pregar-lhe no peito a grã-cruz da Legião d'Honra... E são assim ás centenas, são assim aos milhares aquellas mulheres brancas, as mulheres de França que nós confundimos, que nós ignoramos lamentavelmente.

Mas ainda outras enfermeiras, ainda outras mulheres brancas existem, onde a nobreza d'animo, o espirito de sacrificio são ainda maiores — se é possivel. São as que ignoram, as que estão espalhadas longe do *front*, no interior da França, nos milhares de hospitaes que a matizam. Incessantemente, entre panoramas d'uma natureza reparadora e calma, ou ao littoral da Provença ou ás montanhas da Auvergne, che-

gam comboios de feridos. E a guerra hedionda e maldita, a guerra sem nobreza, sem *élan*, apparece, inopinada, entre pustulas, entre chagas, entre gangrenas, trazendo o cheiro fétido das febres para as alturas imaculadas dos pincaros. E ellas estão ali, sempre attentas, sempre vigilantes, d'incomparavel doçura, desconhecendo, ignorando, vendo apenas a hecatombe atravez dos seus sobreviventes, sem o consolo reparador da acção que embriaga e esbate. E morrem de pé, como soldados, devoradas pela fadiga, pela anemia, heroinas até ao fim, na auréola d'um sorriso illuminado e puro. E ainda aquellas que não entram nos hospitaes, as que não teem farda, as que não teem occupação definida, as mais pobres, as mais miseraveis, arrastando-se pelas estradas entre farrapos pretos, — são mulheres brancas tambem, mulheres de piedade, d'infinito respeito, que arrancam as barras das saias para fazerem fios e vão entre geadas, entre soalheiros, procurar hervas, procurar simples que estendem depois nos dedos tremulos, envergonhadas pela humildade da dadiva, deixando cahir lagrimas que são redempção e são resgate. A França heroica é bella mas a França muda é sublime.

N'esta atmosféra, que é preciso ter respirado para a sentir, para a comprehender bem, os invalidos da França circulam. O que elles pensam, a forma como consideram as suas enfermeiras,

não tem palavras: são apenas expressões, gestos. Encontrei um sargento de sapadores que sahia d'um annexo d'hospital, com uma perna a menos. E depois de trocarmos meia duzia de palavras, quiz saber se tinha sido bem tratado por aquellas longas figuras brancas que são mães e são irmãs de todos os feridos. O homem considerou-me suffocado, sem achar uma palavra de reconhecimento:

— *Ah! mon lieutenant! Ah! mon lieutenant...*

E as lagrimas cahiam-lhe a quatro e quatro pela face magra.

As pedras fallam

Estava já por detraz d'aquellas colinas irregulares. D'aquelles cabeços ligeiros que o sol poente illuminava d'esguelha, já se podia ver o sitio onde tinha sido Arrás. E com effeito, quando grandes sombras cavalgavam pelos ares vindas da tréva do léste, surgiram as pedras tragicas que se olham com melancolico terror e que não se esquecem mais. Arrás!

O homem que estâva a meu lado emmudecêra, grave, sombrio, com a face vincada por uma ruga profunda. Era um velho merceeiro de Thiaucourt-le-Barrois que vinha a uma das estações da T. M. G. buscar chá. Este *ciceroni* improvisado, encontrado casualmente na bérma d'uma estrada, tinha-me deixado antever qualquer coisa que na minha imaginação se avolumava, tomava o aspecto das brancas ruinas de Palmyra, onde crescem palmeiras rachiticas na desolação de um deserto de areia. Mas Arrás

não tem a placidez vetusta d'uma ruina aureolada com o pó dos seculos; tudo ali vive, tudo ali palpita ainda em estranhas contorsões, em milagres d'equilibrio, nas empênas que ondeiam com a briza mais leve, nos recortes phantasticos das fachadas que os obuzes não arrazaram de todo, nos turbilhões de poeira que se levantam a cada momento aqui e além, sempre que um vento rijo uiva por sobre a grande ruina. Do sitio d'onde a dominavamos, alto e confusamente, lembrava o oceano sob um céu de trovoada, encapelado e cinzento, levando a perder de vista crispações de pedras amontoadas. Nem branca como Cadix, nem côr de rosa como Sorrento, nem azul como Bergen; um borrão negro, uma escura mancha pousada na face ainda mais escura da terra, quasi nivelada com ella, morta, tragica, espectral, esmagada sob um céu de chumbo. Era a silenciosa Arrás! O lapis terrivel de Gustavo Doré podia esquissar-lhe o vago perfil, porque muito em breve vae fazer quatro annos que todos os dias sem exclusão de um só, Arrás recebe em média cincoenta granadas. Se Amiens conserva vestigios do que foi, — não ha em Arrás um unico predio intacto. É a desolação absoluta, continua, que os inglezes methodisaram, arrumaram por assim dizer, com aquelle amor da ordem e do asseio que lhes é proverbial. Circula-se perfeitamente á vontade entre as duas filas interminaveis de cantarias empilhadas

na beira dos passeios. Todos os *squares*, todas as ruas, as encruzilhadas estão escrupulosamente varridas e uma *équipe*, innumeravel de trabalhadores militares occupa-se muito menos em reconstruir do que em limpar. Os zelandezes restabeleceram a canalisação d'agua e regam constantemente o pavimento d'onde se levanta a impalpavel poeira da pedra pulverisada, tão graves, com tanta perfeição como se estivessem nas praias aristocraticas de Brighton ou de Ramsgate. Percorrendo Arrás destruida, a abominação não está apenas n'ella — mas em nós tambem, que a vêmos derruida e todavia aureolada com as numerosissimas glorias d'um passado que já não volta. De principio, no contemplar dos bairros novos, dos bairros que foram novos, a desolação parece-nos passageira, facilmente remediavel. Mas é na velha Arrás de Luiz XI, na Arrás do antigo, tradicional mercado, na gloriosa de Coligny e de Fuensaldanha que passa o primeiro frémito de terror, na renda das janellas bigeminadas do claustro de Santa Rosa, que não acabaram de abater, na vetustissima *halle* do trigo onde corriam, na cimalha, aquelles trigliphos maravilhosos, gosto grego tão raro, quasi desconhecido na architectura da Meia-Edade e que foram a paixão de Viollêt Le-duc. Ali, n'aquelle residuo de passado, as pedras começam falando, as velhas pedras immoveis, cinzentas, phantomaticas, onde crescem já hervas

rálas, empobrecidas, por entre fachas de terra tão negra como a *patine* dos seculos que ainda as cobre. Quem quer que imagine a Batalha destruida pelas rajadas d'aço, com a sua alta nave sombria aberta aos fulgores do sol claro, estilhaçados os vitraes das crastas, arrazadas de todo as Capellas Imperfeitas, — por pouco poeta que seja, distinguirá agonias de ressaca, ventos que uivam, espumas argenteas que lambem eternamente littoraes de mysterio. Porque na Batalha está toda a epopeia dos Maiores. Tambem ali, em Arrás, berço da França feudal, flamenga, hespanhola, ingleza, franceza, vive qualquer coisa que não se extinguirá nunca e lá jazem as melancolicas ruinas que nunca, nunca mais se erguerão e que tombadas, agora, por terra sussurram coisas tão velhas, tão grandes, a obra gigantesca de Estevão-Marcello, heroicidades de burguezes quando os sinos aguilhoavam rebates e surdiam, desembocando na planicie, os homens d'armas de Glocester, os jaezes brancos do Temerario, as companhas escarlates de Montgommery. Aquellas pedras viram! Aquelas pedras falam!

Quando perdida aquella magestade augusta que teem todas as ruinas vistas de longe, no vaguear indeciso por entre o labyrintho de cantarias prostradas, — sente-se que as pedras uivam tambem. Ha cimalhas, cornijas que se sustentam

por milagres d'equilibrio, esbatidas no fundo cinzento dos céus d'onde cae, de madrugada, uma neblina densa e compacta; ha taboletas, lettreiros que os caprichos do canhão modificaram, truncaram, converteram em charadas. Na antiga rua *des heros de Bruges*, existia uma pastelaria com a insignia: *Au rendez-vous du bon Dieu.* Todo o predio veiu abaixo, com excepção da emposta d'um largo portão onde ficou pendurada a extremidade do lettreiro com as quatro lettras: *Dieu.* Mais adeante, n'um vestigio de fachada côr de rosa, d'uma antiga taboleta resta apenas a palavra *ici.* Aqui. Aqui, o quê? Por detraz ha entulho, tijolos calcinados, tráves chamuscadas. E sempre espreitando por todas as janellas sem caixilhos, por todas as portas sem batentes, constantemente pedras amontoadas, a êsmo, o esqueleto d'uma grande cidade que apodrece depois de morta sob um sol rutilante e impassivel. A tristeza d'esta uniformidade cae devagar, como um crepusculo de chumbo e só aqui e além extravagancias da metralha, caprichosa como o raio, se apontam n'um silencio pasmado. Na *Place Beauvais* existia a estatua em bronze de Philipe-Augusto: a estatua não existe já, desapparecida, transmudada em poeira. E do vencedor de Bouvines ficou apenas uma das mãos, um guante de cavalleiro, cravado como uma ameaça, como uma maldição, n'um pedaço de muro oscilante, a quinhen-

tos passos d'ali. Por vezes as perspectivas de entulho forjam espectaculos d'uma tremenda ironia. N'uma viella qualquer, um *chalet* de dois andares parece intacto. Não ha um vidro partido, todos os estores estão cuidadosamente corridos, a fachada branca, com azulejos azues, respira frescura, tranquilidade; e por detraz d'aquillo ha uma cova enorme, profunda, formidavel, debruada de pedras negras que, essas, não falam, uivam. Na *cave* d'aquelle predio tão socegado, tão placido, foram encontradas quarenta e duas mulheres mortas instantaneamente pelo mesmo obuz...

Outras pedras mais modernas, todas brancas, como se tivessem sahido do canteiro que as talhou, falam tambem abominavelmente. São as que compuzeram os jazigos do vasto cemiterio de Saint-Aubain, n'um *faubourg*, ao norte da cidade. Este cemiterio d'Arrás é a summa expressão das coisas macabras. Durante dois annos foi constantemente alvejado pela artilharia allemã, mercê da sua situação tão boa que n'elle estiveram installadas muito tempo tres baterias inglezas d'artilharia pesada. É um cemiterio que pertence á cathegoria dos horrores ignobeis. Ha perto de seis mezes que o andam a limpar, a refazer e ainda a todo o momento aquelle chão é sinistro. No bombardeio metodico não ficou um unico palmo quadrado de terreno que não fosse

revolvido. Um exercito allucinado de vampiros que por ali tivesse passado, não teria deixado mais significativo horror. Todos os caixões saltaram das prateleiras dos jazigos, esboroando-se no solo, exhumando podridões d'arrepiar. Toda a immensa vala commum foi barrada pelos obuzes, remechida titanicamente, atirando aos quatro ventos um ossuario sem fim, os pobres restos dos humildes que ainda depois da morte foram colhidos na formidavel tempestade dos vivos. O grande, o eterno somno é picaro ali; nem mesmo a morte é um refugio. E não ha criterio, não ha pensamento que resistam ao instincto unico, indominavel, de fugir o mais depressa possivel d'aquelle cemiterio, d'aquella cidade maldita onde centenas de milhões de pedras são outras tantas centenas de milhões d'anathemas. As necropoles silenciosas, lavadas, purificadas pelos seculos, são fontes de reflexões, propicias a um pensativo scismar. Em Arrás não se pode scismar, não se pode contemplar. Se fôra deserta, sem duvida teria a nobreza tragica das grandes destruições. Mas está polvilhada de fardetas côr de barro que fazem uma policia austéra e das mais formidaveis ruinas evola-se constantemente o cheiro das chavenas de café que inglezes aos grupos de seis, de oito, preparam com a gravidade d'um rito. Nunca senti tão dura a bella verdade de Gautier: *Les hommes gatent le paysage*... Rodear

Arrás com um enorme muro massiço, alto, sem portas, nunca mais ninguem entrar ali dentro e esculpir n'um dos seus angulos em lettras de granito: *Aqui foi Arrás, a martir,* seria a derradeira, a melhor homenagem a prestar á desgraçada cidade extincta. Mas essa, nenhum povo seria capaz de a fazer. Por isso bem poucos comprehendem o que dizem as pedras de Arrás. E todavia a sua eloquencia é formidavel!

Os trapeiros da epopeia

Já por varias vezes, ao atravessarmos aldeias em ruinas, tinha notado aquelles vultos escuros, dobrados sobre a terra, pesquisando, mas de tão longe que apenas me pareciam bracejar n'um desespero, sobre pedras calcinadas. Perguntei ao cabo que guiava o *camion:*

— Que gente é aquella?

— *Ce sont des «faineaux».*

Rebusquei na memoria o equivalente do vocabulo. Não achei; era um termo novo ou um termo regional. Na ponta de meia hora de contemplação silenciosa, rodando devagar na interminavel fita do comboio automovel, novamente o cabo apontou:

— *Encore des «faineaux».*

Pela tarde, em Doullens, perguntei ao capitão Saubrec o que eram os «*faineaux*». E elle disse-me isto:

— Os «*faineaux*» são legião innumeravel. Onde existem ruinas, casas fumegantes, aldeias

em chammas, existem «*faineaux*». N'este nosso cosmopolitismo da guerra, não ha extrangeiros entre os «*faineaux*». São apenas francezes. Aquellas pobres blusas, pobres restos d'humanidade que ha quatro annos vivem nas aldeias, debaixo do fogo dos canhões, sem se resolverem a abandonal-as, são da mesma raça dos camponios irlandezes que o nosso d'Esparbés descreve tão bem nos *Briseurs de Fers,* se não me falha a memoria. Quando o casal, o burgo, são ameaçados pelo fogo, a auctoridade militar manda-os evacuar, impelle adeante de si o rebanho humano que volta as costas a custo sem se resolver a desprender-se das pobres riquezas que os outros, *os do lado de lá,* vão anniquilar irremediavelmente. Então, na primeira aberta, no primeiro descuido, fogem, escapam-se, voltam á ruina, ao casebre arrazado, phantomaticos, alucinados, a remecher no entulho com largos gestos de desespero, a procurar, a recolher o que tivesse sido poupado pela phantasia macabra das granadas. São velhos, são creanças, são mulheres, creaturas de piedade e de desgraça, que olham sem vêr, agonisam n'um soluço sem fim e teem sempre pregada no cerebro, implacavel, a visão da casa incendiada, a vida inteira de labuta perdida n'um só instante. E a unica ideia, o unico pensamento é ir salvar, recolher o que resta, sacudindo, limpando, curvados sobre a ruina. São apenas

francezes. São os «*faineaux*», os trapeiros da epopeia...

O capitão Saubrec calou-se uns instantes, revivendo uma recordação. E depois continuou:

— Houve aqui perto, entre Doullens e Arrás, uma aldeia que em 1915 foi tomada, perdida, reconquistada por diversas vezes. Hoje, nem sequer existe uma ruina no sitio onde foi Jonchéres. A artilharia varreu tudo logo no começo e de toda a campanha em volta não ficou pedra sobre pedra. Coisas banaes. Justamente acima de Jonchéres passava um atalho que ligava á estrada de Cambrai e corria, por dois kilometros, na crista d'aquellas collinas de mediocre altura que formam o espinhaço do Artois. Era n'uma d'ellas, n'um casebre com uma vista soberba, que vivia um dos primeiros «*faineaux*» que vim a conhecer, o *Solitario*, (*) uma creatura rude, que parecia arrancada d'um romance de Hugo, silencioso, velhaco, hirsuto, com toda a apparencia de esfolar o seu proximo, em tempos tranquillos, com vagas transações sobre caça roubada. Era um velho de barbas sujas, um farrapo visivel de longe por causa do carapuço vermelho, á moda de Flandres, que nunca o largava e lhe esmorecia a face escarlate, enrubes-

(*) O capitão Saubrec dizia: *le bon seulêt*, expressão que não tem equivalente caracteristico em portuguez.

cida pelo alcool, uma face d'augusta immobilidade onde dois olhinhos redondos chispavam constantemente uma immensa malicia. Era um sabio.

Depois da batalha de Charleroi, viemos de roldão por ali abaixo, agarrando-nos ao terreno quanto podiamos. Em Jonchéres tinhamos a crista dos mamelões — e ali ficámos. A auctoridade militar deu á população civil ordem de evacuar a aldeia. O *Solitario* foi intimado a abandonar o seu casebre e, retirára como os outros. Pela primeira vez aquella face, que allumiava como uma lanterna, descórou, ficou terrosa. Abandonar o casal? E para quê? — perguntava elle, carregando em todas as sylabas, já com o olhar malicioso afogado em incerteza. Nunca poude comprehender que os *outros* iam chegar, esbarrondar em quatro segundos as suas quatro paredes, espatifar aquelle barro calcinado, amontoado em cogulo, onde tinha nascido e onde esperava morrer. Deu tantas explicações, apresentou uma tal inercia na obediencia, tanta resistencia passiva, — que o deixaram, esqueceram-se d'elle, e o duello de artilharia recomeçou, infernal, com a cabana do *Solitario* no meio e elle lá mettido dentro.

Ha homens sobre quem parece pairar uma protecção divina. Durante vinte dias, de cá e de lá, revolvemos aquella terra toda, Jonchéres ficou em ruinas, inutilisaram-se dezoito peças, perdemos duzentos homens. O casebre do *Solitario*

ficou de pé, intacto. Depois, n'uma noite, á luz dos *very light,* uma granada caprichosa, desgarrada, rebentou a trinta passos do casinhoto, abriu uma cratéra de quinze metros e levou o telhado do *Solitario* como se levasse uma pluma. Já eu o suppunha morto, liquidado, quando na primeira luz cinzenta da manhã, na luz espectral das madrugadas chuvosas, o vi defronte da minha bateria, fóra do eixo do tiro, allucinado, louco, esboçando gestos terriveis de maldição, d'anathema, em torno do seu bem meio arrazado. O turbante vermelho parecia uma grande papoila ondulando em convulsões. E o velho erguia os braços tremulos! E ululava! E amaldiçoava os homens, tragico e picaro, histrião, corypheu, carpidor, enorme e comico, com o seu carapuço escarlate, as mãos descarnadas, ankilosadas que pareciam garras... Lembrei-me de Sophocles. E só então a guerra me appareceu com a sua pungentissima amargura, o seu cortejo infinito de miserias, formidavel mágua que os homens desencadeiam e que não conseguem dominar depois, — porque no fragôr, no rumor, contrabatendo uma artilharia invisivel que atroava para lá dos horisontes, por entre clarões de gloria, no claro-escuro das epopeias, um homem passava, com um barrete ridiculo, uma longa blusa côr de grêda, afflicto, angustiado, sobraçando um banco de pinho, ou um velho alguidar meio rachado... E soluçava! Ah! A guerra! A guerra!...

Claro que a baiuca da creatura, uma vez alvejada, nunca mais cessou de ser um ponto de mira para a artilharia allemã. O *Solitario* esperava os momentos mais propicios para remecher no entulho do que tinha sido a sua casa, exhumar farrapos, pobres riquezas, tristes riquezas que depois trazia, fugindo, aconchegadas ao peito, deitando olhares d'esguelha, como se o perseguissem, o quizessem roubar. Era furiosamente *«faineau»*. E muito bem me recordo do seu sorriso desdentado, da caverna abyssal da sua bocca torcida n'um rictus constante, sempre que achava por entre o barro sordido da sua ruina, um pedaço de meza, um tacho ferrugento, uma qualquer miseria lamentavel que transportava bem apertada nos braços, resmungando n'um furor: — *Á moi! Á moi! Ils ne l'auront pas!* Cada dia era mais sombrio, mais irrascivel, á medida que os pedaços de muro da sua propriedade minuscula iam cahindo. E no dia em que ella se tornou definitivamente um monte de pedras sem fórma e sem nome, fumegante, pavorosa, formidavel colera d'anonymos para um anonymo, — o *Solitario* deixou de transpôr os limites da bateria, nunca mais lá foi. Em 1915 ainda o accésso dos civis ás linhas não tinha a severa prohibição que mais tarde teve; na primeira surpreza, nos primeiros embaraços, esses detalhes não estavam ainda regulados, de fórma que o homem tinha livre transito, circulava

em derredor do seu incendio, esgazeado, aparvalhado, tão entontecido como uma borboleta em volta d'uma luz. Depois os *boches* installaram outra bateria n'uma cota onde tentavam bater-nos de flanco. Jonchéres, que era já uma ruina, tornou-se definitivamente um tumulo. E do casebre do *Solitario* não ficou vestigio. Então o homem emmudeceu de todo. Passava os dias arrimado aos armões, sem largar o seu pittoresco turbante, com a mão sobre os olhos, pesquizando o horisonte, fitando as suas velhas pedras, as queridas pedras com uma expressão indizivel que talvez só tivesse tido um dia o velho *rei Lear*, de Schkespeare. Pobre e augusto *«faineau»*, imagem viva de milhares de outros, sem lar, sem tecto, sem pão, colhidos de surpreza n'aquella hedionda fatalidade... Que se passava dentro d'aquelle cerebro rudimentar? Comprehenderia elle? Eu não sei. Nunca nenhum de nós o soube nunca. Perante a guerra, a França nos seus filhos, tem d'estes mysterios sombrios, que terminam bruscamente no grande somno da morte. Porque uma tarde, quando havia uma grande facha de purpura para as bandas d'oeste e uma enorme tempestade de ferro desabava, vinda do occidente, — o *Solitario,* que ha tres dias não comia, não dormia, espectral, medonho, tragico, olhando a campina em frente, abriu de repente uns olhos enormes, fulgurantes, exclamou: — *Ah! les bandits!* E correu fu-

riosamente para a sua ruina que se ia em pó. Por entre o fumo ainda o vimos remechendo espavorido em velhos tijolos. A mim pareceu-me que beijava as pedras — mas não pude certificar-me porque, de repente, como que colhido por uma grande foice, o *Solitario* morto por um estilhaço, cahiu sobre as suas velhas paredes d'onde nunca mais se levantou, onde provavelmente estará ainda, formidavel, ameaçador, eternamente colhido no mesmo gesto de desespero impotente, como um heroe obscuro, como um heroe anonymo...

E depois de me cumprimentar com afabilidade, o capitão Saubrec separou-se de mim.

«Champagne!... Champagne!...»

Em Villers-Hermont tornei outra vez a encontrar o capitão Gutierrez, o inefavel chileno com quem acamaradára uma noite em que nos encontrámos pelo travéz da brigada russa. E como se isto de chilenos trouxesse impreterivelmente comesainas, perguntou logo com alacridade:

— Você vae, está claro! Você não pode faltar!

— Aonde?

— Ao jantar que nos offerece o coronel Douglas-Barrow, chefe do estado-maior da brigada de Damps.

Fôra o caso do chefe do estado-maior d'uma brigada escocêza que permanecia no saliente de Villers-Hermont, ter visto em volta das suas repartições, na vespera, nada menos de quinze correspondentes de jornaes estrangeiros. D'ahi, a ideia do jantar. Lá estava Gutierrez. E onde quer que Gutierrez poisasse, havia sempre maneira de jantar.

Os inglezes comem e combatem bem. Jogar o *cricket* ou lançar granadas, são coisas ambas feitas com a mesma serenidade simples que não perde nunca a sua concisão grave. São todos ou quasi todos da massa do conquistador d'Orange: — taciturnos. Por isso, por todo o *front* inglez, apesar de severamente prohibido, o *whisky*, corre como as aguas d'um rio largo e não sei, realmente, se as qualidades de resistencia physica se teriam mantido durante estes quatro annos, sem o ampáro d'esse abençoado *whisky*, tão calumniado e todavia tão salutar nas manhãs chuviscosas, depois de quatro horas de resôno n'uma cama de lôdo. Por isso o *whisky* é a panaceia universal, o remedio para o frio, para o calor, para a *grippe*, para o mau humor, para a coragem. Um sacerdote anglicano que era alferes nas horas vagas e trazia sempre comsigo uma Biblia em cuja encadernação se me iam os olhos, costumava dizer gravemente, com a uncção de Wieclef: — *No principio Deus creou o homem e vendo-o tão só deu-lhe o whisky.*

De tarde é o *champagne*. Os inglezes, que na maior parte das occasiões apreciam o cachimbo solitario, não podem beber isolados. Para a ditosa occupação de fazer saltar uma rolha de *Moet-et-Chandon*, reunem-se cinco os seis, hieraticos, silenciosos — e de copo na mão. Cahi algumas vezes em grupos assim. Apresentações breves, *monossylabicas*. Depois, de novo o silencio, ou

em volta d'uma meza ou na beira d'um valado. Pausa. Em seguida uma voz, uma voz tão placida como se estivesse no Savoy ou no Carlton exclama, sem levantar o diapasão:

— «*Chimpègne! Chimpègne!*»

Um figurão medonho, uma figura rapace, com olho tôrvo de velhaco, blusa azul, farejando negocio, surge, nunca se sabe d'onde. Com o dêdo conta: — *Um*, *dois, tres, quatro*, *cinco*... Desapparece, ressurge com cinco garrafas, recebe sessenta ou setenta francos e torna a retirar-se com o tôrvo olho mais fulgurante ainda. Como um Buhda mamudo e trombudo, o official que pediu o *champagne* e que o pagou, faz a distribuição. Pausa. Aquillo bebe-se em silencio, rapidamente. E depois o outro que está ao lado, por sua vez cicia:

— *Chimpègne! Chimpègne!*

O figurão reapparece. Dêdo. *Um*, *dois*, *tres*, *quatro, cinco*... Sessenta ou setenta francos. Pausa. Silencio. Tudo engole com presteza. Depois o terceiro...

Cinco officiaes vinte e cinco garrafas, seis officiaes trinta e seis garrafas, sete officiaes quarenta e nove garrafas. É a ordem. E é tambem a classica *roda*, a tão portugueza *roda* em que afinal todos convidam e cada um paga a sua parte. E tambem me chegou a vez, santissimo Deus, tambem me chegou a vez, a mim, misero latino, de passar ao velhacão setenta dul-

cissimos francos, bradando com a energia do desespero — e em bella pronuncia:

— «*Champagne! Champagne!*

Foi ainda com estas suaves recordações que me sentei á mesa presidida pelo coronel Douglas-Barrow. Nem nunca o astuto Ulysses em demanda da Ithaca, viu tanta agua como eu ia vêr de *champagne*. Havia, de facto, n'aquelle jantar especialmente dado em nossa honra, n'uma granja meio arrasada, desaseis correspondentes de guerra. Ahi fui encontrar o sr. Orthez, da *Epocha*, de *Madrid*, entalado entre o meu Gutierrez e um cavalheiro de barba preta e d'olhar feroz, que era o redactor principal d'um jornal siciliano. Ao desdobrar o guardanapo recordei Mascagni, *Santuzza*, a *Cavallaria rusticana*. Em redor accumulavam-se miseros vermes de jornaes exoticos, talvez lapões, talvez samoyedas. Eu nunca soube. Estava no meio. E como na *Linda Rapariga de Perth*, do caro Walter Scott, permaneci curioso e attento no meio dos *highlanders*, todos com as côres dos seus *clans*, os seus *snods* tradicionaes, lembrando as bellas estampas que representam o duque de Clarence vestido á maneira dos couraceiros de Dumbarton. De todos a mesma barbicha ruiva talhada em bico surdia das dobras bicolores do *twood* e por dentro d'aquelles peitos couraçados pelas correias de Rob-Moor, rumorejava sem duvida, n'um

cicio brando, a mesma ideia: — «*Chimpègne! Chimpègne!*» Tudo grave, tudo pomposo, tudo sedento. E de subito, perante os nossos pratos, os nossos copos ainda vasios, um homem entrou, um *highlander*, contorcionando uns passos indecisos de dança, ankilosados, como os do vetusto David á frente da Arca da Alliança, soprando n'uma enorme gaita de folles. Era o *piper*. Soprando a aria nacional, o *piper* deu a volta á meza perante o assombro mudo dos exoticos, do meu assombro. E logo a seguir um outro *highlander* surgiu, agarrado a uma travessa enorme, collossal, onde se piramidava um *pudim* feito de carnes e de farinha, o bolo nacional, o *haggis*. Com presteza o homem da travessa apresentou-a ao coronel, que se serviu com parcimonia. Já eu me preparava para o promettedor *haggis*, lamentando a falta de sopa, quando velozmente a travessa desappareceu atraz do *piper*. Só o coronel garfeava o petisco perante os nossos talhéres lamentavelmente inactivos. E como adivinhasse o meu pasmo silencioso, um tenente de artilharia, que estava a meu lado, explicou-me a meia voz que o *haggis* se servia sempre n'um jantar nacional, mas que por ser de mau paladar para boccas latinas era de bom uso que, apenas, para obedecer á tradicção, o presidente o provasse. O coronel Douglas-Barrow cumpria um dever d'etiqueta. E n'isto appareceu a sopa — para todos.

Estes jantares de cerimonia onde ha tanta praxe como no *Guid-hall,* quando o *Lord-mayor* dá de comer uma vez por anno, são d'uma intoleravel *morgue* até ao peixe. E é justamente quando o *champagne* começa esfusiando—«*chimpégne, chimpégne!*» — que as cousas se compõem. Com o *cockybeky* regado a *Cliquot* as linguas desatam-se, as faces animam-se, tilintam os copos com mais alegria. O coronel levanta o seu brinde *from the King Georges* e com os velhos, os grossos galões, sae. Então o grito é medonho, — babylonico, como affirmava Gutierrez —«*chimpégne, chimpégne*». Bella reunião de moços, rapazes que vão talvez morrer d'ali a umas horas, que discutem as possibilidades de vida com um ar frio e pausado, contrastando com o gesto jovial com que levantam o seu copo. N'aquelles momentos a guerra não é nem um cortejo d'horrores nem uma escola de heroismos. É simplesmente um officio, um officio em que se morre com mais frequencia do que em qualquer outro. É talvez n'esta maneira pratica de encarar o desconforto de quatro annos de campanha, que está o segredo da tenacidade ingleza. O francez canta a *Marselheza*, berra: *On les aura!* O inglez não diz nada, mas nenhuma força, nenhum contratempo, o fazem mudar d'ideia. Quer vencer o allemão — ha-de vencer o allemão e tanto lhe importa estar na Flandres durante seis mezes como durante dez annos.

Traz comsigo as suas tradições, o seu cerimonial, o seu padre, a sua Biblia. Mandam-lhe de Inglaterra o seu *plum-puding*—e em França arranja o *champagne,* caro e mau, sem duvida, mas, emfim, *champagne.* Cada inglez sabe que por detraz d'elle está toda a Inglaterra. Esta convicção que nada abala, pode parecer-nos a nós, latinos, duma intoleravel jactancia; mas é todavia o que lhe dá o espirito de cohesão e de disciplina. Sorri sempre. É polido, affavel e sêcco. Parece-me que foi o caturra delicioso Maïstre que lhe chamou um sorriso côr de rosa n'uma face amarella. Com effeito! Encontrei muitas vezes a face amarella e sempre deparei com o sorriso côr de rosa.

Desesete nações, desesete Chefes de Estado foram saudados n'essa dilecta noite com o espumoso vinho d'Epernay. Com o *hotchpotch* recordou-se o mavioso Burns que em verso cantou esta sopa dignamente escocêza. Com o *champagne* citou-se Béranger. Um dos exoticos recitou vagamente versos do velho Déroulède:—*L'air est pur, la route est large...* Um instante ainda, n'um silencio de acaso, ouvimos o eterno troar da artilharia, longe, para lá do horisonte. Algumas faces tornaram-se graves. E fômos sahindo. Um grupo enorme ficou ainda n'uma das *buvettes* da *Christma's Young* para beber chá; alguns retardatarios, de folga n'essa noite, reclamavam *chimpégne, chimpégne,* mais *cham-*

pagne. Eu ia dormir ao hotel do Cysne, o melhor de Villers-Hermont, uma horrenda hospedaria. Á sahida cruzei-me com um dos meus collegas. Era o sr. Chanaux, da *Correspondence de Zurich.* Apertou-me fortemente a mão e declarou-me:

— Aquelle *haggis* talvez não fôsse mau... Foi uma pena...

Commentámos dois momentos o *haggis* como pessoas que o não comeram. Parecia-me que devia ser péssimo. Elle acudiu, risonho, lembrando-me a *Raposa e as uvas.* E cada qual de nós foi para seu lado depois de nos termos cumprimentado á militar, — com uma larga e rasgada continencia.

Lisboa, cidade do "front"

O meu camarada, capitão X..., quiz ter a amabilidade de me dar estas informações:

— Os sessenta mil portuguezes que estão em França n'este momento, embora provindos de todas as provincias do paiz não transportaram para o *front* da Flandres nem habitos nem costumes regionaes. Todavia os lisboetas que lá combatem, comquanto constituam uma minoria, já imprimiram aos differentes sectores lusitanos aquelle cunho essencialmente nacional e inconfundivel que indica logo o bom habitante da cidade, que a leva para as mais remotas regiões com um enternecimento e um perfume que logo demonstram o *facies* radicado e immutavel d'uma raça que bate o fado com lagrimas na voz e bate nos allemães com gargalhadas semilhantes á dos cavalleiros que ha quatrocentos annos foram á India.

— Lisboa, está virtualmente no *front*. Re-

vela-se em detalhes pequeninos que mostram o amor da cidade e a saudade d'ella. No sector portuguez já hoje se fala uma lingua capaz de arripiar um polynesio, extranho e inverosimil mixto de francez, inglez e portuguez, condimentado com termos essencialmente minhotos, beirões e algarvios. Tudo aquillo grulha, tudo aquillo se move sem difficuldades de maior, n'um bom humor inalteravel, apesar de toda a gente se queixar do frio e alguns nostalgicos falarem com excesso da *ginginha* das Portas de Santo Antão.

— N'este bom humor, que tem uma parte de sensibilidade onde se reconhece o bom portuguez, Lisboa transparece. As estradas de *traverse*, improvisadas para a marcha de tropas que avançam mascaradas ao fogo da artilharia inimiga, — já os soldados as baptisaram na sua quasi totalidade. A estrada de Flerencourt chama-se a *rua de Santo Antão* e um outro caminho, perdido entre trincheiras e aproxes, tem o pomposo titulo de *rua de S. José.* No fundo de uma ravina minuscula existe a *calçada da Pampulha* e junto do quartel general da base, as escadas que conduzem a um *chalet* onde estão installadas varias repartições, denominam-se *Escadinhas da Mãe d'Agua.* Tambem ha um *Rocio* — e mesmo na primeira linha, n'um espaço á primeira vista socegado, bem nivelado e de conforto, passeiam individuos que fazem o *Chiado.*

Na grande maioria dos casos este *Chiado* encontra-se inteiramente deserto porque, como bom *Chiado* que se préza, é frequentemente varrido por granadas e balas de metralhadora. Ninguem vae então tomar chá ao *Marques* que dá café ou chá mediante seis *pence.* E n'esses momentos ha pragas, urros, punhos fechados para os *boches* que não respeitam o *Marques.*

— Por toda a parte abundam os nomes portuguezes. Ha dialogos phantasticos n'um ermo que tem duas arvores sem folhas e um raminho de lilázes descorados. É o *Jardim da Estrella.* Ahi os soldados reunem-se, quando podem, de mistura com as raparigas que apparecem das aldeias proximas. E trocam-se impressões, fazem-se narrativas, descreve-se Lisboa. Deante d'uma carinha loira e pensativa, um mariola do 5 explica os altos da Graça. E commenta, mais para elle do que para ella: — *Ó linda! Se tu visses! Aquillo é que é!* E lá vão os dois, de braço dado, para qualquer sitio que é uma evocação de Lisboa e que sempre tem um nome da cidade distante. Em Armentiéres ha uma *rua da Palma,* rua onde se vendem cordões de prata e bilhetes postaes. Finalmente em Neuve-Chapelle existe o *Bairro-Alto.*

— O bom humor dos portuguezes não baptisou apenas vagos locaes, remotas semilhanças com a cidade natal. Túdo tem descripções, tudo se define. A granada de artilharia pesada que

passa surdamente e rebenta n'um rugido grave, ninguem melhor do que os soldados a define com uma expressão pittoresca: — *Eu cá vou... eu cá vou... eu cá vou, eu cá vou...* — *Já cá estou!* A bala das metralhadoras, silvando com o estridor de peças de panno que se rasgam é um *pisga-te*, arrastado, dolente, interminavel: *pisga... a... a — te...* O morteiro pesado, parabolando no ar com um ronco continuo e permanente, automatico, aos sacões, isochrono, pendulante, é um *foge que t'agarro, foge que t'agarro, foge que t'agarro.* Depois, ao rebentar, estridulo e de guincho: *Eu bem te dizia!!!*

— Depressa se habituaram estes bravos á complicação dos serviços, que todos se designam por iniciaes, á engrenagem das praxes que são tão abundantes como as pedras dos caminhos. Habitualmente emprega-se um foguetão de côres variadas pedindo a incidencia do tiro da artilharia nos locaes de onde elle parte. Esse serviço designa-se por tres iniciaes S. O. S. Incendiar determinado foguetão é pedir S. O. S. E quando elle chega, não falta quem, nas nossas linhas, exclame com satisfação: — *Emfim... sós!...*

— Inalteravel bom humor que tudo denomina e para tudo acha solução. Ninguem mais expeditamente compra seja o que fôr, do que o soldado portuguez. Não ha difficuldades; com gestos, com palavras e até com pragas, faz-se entender

por toda a parte apezar de inventar vocabulos que nenhum idioma possue e que irão provavelmente enriquecer a já tão rica lingua franceza, alterados e adaptados ás glotes flamengas. Um pão é um *pani*, um chá tem o irreverente nome de *chi-chi* e já com gravidade certos indigenas, adoptando um termo lisboeta dizem entre si: *Donne-moi un viroscas.*—*Aporte-moi un viroscas.*—*Parbleu! Je veux du viroscas!* Um *viroscas* é um simples calice de aguardente.

— Bravos portuguezes, engenhosos e habeis, que sabem rir e sabem ter uma lagrima. Já outr'ora aquelles rudes companheiros que circundaram o globo em caravéllas de dois palmos, tinham, tambem, a gargalhada épica com que escondiam o precioso pranto da saudade. Na ultima vespera de Natal, junto d'Armentiéres, alguem viu um grupo, d'olhos marejados, em redor de um perú, o nosso classico perú do Natal. Disséram-se baixinho cousas de enternecer, evocaram-se nomes queridos e, n'aquella noite fria, muitos olhos d'alma viram a sua querida Lisboa. Mas d'esse grupo, que se deixava levar por uma sensibilidade que todas as almas bem formadas respeitarão commovidamente, uma gargalhada estraleja de repente. Um dos do grupo explica como adquiriu o perú. Fôra a uma loja de volateis já depennados, já dependurados e no fim de inconcebiveis prodigios, conseguira que a caixeira lhe mostrasse uma perúa. Mas não se

tratava de individuos do sexo fraco; o comprador queria um perú. E gritava: —*Perú! Perú!! Perú!!!* Em derredor, faces aparvalhadas tentavam perceber, n'um esforço de penetração. Por fim, já desanimado, teve uma ideia de genio. Exclamou:

—*Perú garçon! Quero um perú garçon!*

E trouxe triumphalmente o seu perú.

Um lar dentro d'um sacco

No revéz d'um talude que corria junto á bérma d'uma estrada, encontrei aquelle *poilu* solitario, gravemente entretido na inspecção do pé direito, que tinha descalçado. Pareceu-me uma occupação de philosopho, convidativa á meditação. O homem estava só, ambos estavamos sós n'aquelle campo d'apparencia deserta e onde a vida se entaipa em buracos de lôdo e de lama. Entre duas fardas, embora diversas, nunca faltam pretextos para conversa. Sentei-me junto do meu *poilu* sem que este largasse o seu pé e começámos por um largo silencio em que trocámos vastamente as nossas impressões.

Principiou por me observar d'alto a baixo, com uma tranquilidade, uma minucia que nem pretendeu disfarçar. Os francezes são muito mais taciturnos, mil vezes mais reservados do que os inglezes. A cada detalhe meu que o seu espirito explicava, abanava a cabeça convicta-

mente e sempre sem largar o pé, um pavoroso e pobre pé de caminheiro, concluiu com seccura:

— *Parbleu! Vous êtes serbe!*

E offereceu-me um cigarro.

Estes francezes, admiraveis de disciplina e de cohesão sob o fogo, affectam um desprendimento, uma independencia notaveis, sempre que se encontram fóra d'actos de serviço — mesmo para com os seus officiaes. Ha ainda n'elles um pouco do *sans culotte*, sempre mostrando os dentes atravez de todas as dedicações. Um soldado de Foch, em Soissons, tem o typo d'um soldado de Kellermann, em Valmy e decerto o *grognard* gaulez não foi só o de Napoleão, era já tambem o de Condé, será o de todos os generaes do futuro. Aquelle, agarrado ao seu pé, permaneceria indifferente perante todos os galões do mundo. Sorri. Dei-lhe um phosphoro e disse-lhe que era portuguez.

Não resolverei como se deu o caso de, ao cabo de dez minutos, conversármos com animação e intimidade. Foi talvez o pé. Trocámos receitas, offereci-lhe um gole de *cognac*. E bruscamente o homem tirou a mochila das costas, pôl-a sobre os joelhos, abriu-a e declarou-me que era de Caën — e marceneiro.

Um *piou-piou* authentico, a dois passos da linha — é um espectaculo grande e simples. O que essas creaturas fizeram no Marne e depois

em Verdun, deu-lhes uma auréola d'epopeia; os voluntarios de 93, que durante vinte annos passearam pela Europa as aguias imperiaes, não foram decerto maiores. Du Guesclin tinha cavalleiros bardados de ferro, nenhum francez de hoje levantaria, manejaria o montante de La Hire — mas Foch possue ainda, nos seus soldados, a tradiccional alma gauleza que os italianos, á falta de melhor, denominaram *furia francese* e que hoje provêm muito mais do conhecimento do seu passado do que das qualidades instinctivas da raça. A sua seccura é toda apparente, todo exterior o seu emproamento. Os labios contrahidos, as arcadas superciliares franzidas, toda a fórma rebarbativa por que me acolheu aquelle *poilu* d'acaso, eram fachadas que logo ruiram. E o que desmentia a sua rudeza era muito simplesmente — o seu sacco.

Não me lembra já se é em Gibbon se em Goldsmith que, ao falar dos aventureiros de Drake ou de Hawkins partindo para a Grande Flibusta, se narra o que levava no improvisado bornal qualquer d'esses Argonautas do seculo XVI que, como os seus maiores, iam em demanda do vélo d'oiro. Mas recordo-me do que na *Comedia Euphrosina* se conta sobre as bagagens dos avós que foram á India e, muito mais recentemente, das paginas immortaes d'Oliveira Martins descrevendo um camponio ajoujado com as suas pobres riquezas, n'aquelle anno remoto em que

um grupo de *Jacques* desceu da Povoa do Lanhoso, enrodilhado n'uma revolta que se chamou da *Maria da Fonte*. N'um segundo, estes tres quadros atravessaram-me o espirito n'uma bérma da estrada d'Olers-Vignon, olhando o sacco do meu companheiro *poilu*. As pequenas coisas não terão nunca quem as trombeteie aos quatro ventos e se sempre se encontrou um Xenephonte para contar a retirada de dez mil famintos, não appareceu ninguem que mergulhasse na sua fome ou na sua dôr, para os fazer explender, rutilantes, corolarios indispensaveis de todos os heroismos. Pois foi ao vêr o sacco do meu *poilu* que se radicou em mim a certeza inabalavel de que elle havia de vencer.

Redondo, pesado, a estoirar, poisou-o entre nós dois. Ainda sem o abrir envolveu-o lentamente n'um longo olhar carinhoso: era o seu companheiro de quatro annos! Aquelle farrapo que rolava havia tanto tempo entre as mais innenarraveis miserias, devorando desesperos, soluços, desanimos, perpetuamente colhido no horror de nunca poder estar só um instante que fosse, refugiou, escondeu entre aquelles dois pedaços de velho oleado, um passado e um futuro. E o sacco era a ara, era o altar. Abriu-o como se abre um escrinio, as mãos rudes tomaram uma subita doçura remechendo em trapos amarellados. Era a sua roupa! Devagar, quasi

esquecido de mim, foi-a estendendo cuidadosamente por sobre o talude humido, onde crescia uma herva crespa e forte. Sobre o verde estridente do escalracho, alinhou duas camisas pôdres, teve um tregeito de mágua em face d'aquella ruina. Depois os dêdos errantes encontraram um pedaço de cartão maculado, quebrado nos cantos. Era um bilhete postal illustrado. E estendeu-m'o elucidando, sorrindo:

— *C'est Caën! C'est ma ville...*

No postal, que representava um perfil de casaria, estava desenhada, com um lapis bicolor, inhabil, uma bandeira franceza, que affectava tremular no telhado esguio d'uma egreja. Tornei-lh'o a dar. Mas já elle, esquecido do seu postal, atirava, agora, nervosamente, para fóra da mochila, as suas riquezas, como quem não as via desde seculos. Os pacientes, os habilidosos, teriam que aprender, pasmariam para o engenho com que tudo aquillo estava arrumado. N'uma velha lata, que fôra de salmão de conserva, entrevi um pedaço de pente partido, um carrinho de linhas, alfinetes e uma agulha cuidadosamente espetados n'um quadrado de baeta verde. Na tampa, a mesma bandeirinha tricolor, desenhada provavelmente entre dois raros descanços de trincheira; ao lado um espelho de dois centimetros com a legenda por cima, escripta a lapis: *La belle France!* Tambem havia umas moedas de cobre, talvez uma recordação. Arrumada a

caixa ao lado das camisas, o soldado tirou ainda d'aquelle sacco inexgotavel um frasco com tintura d'iodo, um papel com pensos onde estavam enrolados uns suspensorios de reserva. E erguendo triumphalmente no ar um pacote minusculo, do tamanho d'uma laranja, confessou-me que era um pouco de arroz que trazia comsigo havia quasi dois annos e que tinha de reserva para quando a fome apertasse demasiadamente ou o pão da ordem fôsse por demais intragavel.

Já o talude estava esmaltado com os objectos mais variados, mais heterogeneos e ainda o sacco permanecia cheio. Animado, sem já se lembrar do seu pé, que continuava descalço, o meu *poilu* examinava agora, com detida attenção, um par de peugas. Depois, um maço de cartas não fez mais do que passar-lhe entre as mãos para de novo se sumir n'aquella caverna abyssal, que trazia ás costas desde quatro annos. Mostrou-me um ovo cosido que lhe tinham dado dois dias antes em Landrecies e que tencionava comer no proximo domingo. E tendo achado qualquer coisa de agradavel, abriu uma bocca ruidosa, rindo com satisfação — e passou-me um outro pedaço de papel desbotado, notando:

— *C'est ma femme!*

Uma mulher gorda, alta, pousára deante da objectiva, com um vestido de xadrez, um vestido de domingo. Precócemente envelhecida,

com um ar de terror, de martyrio, pareceu-me bem a digna companheira d'aquelle *poilu*. O homem olhava tambem, devorava o retrato com a vista:

— *Après ces sales boches j'irai la rejoindre*...

Uma sombra correu-lhe pela face. Encolheu os hombros... Ah! Quando iriam embora os *sales boches?* Só Deus o sabia — e podia elle ir primeiro dormir para todo o sempre debaixo da mão vastissima de Deus! E assobiou dois compassos da *Brabançonne*, deixando as mãos quietas um instante, como quem segue um pensamento, que, decerto, se lhe tornou importuno porque volveu a remecher no seu interminavel sacco que parecia agora transbordar por toda a larga estrada que se estendia a perder de vista. Ainda o vi, azafamado, arrumando, distribuindo, revolvendo papeis mysteriosos, embrulhos secretos cujo conteudo me não communicou...

Alguns grossos pingos d'agua cahiam já, lentamente d'um ceu baixo e cinzento. Para o oriente desenhava-se um aguaceiro. Era tempo d'afivelar aquillo tudo, partir. Toquei-lhe no hombro. Não me attendeu. Um vento leve levantou-se fazendo arfar as camisas, as peugas, e no meio d'aquelle enxoval, em pleno campo, o soldado, esquecido, considerava qualquer cousa dentro d'uma carteira entreaberta. Por cima do hombro d'elle espreitei:

Dentro da carteira estava uma photographia, um petiz de cabellos cahidos, olhos grandes, face chupada e doente. O homem não despegava os olhos d'aquelle retrato amarello, que parecia ainda humido de lagrimas. E de facto duas, enormes, limpidas, roláram lentamente, cahiram sobre o cartão onde continuaram como duas perolas sobre a face chupada e doente. Percebi. Era o filho.

O "Novoie Vrémia" e "A Capital"

Muito bem me recordo da tarde de entremez em que eu e o sr. Sewenderff entrámos em contacto. Dois gallos emproados e hesitantes, mirando-se e medindo-se não nos definiriam melhor. O major Dufourac apresentou-nos:

— Paulo Sewenderff, do *Novoie Vrémia*, de Petrogrado.

— Mario de Almeida, de *A Capital*, de Lisboa.

O sr. Sewenderff teve um sorriso, um d'estes sorrisos que significam claramente: — *Ah! Bem sei, bem conheço... Lisboa... «A Capital...» Ora! Sou tu cá tu lá com isso tudo...* E avançou. Eu arremeti tambem com a familiaridade d'um homem que está dentro de todos os tinteiros do *Novoie Vrémia*. E, moralmente, Portugal e a Russia communicaram com effusão.

Li, algures, um velho dialogo de Vigny, que se chama *A cerveja mentirosa*. Dois cavalheiros

desconhecidos um ao outro, de *tromblon* e de collete á Dumoustier, sentados a uma mesa da *Bénette*, teem um immenso desejo de serem agradaveis mutuamente. E tanto forçam o elogio, de tanta maneira affectam saber particularidades amaveis sobre o parceiro, que terminam por bofetadas, julgando-se victimas d'uma mistificação. Com o sr. Sewenderff, lembrei-me logo da *Cerveja mentirosa*, mas não desejando acabar em sopapos, fui cauteloso. De resto, durante todo o tempo que passámos juntos, ambos nós tivemos sempre a mesma ideia que preciosamente escondemos um do outro. O sr. Sewenderff resolvia com os seus botões:

—Vamos a vêr se este typo me dá um artigo sobre Portugal...

E eu, miserrimo follicularío, parafusava:

—Se este latagão me fornecesse uma Russia inedita, era bem bom!...

Era uma questão de habilidade. Para conseguir este duplo fim, usámos ambos, sem vergonha, de processos escandalosos. O que o russo disse de Portugal daria um longo poema heroe-comico. A vastidão das enormidades que eu expelli ácerca do *Novoie Vrémia*, só em Lisboa poude medil-a, desesperadamente agarrado a uma Encyclopedia, banhado em suores frios e estremecendo de pavor retrospectivo. E todavia o sr. Sewenderff não era merecedor de tão ousada impudencia. Desistindo de inventar Portugal—

de que eu, aliás, lhe dei um *aperçu* em vinte e cinco linhas — falou-me com volubilidade, não do que a Russia é, porque até hoje ninguem o sabe ao certo, mas do que provavelmente se passaria n'esse paiz tão gelado e tão longinquo. E as suas deducções foram tão logicas que por vezes o sr. Sewenderff prophetisou sem o querer e com tanta naturalidade como se fosse muito simplesmente Elyseu ou Jonas.

— Em primeiro logar, a Russia, — affirmou elle — não é um paiz europeu. É apenas um paiz que tem uma porta que deita para a Europa e note que essa porta está quasi sempre fechada. O que se passa lá dentro, mesmo em tempos normaes, é muito confuso, muito nebuloso, *asiatico*, emfim. De facto, a Russia, besuntada de modernismo em industria e em mechanica, é, ainda hoje, socialmente, a Russia de Voltaire e de d'Alembert e affirmo-lhe que em pleno seculo xx está muito mais proxima da ideia que d'ella fazia Montesquieu do que como a conta Salvandy. Estamos atrazados d'um seculo muito embora no calendario só andemos demorados onze dias. Por isso, n'este paiz que hoje atravanca e aterra o mundo com a sua politica, — não ha na realidade politicos.

— É um paradoxo.

— De modo nenhum. Na Russia não ha maximalistas nem imperialistas, nem moderados, nem conservadores, nem radicaes. Essas coisas

encontram-se figuradas por tão pequenas minorias que cada uma d'estas ideias póde representar-se por meia duzia de individuos, ou mais cultos ou mais intelligentes, e que tomam logo os costumes e as caracteristicas dos *meneurs*. O que existe palpavelmente, positivamente, na Russia, é o *moujick*, um bruto acephalo, um bruto medonho, sanguinario e selvagem como todos os brutos, vivendo no terror sacrosanto do Paesinho, emquanto é o Paesinho quem manda. Se ámanhã fôr Lenine a chave da cupula, o *moujick* transfere o seu terror sacrosanto do Paesinho para Lenine, obedece a um como obedece a outro, sem perceber, sem comprehender, inalteravelmente *moujick*, eternamente acephalo.

— É um rebanho, então...

— Perfeitamente. Um rebanho. Perfeitamente! Todos nós temos visto n'estes ultimos tempos, com desusada frequencia, telegrammas a contar que sessenta mil maximalistas proclamaram a republica dos *soviets* no Ural ou que cem mil bolchevikistas decretaram a extincção do capital. Não ha erro maior. Quem proclamou a republica do Ural — e quando digo do Ural, digo d'outra qualquer das muitas que n'este momento existem no meu paiz, — foi um cavalheiro amorpho, chegado de Petrogrado com ordens frescas e certa facilidade de elocução, e que por isso mesmo absorveu em quatro phrases os sessenta mil maximalistas; teria sido a mesma coisa

se fossem seiscentos mil. E quasi que lhe garanto que dos cem mil individuos que o aterrado telegrapho explica terem decretado a extincção do capital, noventa e nove mil e novecentos não fazem a mais pequena ideia do que isso seja...

— Parece-me pouco provavel...

— Erro! Erro ainda! — proseguiu o sr. Sewenderff com animação. — Os senhores não fazem ideia nenhuma do que seja o *moujick*. Imaginam sempre que se trata de homens. São apenas animaes. Repare que a terra do *moujick* é tambem a terra do *knout* e estas duas coisas fizeram-se uma para a outra, embora isto pése ás civilisações do lado de cá, onde não ha escravos nem chicotes. É por isso que a Russia d'hoje pertence a meia duzia de creaturas apenas. Em cem milhões de russos, não esqueça que noventa são constituidos pelo camponez, propriedade do senhor, vendido como carneiros, explorado como cavallos de carroça. É uma massa de primeira ordem para seguir e apoiar um *meneur*. Mas não ha que ter confiança n'ella porque duas horas depois, pode seguir um outro de ideias inteiramente oppostas...

— Que vae, então, succeder na Russia?

— Boa pergunta, logica pergunta d'um jornalista, ingenua pergunta d'um desconhecedor da nossa vida social. Não estou na minha terra, posso, por consequencia, ser propheta, — continuou sorrindo, o enviado do *Novoie Vrémia*. Na

Russia, quatro espiritos exaltados tomarão a immortal Revolução, a Grande, a de 89 e como hão-de apenas vêr n'ella uma vantagem para a classe média, para a burguezia, — hão-de puxal-a, deformal-a, estical-a a mais não poder, farão um Terror muito maior, muito mais consideravel que o de 93 — e assassinarão o *czar*. Note que eu não digo *executar*,—digo *assassinar*. Com *moujicks* não ha logica mascarada em legalidade, ha apenas selvageria pura e simples. Depois d'esta obra, destruida toda uma vasta engrenagem social, — como a Russia é um paiz immenso, sem communicações quasi e quasi sem acção rapida do poder do centro para a peripheria, as tendencias separatistas hão-de accentuar-se — e o meu paiz desmembrar-se-ha... provisoriamente. E como é na confusão e no cahos que as leis fenecem e morrem, não mais haverá leis e cada qual fará uma para seu uso. Teremos então, n'uma escala nunca vista, roubo, assassinio, impiedade e injustiça. Entrementes vencerão os alliados, tudo aquillo entrará lentamente no que vulgarmente se chama a ordem: obediencia á auctoridade constituida e bolsa aberta para o pagamento do imposto. E o *moujick*...

— Melhorará a sua vida...

— Qual! Não deixará de ser o que é, permanentemente *moujick*, expressão concreta da fatalidade resignada. Pode o senhor transformar as

castanhas em peras? Não pode. Pois ninguem transformará o *moujick.* O mais que se consegue é mascaral-o...

—Elle se modificará com o tempo.

—Sim—terminou o sr. Sewenderff.—Por alturas do seculo XXX, talvez...! Nas vidas collectivas, como nas vidas individuaes, não ha saltos bruscos, nem d'um só jacto se fundiu nunca uma modalidade nova como expressão d'um progresso concreto. É da mais elementar philosophia este conceito; está em todos os tratadistas. Veja a differença que ha entre a *Jacquerie* e a Fronda... Mas quê?... Entre ambas está o abysmo de tres seculos. Lembra-se dos *Pastoraes,* do tempo de San Luiz, que pilhavam e saqueavam sem medida e sem plano? Pois esta tragica scêna do seculo XIII, repete-se, agora, na Russia —e no seculo XX. É que, de facto, na Russia, estamos em pleno seculo XIII.

A gente grave e sombria

Os inglezes fizeram do jornalismo da guerra uma profissão nobre, arriscada, intelligente, com tantos motivos para o louvor e para a distincção como a do soldado. O snr. Parcival Phillips, que nunca tive ocasião de vêr, mas de quem me fallavam constantemente, correspondente de guerra de um dos primeiros jornaes de Londres, era, sobretudo, na hierarchia dos *reporters*, tido como um deus condescendente que do Olympo tivesse vindo observar as inepcias dos homens. Para os soldados francezes, apesar do seu Serge Bassêt, sempre citado com saudade por quantos o conheceram, o jornalista é pura e simplesmente um mandrião. Com efeito. Se se pode admittir em plena efervescencia da campanha um ocioso sem occupação definida, mirando e observando sem trabalho apparente, — decerto esse inocupado é sempre um jornalista correspondente de guerra. E não se pode negar que é sempre olha-

do com certo desdem nos momentos curtos em que os trabalhadores encaram com esse vulto cuja impassibilidade contrasta quasi sempre com a azafama que vae em derredor. No ar passa constantemente o sopro rugidor de mil canhões e em todo o vasto circulo do horisonte, sem descanço, sem fim, volutas de terra soerguida marcam o rebentar ininterrupto das granadas. E n'aquella tempestade, vibrando com todos os nervos, os homens apparentam uma placidez em que se adivinha um paroxismo de esforço. Vi, nos inglezes, a tenacidade envolvida em fleugma, observei n'estes francezes um coração ululante, angustiado, cuidadosamente occulto a qualquer exame estranho. As formigas laboriosas, diligentes e negras, n'um fervilhar de labor que nada distrae, lembram ao espirito, ao mirar da tarefa gigantesca e séria a que se entregam sem um sorriso, uma palavra ou um gesto escusados.

Os homens de Valmy e de Sambre-et-Meuse, rôtos, esfarrapados, tinham a alma tão patente como nus eram os seus pés trilhando a lama durante semanas, descalços e feridos. O seu corpo era uma chaga — o seu peito um vulcão. Os d'hoje, os bisnetos, teem sapatos confortaveis e o fôgo dos seus corações parece extincto sob a méscla resistente dos dolmans. De longe não são já as manchas barioladas, estridentes de côr, que defendiam moinhos nos tôpos das colinas e esturgiam os espaços com o grito immenso de

liberdade. Mas no meio d'ellas, na promiscuidade da trincheira, *apalpados* e não vistos apenas, são ainda as creaturas d'abnegação, de sacrificio e de coragem onde todas as qualidades impereciveis da raça, despidas de *sans-cullolismo,* continuam nitidas e firmes sob a capa menos vistosa mas muito mais duradoira de simples cidadãos. O enthusiasmo envolveu-se em frieza mas existe, vibrante como outr'ora. E para o vincarem melhor, estes gaulezes polidos por excellencia, estes gaulezes creadores, inventores de todas as etiquetas, não duvidam ser rudes, bruscos, até mesmo grosseiros e a tal ponto que se duvida se aquelles homens serão os netos dos mosqueteiros negros de d'Estrées, carregando em Lawfeld com narizes de papelão ou tirando os chapeus emplumados, com requintada fidalguia, na tarde duvidosa de Fontenoy.

Já para o oeste de Soissons, no regresso d'esta visão tão curta e tão macabra, encontrei-me no amago do exercito francez, nas vesperas da grande offensiva *nach Paris.* E justamente a duzentos metros para a esquerda da estrada onde rolava com pachorra indifferente o *camion* vagaroso em que ia empoleirado, um canhão de trinta, assente na sua plataforma, envolvido em abatizes, rodeado por um pessoal diligente que em roda d'elle semilhava formigas rodeando um tronco d'arvore, lançava de dez em dez minutos, com pontualidade, o seu furacão de aço. O offi-

cial, um alferes, recebeu-me mal. Fui encontral-o a trinta metros á direita do seu canhão, meio enterrado n'um buraco de lama forrado de grosso adobe que se esboroava desenhando riachos fétidos. Estava em mangas de camisa, sentado n'um cesto vindimeiro, com um auscultador de telephone em cada ouvido e rouquejava ordens como quem atira calhaus, d'arremesso e com odio. O que elle dizia aos seus homens não o sabe murmurar, decerto, o mais desbragado carrejão. Quando lhe surgi pela ilharga encarou-me com máu modo, largou um *allez* que immediatamente desencadeou o estampido inaudito da peça — e expelliu:

— *Qu'est ce que vous venez ficher ici, vous?*

Depois, mais brando, desculpou-se com desenvoltura e contou-me o seu caso. Estava a cahir de fome. Havia já perto de trinta horas que se tinham esquecido d'elle, nenhum graduado apparecêra a rendel-o e nem mesmo do *ravitaillement* de que dependia directamente lhe chegára até á bocca uma codea de pão. Presumia que o inicio da grande offensiva tivesse lançado alguma perturbação no machinismo tão pautado dos seus compatriotas, já aguerridos, já habituados. Estava a cahir, em resumo. De forma que para enganar a fome, activára um fogo diabolico e pelo telephone expellia o seu máu humor a trinta metros para a esquerda onde rumorejavam, tambem como elle, desesperados em torno da sua peça,

uma duzia de famintos meio nus, crispados d'ancias, ardendo em febre, com os olhos afogados na vontade indomavel de vencer...

A *dança macabra* do taciturno Holbein, espalhando a ideia da morte pelos muros do cemiterio de Basileia, parece estar sempre viva e nitida na mente d'estes homens graves e sombrios. Se realmente para os anglo-saxões uma bala terminante e decisiva constitue um factor minimo, encarado com desdem, — bem diversa é a opinião dos *poilus* que mais uma vez estão assombrando a humanidade. Para elles, a morte é uma coisa bella, olham-na com volupia, desejam-na para o bem, para o futuro da sua patria. E os homens de cabellos brancos não offerecem unicamente a sua vida; e sorrindo, com um grande e nobre sorriso que os eleva e os redime, dão, tambem, o sangue dos seus filhos. Esse rude e forte d'Esparbés, que vae provavelmente escrever um grande e magnifico livro sobre a guerra, viu morrer na sua frente, varado por um estilhaço de metralha, o seu unico filho, a sua esperança de todos os dias. Quando fala d'essa tragedia dolorosa os olhos olham sem vêr, uma grande ruga vinca-lhe a fronte envelhecida e termina sempre por dizer, depois de uma pausa:—*Mourir pour la patrie... C'est beau!* — E os labios cerram-se-lhe. De resto a sua phrase final parece um echo de milhões de phrases identicas...

C'est beau!... C'est beau! E é esta preoccupação constante de morrer em belleza, morrer sendo util, que dá a estes incomparaveis francezes, a tenacidade com que resistem meio sepultados já nas suas trincheiras épicas.

Onde o inglez é polido, empertigado, enluvado de mãos e de maneiras, o francez é secco, desatento e rude. A guerra é na sua patria, no seu solo, no seu casal. Todos os seus outros alliados batem-se e morrem. Elle, bate-se, morre — e vê morrer os seus, sentindo-se vagamente innundado pela onda crescente dos amigos que se lhe installaram em casa e lhe alteraram até, profundamente, o *facies* d'algumas das suas provincias. Dá o seu maximo de esforço e de coragem. Em toda a azafama das rectaguardas não vê, não fala, age de dentes cerrados como se temesse, expandindo-se em gestos inuteis, minguar a sua força aproveitavel. Recalca as suas qualidades nativas de *blague* e de bom humor e usa, ás vezes, d'uma coisa totalmente desconhecida aos seus bons amigos inglezes: a lagrima. Esta deficiencia que os falsos fortes acham apenas possivel nas mulheres e nas creanças, é n'elles uma coisa que os torna verdadeiramente superiores. Para uma França crivada de radicalismo e de politica, esta lagrima é um depurativo e vae agir notavelmente nos dias fecundos da Paz. Aquelle *piou-piou* hirsuto, esfarrapado, que vae morrer e sabe que vae morrer,

tem uma immensa esperança no futuro. Que importa que elle não possa vêr esse futuro? Resigna-se á sua missão de simples machinismo, arremette de cabeça baixa para aquella voragem devastadora, állucinado, desesperado, louco, deixando cahir anáthemas, prantos, bençãos — e desapparece. Ah! *Mourir pour la patrie!* Uma coisa existe que vale bem o sacrificio total, absoluto: — *C'est beau!*

A Aurora

N'aquella madrugada, pelas tres horas, foi acordar-me a ordenança do alferes Dubost. Ás seis horas da manhã devia passar em Senlis o trem de caminho de ferro que devia largar-me em Paris, dando a volta por Pontoise. E ainda eram vinte e oito kilometros d'ali á *gare*. Era a ultima noite de campo.

Cá fóra estava uma noite sombria, escura como breu, gelada como as costuma ter ainda pelo mez de maio este solo da Picardia, com tão pouco relevo que as rajadas da Mancha ainda lhe chegam por vezes carregadas de emanações salinas. Trepei, quasi que pelo tacto, para um dos *camions* da interminavel fita do comboio automovel que seguia devagar para sudoeste, fugindo para a calma relativa das regiões que a guerra não assolára ainda, — e aconchegado entre grandes caixotes vasios, tremendo de frio debaixo do capote, ia lentamente affastando-me

d'aquella immorredoura recordação que tem povoado o meu somno de sonhos e de visões. Por tres vezes tentei acender o meu cachimbo attestado com excellente tabaco loiro do meu ineffavel Robinson, que nunca mais tornaria a ver,— sem o poder conseguir. Larguei-o e crispado d'estremecimentos, já esperto pela brisa aguda, olhei.

Aquella agreste melancolia que nos invade quando deixamos para sempre uma coisa ou boa ou má, mas que nunca mais tornaremos a ver, cahiu um pouco, envolveu-me todo n'uma bizarra tristeza que tinha, ao mesmo tempo, uma ponta de satisfação pela perspectiva d'uma boa cama, d'um quarto mais confortavel, por uma noite só que fosse, ali, na esquina do *boulevard* da Magdalena. Tombavam já n'um crepusculo indeciso, sem forma e sem nome, aquellas visões de sangue, de luto, de abnegação, as incomparaveis scenas de chimera que se tinham desenrolado a meus olhos, quasi tão negras, tão vagas como toda a paizagem que em volta de mim parecia desenhada com borrões de tinta, sem claro escuro, sem linhas precisas, como as manchas mais flagrantes de verdade do velho e delicado Gavarny. A estrada sumia-se n'um pego de escuridão, debruada confusamente por uma longa linha de freixos a que a ventania agitava as cômas e que pareciam cabelleiras de Gorgonas debatendo-se no grande lamento da briza. Pelo

céu corriam farrapos de nuvens encasteladas, velando de quando em quando as constellações que brilhavam no fundo azul-negro do firmamento com incomparavel e palpitante fulgor. A trovoada infernal que durante quatro annos, sem um segundo de repouso, sem um minuto de fraqueza, povoou de fremitos e de ribombos de desastre toda aquella terra de heroismo e de sangue, ia esmorecendo cada vez mais. Era já um rumor, quasi um bulicio. Em breve passaria apenas a ser uma recordação enterrada no amago do meu espirito.

Noite escura debaixo d'aquelle céu crivado de lumes vivos, noite ultima de campanha, em pleno silencio, frente a frente com o olhar do Todo Poderoso. Na magestade espectral d'aquellas sombras immoveis, perante as quaes desfilava como n'um sonho e que nunca mais, nunca mais tornaria a ver, bem senti, bem comprehendi como na solidão Deus costuma falar ao coração dos homens. E decerto essa voz magnifica que só fala dentro de nós e que é ouvida apenas pela nossa consciencia, esqueceu outros destinos, demorou um instante da sua eternidade no pensamento que me fazia crusar na mente. Voltando costas á tempestade de ferro, á onda de clamores, sob a paz d'aquella augusta immobilidade, nitidamente me parecia que voltava á tarde ululante em que descêra em Breteuil, mergulhára repentinamente, depois da bucolica do caminho,

n'aquella multidão armada que marchava para a frente, correndo sem se deter, ordenando ao espirito que vencesse a materia, n'um grande clarão d'archotes rubros, n'uma ingente esperança em um futuro melhor. E ouvi depois, novamente, a voz de Deus, a voz de dez mil canhões dardejando settas de fogo por todo o espaço em fóra, trilhei mais uma vez, ainda uma vez, aquella terra abençoada e martyr, a terra de ninguem, todo o Artois em chammas, toda a Picardia em fogo, onde o gallo, o licorne e a aguia se combatiam sem treguas e sem descanço faziam correr tão caudalosos ribeiros de sangue como fartos são os riachos das serras depois dos aguaceiros de março. Os bravos heroicos, os bravos humildes da cota 321, os queridos compatriotas cahindo em torno da sua peça, batendo-se na terra extranha, desfilaram lividos, enormes, formidaveis, na claridade indecisa das estrellas. Eu vi-os. Marchavam, todos seis d'uma palidez de cera, irregulares, fugitivos como trasgos — e todos traziam na mão o seu coração ensanguentado e bello que haviam offerecido á Patria e que a Patria, longe, para lá do horizonte, parecia esquecer já... E o *camion* rolava pela tréva parecendo caminhar para aquelle perfil na sombra agitado de manchas ululantes, todos os obreiros de mestre Nicolau de Posnania, que choravam e se debatiam n'um desespero sem fim entre ruinas d'arcos botantes, por entre vitraes estilhaçados

das rosaceas d'uma cathedral. Toda a casaria cinzenta e arrazada de Amiens perpassou outra vez perante mim e desfez-se em fumo e evaporou-se em humidades tenues, riscando já então as machinas modernas, os estranhos engenhos do seculo xx, os *tanks* gigantescos que esmagavam, semeando mortes no espadanar dos sangues, todos os sangues latinos, todos os sangues slavos, a carne e a vida d'uma brigada russa que se batia com desespero e sem esperança. E as energias surgiam outra vez, suggestionavam-me outra vez com tanta acuidade, tanta insistencia, que ouvi de novo a voz do padre aviador contando como arremeçára bombas sobre creanças que sahiam d'uma escola e aquella outra do mesmo peito, do mesmo cerebro, com que espalhava, n'uma cerimonia de campo, ideias christãs de humildade e resignação. Deslisavam com subtileza, esgueirando-se na solidão dos espaços, silhoetas de selvagem amor da Patria, coragem, sacrificio, bravura, decisão, energia, amalgamadas n'um desejo unico: vencer, vencer sempre, constantemente, atravez de tudo... E as queridas virtudes que tornam os homens sublimes, vi-as tambem, do alto do meu *camion*, apagadas mas pertinazes, tão fortes na sua fraqueza que abalaram o mundo e trinta revoluções não as derruiram ainda. Outra vez o sino da egrejinha de Fléchelles tilintou cristalino para mim, as suas *Avé Marias* limpidas, tão finas que aba-

favam o troar das peças, emquanto os torrões da terra tapavam o caixão do artilheiro que descia, envolvido na sua tricolor, ao seio da Mãe-Natureza, na paz immarcessivel de uma tarde de verão, quieta e perfumada. E foi depois a mulher branca, a mulher de França, convulsionada em pranto, tragica, hirta, sublime, consolando, amparando, acompanhando em todos os momentos a morte d'aquelles que tombavam nas necropoles immensas das cidades onde as pedras uivam, onde as pedras falam. Miserias e explendores desfilaram, desfilaram lutos e soluços, a multidão imensa dos *faineaux*, reis *Lear*, sem tecto e sem pão, pesquizando nas ruinas com uma ruga immensa, uma ruga inapagavel na face angustiada, emquanto ao lado, em volta, n'uma serenidade explendida e desprendida, vozes alegres solicitavam sem descanço *champagne*, *champagne*... E aquelle nucleo pequenino, o nucleo portuguez, surgiu, perdido no oceano das fardas estrangeiras, queridos irmãos de Laventie e de La Lys, espalhando clarões d'epopeia entre lamas e miserias, comendo o seu peru n'uma noite gelada de Natal, regando-o com lagrimas de saudade, transformando os soluços em gargalhadas, como outr'ora o tinham feito já os avós que foram á India, quando para lá de todos os mares, para lá de todas as terras, relembravam a cidade das sete colinas... Quanto crepusculo, quanta magoa, quanta miseria espalhada em mi-

lhares de casaes, suffocadas, comprimidas no borborinho immenso dos indifferentes que passam! E de toda aquella noite, de toda aquella desesperança amargurada, uma aurora magnifica havia de explender, a do porvir, amassada em sangue, envolvida em lutos, entre clarões de purpuras estridentes, apotheoses de Detaille rompendo atravez de fachos côr de ouro. A eclosão magnifica, a eclosão triumphante custava aquillo! E seria humana aquella Aurora porque era de sangue, era o bem dos Maiores para os netos, a lição, o conselho, o esforço, a indicação do caminho... Era a terceira ou quarta aurora que vinha a surgir em seis mil annos de humanidade pensante e soffredora, mais uma *étape* na estrada que vae até Deus, mais um degrau da escada mysteriosa por onde sobem cégamente as gerações que se sucedem. Milhões de vidas ceifadas? Um momento de espera na marcha allucinada dos homens? Que importa! Era a Aurora d'um periodo novo, um periodo que exigia d'antemão o seu resgate para poder irradiar para aquelles que não conhecerêmos nunca — e que nem mesmo se lembrarão de nós. Era a Aurora maxima, era a Aurora de cem mil auroras!...

Ia calcando machinalmente o *three castles* loiro no forninho do meu cachimbo emquanto os olhos me vagueavam pelo espaço, perseguindo a visão espantosa. O *chauffeur*, tomado de frio, pigurreou entre duas pragas. Eu não buli. A

cauda da Grande Ursa tocava já no horisonte de nordeste fulgindo com scintilações vivas. A Cassiopeia minguava de luz, como que desmaiada na brisa aguda da madrugada. E n'isto o *camion* parou de subito na altura das primeiras casas de Senlis. Para as bandas do léste, na linha do horisonte, uma barra purpurina atravessada da laivos roxos, ia subindo devagar, tão estridente, tão viva como nos quadros de Salvator Rosa. Na chamma indecisa ainda, reconheci a aurora, a aurora de todos os dias. E pela primeira vez pareceu-me muito menos bella do que a outra, a que tinha entrevisto com os olhos d'alma por favor esplendido do pensamento.

Paris-Hendaya

Ás sete e meia da tarde, ainda com sol muito alto, justamente quando o *chauffeur* me largava na estação do caes d'Orsay, quasi em frente do palacio da antiga embaixada allemã, as sirenas começaram atroando os ares. Era o *raid*, o *raid* quotidiano e inevitavel. Ao descer as escadas ia praguejando em surdina:

—Irra! Cebo! Basta! Basta de tanto tiro!

E era de rancor. Mas, a seguir, ao installar-me no meu compartimento deserto, arrependi-me logo. E os que estavam n'aquillo ha mais de quatro annos? Para mim tinha sido um *film* de cinema, para elles um moirejar duro e constante. Correndo já pelos campos da Ile-de-France, com o crepusculo que descia, sentia descer tambem em mim aquella vaga melancolia sem forma e sem nome que sempre nos acompanha no magestoso cahir dos poentes. Já respirando baforadas da patria que me chegavam d'alem dos Pyrineos, pensei, então, no Rocio. Áquella hora

suave, já deante do posto do Theatro Nacional se enfileiravam os espectros palidos e diarios que no mesmo momento aguardam todas as tardes o carro de Bemfica ou do Lumiar. Todos os titeres archi-conhecidos, todas as faces insupportaveis dos politicos e dos *badauds* se me fixaram na mente. Julgava tel-os já esquecido. Os ociosos do *Martinho* escorropichavam a ultima gota do café, os perfis gastos e vistos até á saciedade, largavam a esquina habitual—e deante da *Monaco*, ao primeiro luzir das grandes estrellas trémulas, desfilavam madamas com saltos de palmo, falando alto, petulantes... Talvez se déssem tiros na *Brazileira* e podia muito bem ser que na esquina da Betesga se tivesse esboçado um movimento revolucionario... Para ali voltava, para ali ia soffrer, viver e morrer, estranho, perdido no meio do tumultuar esteril dos meus compatriotas que deixavam de falar em mulheres para discutirem politica e deixavam de falar em politica para discutirem mulheres... E eu, brevemente, pela força do habito, pelo correr despercebido dos dias, ia tambem escorropichar o meu café, interessar-me pelos tiros da *Brazileira*... O Rocio! O pavoroso e abominavel Rocio!...

Quando acordei já era sol nado. O trem parára, esquecêra na estação d'Angoulême. Por detraz d'uma cancella rompia um grande macisso de lilazes em flôr. Só então reparei que no outro

canto do vagon viajava uma senhora de cabellos brancos, que me olhava curiosamente, muito agarrada a um sacco enorme de veludo preto. Deitei fóra o cigarro inconsciente que enrolava entre os dedos, meio tonto ainda. Soletrei machinalmente o letreiro habitual em todos os sitios publicos, em todas as carruagens: — *Taizez-vous! Méfiez-vous! Des oreilles ennemies vous écoutent.* Fôra o primeiro lettreiro que tinha lido ao entrar em França; seria provavelmente o ultimo que veria ao largar a fronteira. N'esta prescripção dura e imperativa, estava toda a França da guerra. *Taizez-vous! Méfiez-vous!*

Bruscamente todo o esforço individual, todo o esforço anonymo d'aquelles homens appareceu-me mais bello ainda, maior se é possivel, sem vangloria, sem *boutade*, sem exteriorisação. N'aquella terra povoada de heroes — ninguem apontava um heroe, ninguem a si proprio se classificava de heroe. Era o sacrificio apagado, a dadiva obscura da vida, sem phrases, sem gestos, sem correspondencia posthuma, a magnifica renuncia de tudo a favor d'essa abstracção a um tempo sublime e absurda, que se chama Patria. Voltei outra vez a pensar no Rocio — e nos seus heroes. E n'isto o comboio recomeçou rolando com vagar por uma campina toda matisada com as flôres estridentes do verão.

Creio que foi o velho Rousseau quem o disse — e nas *Confissões* — *il voyageait pour le plaisir*

de revenir. Decerto esse prazer nasce do *stock* de impressões, de factos, de commentarios que trazemos e que gostamos muito mais de transmitir aos outros no nosso meio ambiente, do que muitas vezes sentil-os em terra estranha. Eu, porém, nada trazia que pudésse contar. Tudo estava dito, tudo estava feito. Levava commigo farrapos de visões, manchas, apotheoses, silhoetas, perfis, todos vistos atravez do meu temperamento, todos cendrados, quasi imprecisos — e d'essa França d'onde nos vem todo o alimento espiritual, apprehendia aspectos e golpes de vista que só por maravilha poderiam forçar a attenção dos distrahidos, dos indifferentes, d'aquelles para quem a vida está toda entre a porta do Grandella e a pastelaria Ferrari. Como succede ás vezes, pelas noites quentes de junho, debaixo d'um céu crivado d'estrellas, apercebermos na linha do horisonte os relampagos de uma trovoada que não vêmos nem ouvimos, assim eu trazia da linha a fugitiva, longinqua impressão d'uma tempestade que sentira mas não soffrêra. E o que avaramente conservava commigo, como uma divina e imperecivel scentelha que sempre alimentarei e guardarei, era apenas um clarão da epopeia formosissima que seis milhões d'homens, entre lagrimas e rugidos, levantaram em quatro annos e que nenhum Tasso, nenhum Ariosto poderão cantar jámais porque foi sobrehumana, foi unica na historia dos homens e dez seculos

passarão, sem duvida, sobre ella sem lhe esmorecerem a grandeza nem lhe apagarem a sublimidade. Colhi parcellas minimas d'este duello de gigantes, nada vi de conjuncto e da intensidade d'elle apenas posso fazer uma ideia frouxa pela serie de esforços individuaes, tenazes, corajosos, que por toda a parte encontrei. Cargas heroicas de cavallaria como em Reichoffen, delirios de brigadas como em Saint Privat, epilepsias de desespero como em Beaumont ou Frœchwiller, —julgo hoje mais do que nunca que são phantasias de litteratos appoiados, secundados pelo pincel idealista dos pintores. De novo me voltou á memoria o que na esquina da rua de Séze me disse o cabo de infanteria 34. Da batalha de Laventie nada vira, nada soubéra — e tinha entrado n'ella. Só um ou outro Estado-Maior mais perspicaz, mais arguto, poderá, debruçado sobre a carta, observando d'algum mamelão favoravel, abranger um ou dois sectores d'uma grande batalha; poderá suppôl-a com maior ou menor verosimilhança, mas nunca descrevel-a e muito menos affirmar que a viu. Os homens são pequenos demais para poderem seguir as tempestades, mesmo aquellas que desencadeiam por sua propria vontade. E bem me pareceu que a guerra não passava, afinal, do esforço maximo de cada qual, delimitado pela ordem do letreiro: — *Taizez-vous! Méfiez-vous!*

Sol já muito alto. Bordeus. Depois as areias

fulvas que se estendem até Arcachon, de novo a immensidade viva da *lande*, *la verte douceur du soir sur la Dordogne*, como dizia o incomparavel Rostand. Ao deixar aquella terra, onde encontrára apenas uma secura polida, parecia-me que deixava na realidade a minha, caminhando para um exilio d'onde não voltaria jámais. Quando no horisonte do sul começaram apparecendo, esfumados em nuvensinhas de calor, os cabêços irregulares dos Pyrinéos, quando outra vez Hendaya de côres tão vivas, placida e serena, mirando perpetuamente a collina de Fuenterabia, surgiu engrinaldada de ailanthos, foi com emmoção, com saudade, ao descer do trem, que me despedi da creatura que não largára o seu enorme sacco de velludo preto e não deixava de me observar com insistencia:

—*Bonjour*, *madame.*

Ella abaixou a cabeça. Não percebeu, não comprehendeu, decerto, com que intensa sympathia eu a fitava n'esse momento. Era o ultimo bafo da França, a ultima impressão da guerra. Agora voltava de novo ao telegramma e ao boneco mal feito do jornal illustrado. Ate já me parecia estar ouvindo o fado do *Ganga*, misturado com homens que trincavam pevides... No meio do Bidassôa, um velho torpedeiro francez fóra de serviço, fazia ondear galhardamente uma grande tricolor. Era tambem a ultima bandeira franceza. Ainda eu a seguia com a vista, quando

um ranger de freios se estendeu de ponta a ponta do comboio. Entravamos na sombra da *marqueza* envidraçada d'uma grande *gare*. Uma voz berrou:

—*Mire usted! Mire usted D. Pablo! És muy guapo!*

Deixei-me cahir sobre o banco. Era Irun! A França ficava já para traz. Adeus!

Julho-Dezembro — 1918.

Laus Déo.

INDICE

Acabou de imprimir-se este livro aos 2 de maio de 1919 nas officinas da Typographia Sequeira, Rua José Falcão, 114 a 122, Porto.